

RONALDO RODRIGUES DE PAULA

ASPECTOS DE MORFOSSINTAXE SHIMAKONDE

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2015

RONALDO RODRIGUES DE PAULA

ASPECTOS DE MORFOSSINTAXE SHIMAKONDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Gramáticas de Línguas Indígenas

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

P324a

Paula, Ronaldo Rodrigues de
Aspectos de morfossintaxe shimakonde [manuscrito] / Ronaldo
Rodrigues de Paula. – 2015.
178 f., enc.: il., maps, (p&b) (color)

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Gramáticas de Línguas Indígenas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 174-178.

1. Língua makonde – Morfologia – Teses. 2. Língua
makonde – Sintaxe – Teses. 3. Língua makonde – Voz passiva
– Teses. 4. Línguas bantu – Moçambique – Teses. I. Duarte,
Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 498.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO


Aspectos de morfossintaxe shimaconde

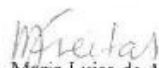
RONALDO RODRIGUES DE PAULA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Gramáticas de Línguas Indígenas.

Aprovada em 22 de dezembro de 2015, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Fabio Bonfim Duarte - Orientador
UFMG


Prof(a). Gean Nunes Damulakis
UFRJ


Prof(a). Maria Luisa de Andrade Freitas
UFMG

Belo Horizonte, 22 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Nkono umo a unabyaya imboko. "Uma mão não mata piolho."

Provérbio Shimakonde

Gostaria de manifestar minha eterna gratidão:

À minha mãe, Marly Trindade Rodrigues de Paula, ao meu pai, José Benigno de Paula, aos meus irmãos, Elton Rodrigues de Paula e Suzana Cristina de Paula, e a toda a minha família, pelo carinho, afeto e dedicação, e pelos sempre presentes laços de amor e fraternidade e incansável suporte.

Ao meu orientador, Fábio Bonfim Duarte, pela dedicação, paciência, empenho, solidariedade e amizade, que foram características marcantes nestes quase dois anos de convívio e trabalho.

Aos meus informantes moçambicanos, Lucas Miguel dos Anjos Bonga e Davety Mpiuka, pela disponibilidade e entusiasmo cativante que delegaram a este trabalho, de modo a proporcionar a este feliz pesquisador uma pequena amostra da riqueza de sua língua e cultura.

Aos meus professores da UFSJ, Marcos Pereira Feitosa, José Antônio de Oliveira Resende, Luiz Manoel da Silva Oliveira, Claudio Carmo, Edmundo Narracci Gasparini, Liliane Sade, Suely Quintana, Claudia Braga, Paulo Henrique Caetano, Bárbara Orfanó, Antônio Assunção, Enoi, Marcia Barreto, Maria Ângela, Marília, Adelaine e Dylia, dentre outros, por terem pavimentado

e lapidado meu caminho e terem despertado em mim o interesse pela pesquisa ao longo da minha graduação.

Ao meu ex-patrão, José Heleno, por ter me oferecido moradia gratuita em Belo Horizonte, na qual residi por quase um ano e meio.

Aos meus novos amigos, Raimundo, Joacy, Allef, Saimon, Lucas, Lázaro, Gilmar, Henrique, Erick, Jairo, Juarez, Nardel, Gilvan, Yuri, Jonas, Denis e Júlio por terem me recepcionado e acolhido de forma tão calorosa durante todo o tempo de convívio em república.

A todos os antigos amigos de trabalho na prestação de serviços em São João del-Rei, em especial: Eugênio, Geraldo, Daniel, João, Luiz Fernando, Uarlem, Cristiano e Nilson, pela grande amizade, apoio, torcida e confiança que depositaram em mim na minha nova jornada.

Aos meus amigos e companheiros de peripécias acadêmicas na época da graduação, em especial: Marcelo Carvalho, César Augusto, Felipe Macedo, Roger Soares, Anderson Cruz, Luiz Guilherme, Clauton Resende, Lucrécio, Flávio Milton, Fabrício Branco e ao nobre Ângelo Mário: amigos, mas, afinal de contas, “O que que isso tem a ver com os celtas?”

Aos amigos da pós-graduação, Quesler Camargos, Ricardo Castro, Guilherme Lourenço, Zezé Mutum, Bárbara Rocha, Nasle Cabana, Cristiane

Miranda, Ítalo Sena, Felipe Macedo e Flávio Giarola, por todo suporte que deram a este ainda claudicante pesquisador.

Ao Poslin, por ter tornado este trabalho possível.

Ao CNPq, pelo suporte financeiro.

A todos os amigos e pessoas que possam ter contribuído direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

E em especial, a uma pessoa que me acompanhou nestes quase dois anos, proporcionando um colorido novo para minha vida, que esteve sempre do meu lado me motivando, me auxiliando, me transbordando de amor, carinho e confiança. Suelen, eu te amo. Minha caminhada foi muito mais suave e firme com você do meu lado. Obrigado, por escolher fazer parte de minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a língua Shimakonde, uma língua do grupo linguístico Bantu falada essencialmente ao norte de Moçambique e Tanzânia. Foi desenvolvido por meio de trabalho de campo com falantes nativos e investiga, especificamente, a morfossintaxe e processos de realização de voz na língua, com ênfase em construções passivas não canônicas. Nessas construções, a morfologia se assemelha à de voz ativa, pois não há a realização do morfema de passivização {-igw-}, característico das passivas canônicas. Além disso, a morfologia de concordância de objeto (que se realiza, por exemplo, pelos morfemas da classe nominal 1 {-mu-} para a terceira pessoa do singular e da classe nominal 2 {-va-} para a terceira pessoa do plural), também continua presente na estrutura verbal, situação que não deveria acontecer em sentenças monoargumentais. Por fim, essas construções apresentam em sua estrutura verbal o morfema de concordância de sujeito da classe nominal 2 {va-}, utilizado para a terceira pessoa do plural. No entanto, esse morfema exerce uma função distinta, pois não engatilha concordância com nenhum DP da sentença. Tendo em conta esses fatos, assumimos neste trabalho que o morfema {va-} é uma nova realização morfológica de voz passiva.

Palavras-chave: Shimakonde, morfossintaxe, voz passiva não canônica.

ABSTRACT

This dissertation focus on the morphosyntax of Shimakonde, a Bantu language spoken mainly at north of Mozambique and Tanzania. The data were collected through fieldwork activities. The main objective is to examine the morphosyntax and the realization of the voice category in the language. The emphasis is on the non-canonical passive. In these structures, the morphology resembles the active voice, since there is no realization of the passivization morpheme {-igw-}, which usually occurs in the canonical passive. The verbal steam receives the morpheme of noun class 2 {va-}. However, this morpheme does not trigger agreement with any argument of the predicate. We assume that that the morpheme {va-} reflects a new morphological realization of the passive Voice.

Keywords: Shimakonde, morfosyntax, non canonical passive voice.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 -	FAMÍLIA NÍGER-CONGO _____	26
MAPA 2 -	HIPÓTESES DA ORIGEM DOS BANTU E DO INÍCIO DA METALURGIA DO FERRO _____	32
MAPA 3 -	DISTRIBUIÇÃO DE DISTINTOS POVOS PIGMEUS _____	35
MAPA 4 -	MAPA ARQUEOLÓGICO DE TERRAS AGRÍCOLAS E DISPERSÃO DE CULTURAS NEOLÍTICO-FORMATIVAS, COM DATAS APROXIMADAS DE RADIOCARBONO _____	37
MAPA 5 -	LÍNGUAS MOÇAMBICANAS _____	40
MAPA 6 -	LÍNGUAS BANTU: CLASSIFICAÇÃO REFERENCIAL DE GUTHRIE _____	45
MAPA 7 -	DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS DA ZONA P DA CLASSIFICAÇÃO DE GUTHRIE _____	46
MAPA 8 -	ZONAS LINGUÍSTICAS DE MOÇAMBIQUE _____	48

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE SEGUNDO SUA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, AFINIDADES LINGUÍSTICAS, NÚMERO DE FALANTES E SUA PERCENTAGEM _____ 43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	PREFIXOS DAS CLASSES NOMINAIS DE LÍNGUAS MOÇAMBICANAS _____	50
QUADRO 2 -	VOGAIS PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE. _____	56
QUADRO 3 -	SUMÁRIO DO RESULTADO DE ENCONTROS VOCÁLICOS _____	76
QUADRO 4 -	CONSOANTES PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE _	79
QUADRO 5 -	RESUMO DOS PROCESSOS DERIVADOS DOS ENCONTROS ENTRE NAsAIS E CONSOANTES _____	91
QUADRO 6 -	CLASSES NOMINAIS DO SHIMAKONDE _____	97
QUADRO 7 -	PRONOMES DO SHIMAKONDE E SEUS AFIxOS DE CONCORDÂNCIA _____	99
QUADRO 8 -	PARADIGMAS DE CONCORDÂNCIA DE SUJEITO E DE OBJETO _____	101
QUADRO 9 -	OUTROS PARADIGMAS DE CONCORDÂNCIA _____	106
QUADRO 10 -	ESTRUTURA VERBAL DO SHIMAKONDE _____	108
QUADRO 11 -	TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS E DISJUNTIVOS _____	113
QUADRO 12 -	TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS-DISJUNTIVOS _____	114

LISTA DE ABREVIATURAS

1S:	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR
2S:	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
3S:	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR
1P:	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL
2P:	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA DO PLURAL
3P:	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL
2FAM	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA FAMILIAR
3FAM	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA FAMILIAR
1EXCL	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EXCLUSIVO
2POL	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA POLIDO
3POL	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA POLIDO
1SA:	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR ABSOLUTIVO
2SA:	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR ABSOLUTIVO
3SA:	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR ABSOLUTIVO
1PA:	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL ABSOLUTIVO
2PA:	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA DO PLURAL ABSOLUTIVO
3PA:	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ABSOLUTIVO
1SE:	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR ERGATIVO
2SE:	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR ERGATIVO
3SE:	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR ERGATIVO
1PE:	PREFIXO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL ERGATIVO
2PE:	PREFIXO DE SEGUNDA PESSOA DO PLURAL ERGATIVO
3PE:	PREFIXO DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ERGATIVO
APPL:	MORFEMA APLICATIVO
ASP:	MORFEMA ASPECTUAL
C.A.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA ADJETIVA
C.D.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA DEMONSTRATIVA
C.E.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA ENUMERATIVA
C.O.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA DE OBJETO
C.P.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA POSSESSIVA
C.S.:	PREFIXO DE CONCORDÂNCIA DE SUJEITO
CAUS:	MORFEMA CAUSATIVO
CL:	CLASSIFICADOR PESSOAL
CN:	PREFIXO DE CLASSE NOMINAL
COND:	MORFEMA CONDICIONAL
COM:	MORFEMA DE ASPECTO COMPLETIVO
CX:	MORFEMA CONECTIVO
DAT:	DATIVO

DEM:	DEMONSTRATIVO
EST:	MORFEMA ESTATIVO
ESTS:	MORFEMA ESTATIVO SEPARATIVO
INC:	MORFEMA DE ASPECTO INCOMPLETIVO
MO:	MORFEMA DE CONCORDÂNCIA DE OBJETO (SE HOVER APENAS UM NÚMERO POSTERIOR, ESTE INDICA A CLASSE NOMINAL)
MS:	MORFEMA DE CONCORDÂNCIA DE SUJEITO (SE HOVER APENAS UM NÚMERO POSTERIOR, ESTE INDICA A CLASSE NOMINAL)
M.T.A.:	MORFEMA DE TEMPO E ASPECTO
NEG:	MORFEMA DE NEGAÇÃO
P.N.:	PREFIXO NOMINAL
PASS:	MORFEMA DE PASSIVIZAÇÃO
PERF:	MORFEMA PERFECTIVO
PIMP:	MORFEMA DE PASSADO IMPERFECTIVO
PLU:	MORFEMA PLURACIONAL
POSS:	PRONOME POSSESSIVO
PREP:	PREPOSIÇÃO
PRES:	TEMPO PRESENTE
REC:	MORFEMA DE RECIPROCIDADE
REF:	MORFEMA REFLEXIVO
REL:	MORFEMA RELACIONAL
SEP:	MORFEMA SEPARATIVO
TR:	TRANSITIVIZADOR
VF:	VOGAL FINAL

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
INTRODUÇÃO _____	17
CAPÍTULO 2	
OS BANTU E O POVO MAKONDE _____	23
2.1 As línguas e o povo Bantu _____	24
2.2 As línguas Bantu de Moçambique _____	38
2.3 Algumas pequenas notas sobre a etnia e a cultura Makonde _____	51
2.4 Resumo do capítulo _____	54
CAPÍTULO 3	
ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA SHIMAKONDE _____	56
3.1 Processos vocálicos _____	57
3.1.1 Vogais presentes na língua. _____	57
3.1.2 Alongamento da penúltima sílaba _____	58
3.1.3 Alongamento compensatório _____	62
3.1.4 Formação de glide _____	64
3.1.5 Coalescência vocálica _____	67
3.1.6 Fusão com apagamento de traço _____	69
3.1.7 Fusão de vogais idênticas _____	72
3.1.8 Apagamento de vogal _____	74
3.1.9 Harmonia vocálica _____	76
3.1.10 Assimilação vocálica _____	78
3.2 Encontros consonantais _____	79
3.2.1 Consoantes presentes na língua _____	79
3.2.2 Redução de prefixo para nasal _____	80
3.2.3 Assimilação nasal (a.n.) _____	82
3.2.3.1 Consoantes oclusivas vozeadas /b, d, g, j/ _____	84
3.2.3.2 Nasais silábicas + consoantes oclusivas surdas /p, t, sh, k/ _____	85
3.2.3.3 Nasais silábicas + consoantes nasais /m, n, ɲ, ŋ/ _____	85
3.2.4 Assimilação nasal (a.n.) + nasalização de consoante (n.c.) _____	86
3.2.4.1 Nasais não silábicas + oclusivas surdas /p, t, sh, k/ _____	86
3.2.4.2 Nasais silábicas + consoantes sonoras orais /l, v/ _____	87
3.2.5 Assimilação nasal (a.n.) + endurecimento de consoantes (e.c.) _____	88
3.2.5.1 Nasais não silábicas + consoantes sonoras orais /l, v/ _____	88

3.2.6 Outros processos de encontros nasal + C	89
3.2.6.1 Nasal não silábicas + consoantes nasais /m, n, ɲ, ŋ/	89
3.2.6.2 Nasais não silábicas + consoante sonora oral /w/	90
3.2.6.3 Nasais silábicas + consoante sonora oral /w/	90
3.2.7 Outros encontros consonantais	91
3.2.7.1 Endurecimento de consoante /l/ ante morfemas -i- e -ile-	91
3.2.7.2 Fricativização de consoantes	92
3.3 Resumo do capítulo	93

CAPÍTULO 4

ELEMENTOS BÁSICOS DE MORFOLOGIA DO SHIMAKONDE	95
4.1 Morfologia nominal	96
4.1.1 Classes nominais	96
4.1.1.1 Concordância de sujeito	102
4.1.1.2 Concordância de objeto	102
4.1.1.3 Concordância adjetival, possessiva, demonstrativa e enumerativa	106
4.2 Morfologia verbal	107
4.2.1 Estrutura verbal	107
4.2.2 Morfemas de tempo e aspecto	109
4.2.2.1 Afixos neutros	109
4.2.2.2 Afixos não neutros	111
4.2.3 Tempos verbais conjuntivos, disjuntivos e neutros	112
4.2.4 Extensões verbais	115
4.2.4.1 Extensões causativas (-i-, -ishi-)	115
4.2.4.2 Extensões passivas (-igu-, -u-)	116
4.2.4.3 Extensão estativa (-ik-)	117
4.2.4.4 Extensão aplicativa (-il-)	117
4.2.4.5 Extensão separativa (-ul-)	118
4.2.4.6 Extensão estativa-separativa (-uk-)	118
4.2.4.7 Extensão recíproca (-an-)	119
4.2.4.8 Extensão pluracional (-ang-)	119
4.3 Resumo do capítulo	120

CAPÍTULO 5

PASSIVAS NÃO CANÔNICAS EM OUTRAS LÍNGUAS	121
--	-----

5.1 Kimbundu	122
5.2 Lunda	124
5.3 Bemba	131
5.4 Kaqchikel	137
5.5 Resumo do capítulo	143
CAPÍTULO 6	
PASSIVAS NÃO CANÔNICAS NO SHIMAKONDE	144
6.1 Realização de voz em Shimakonde	146
6.1.1 Voz ativa	146
6.1.2 Voz passiva canônica	147
6.1.3 Voz passiva não canônica	147
6.2 Estatuto gramatical do morfema {va-}	153
6.3 Está o DP inicial em posição A ou posição A-barra?	156
6.2.1 Teste de reflexivização	157
6.2.2 Teste de violação à condição C	159
6.2.3 Habilidade de ser controlado por PRO.	164
6.5 Resumo do capítulo	168
CAPÍTULO 7	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS	174

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a contribuir com os estudos descritivos de línguas minoritárias, termo aqui entendido como expresso na Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias (CETS No: 148).

a) A expressão ‘línguas regionais ou minoritárias’ designa as línguas que são:

i utilizadas tradicionalmente no território de um Estado pelos cidadãos desse Estado que constituem um grupo numericamente inferior ao resto da população do Estado e

ii diferentes da(s) língua(s) oficial(is) desse Estado;

Não inclui nem os dialetos da(s) língua(s) oficial(is) do Estado nem as línguas dos migrantes;

Mais precisamente, o presente trabalho dedica-se ao estudo da gramática da língua Shimakonde, uma língua aglutinante do grupo Bantu, falada proeminentemente ao norte de Moçambique e Tanzânia. Espera-se com este estudo que se possa contribuir com a descrição gramatical da língua, uma vez

que ainda existem ainda poucos trabalhos destinados à língua; dentre eles, posso destacar:

Liphola (1991): *Tom, entonação e acento de intensidade na língua Si-Mákonde: bases para um estudo morfotonológico*, dissertação de mestrado defendida na Unicamp, São Paulo.

Liphola (2001): *Aspects of phonology and morphology of Shimakonde*, tese de doutorado defendida na Ohio State University, Ohio.

Manus (2003): *Morphologie et tonologie du simákòndè*, tese de doutorado sobre a variante falada em Zanzibar, Tanzânia, defendida no Institut National des Langues et Civilisations Orientales Département Afrique, Paris.

Mitetela (2004): *As variações alomórficas do prefixo da classe 7 em shimakonde*, dissertação para obtenção de grau de licenciatura em linguística pela Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

Kraal (2005): *A Grammar of Makonde (Chinnima, Tanzania)*, tese de doutorado sobre a variante Chinnima falada na Tanzânia, defendida na Universiteit Leiden, Leiden.

Ettlinger (2008): *Input-Driven Opacity*, tese de doutorado defendida na University of California, Berkeley. O capítulo 3 desta tese dedica-se ao Shimakonde.

Leach (2010): *Things Hold Together Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimakonde*, tese de doutorado defendida na Universiteit Leiden, Leiden.

Além de alguns artigos como os que arrola a seguir:

Patin e Riailand (2006): “On the nature of rules sensitive to syntax: the case of Makonde tonology”, presente na obra *Prosody and Syntax – Cross-Linguistics Perspectives*, publicada pela John Benjamins Publishing Company.

Downing (2010): “Opacity is a Matter of Representation Shimakonde Vowel Harmony and Vowel Reduction”, publicado em *ZAS Papers in Linguistics*, v. 52.

Manus (2010): “The Prosody of Símákonde Relative Clauses”, publicado em *ZAS Papers in Linguistics*, v. 53.

O principal foco de interesse desta dissertação foi a análise da fonologia, da morfologia nominal, da morfologia do verbo e da sintaxe das construções passivas não canônicas. Em relação a essas últimas, notou-se que se assemelham a construções de topicalização de objeto, conforme os exemplos a seguir:

	<u>VOZ ATIVA</u>		
(1a)	<i>João</i>	<i>a-ndi-m-wabol-a</i>	<i>Maria</i>
	João	CN1-MTA-MO1-aborrecer-VF	Maria
	"João aborreceu a Maria."		

VOZ PASSIVA CANÔNICA

- (1b) *Maria* *a-ndy-abol-egw-a* (*namu João*).
 Maria CN1-MTA-aborrecer-PASS-VF (por João).
 "Maria foi aborrecida (por João)."

VOZ PASSIVA NÃO CANÔNICA

- (1c) *Maria* *va-ndi-m-wabol-a* (*namu João*).
 Maria CN2-MTA-MO1-aborrecer-VF (por João).
 "Maria foi aborrecida (por João)."

Observa-se que, no exemplo em (1a), o DP *João* engatilha concordância de sujeito em terceira pessoa do singular por meio do morfema {-a-}. Por sua vez, o DP *Maria* engatilha concordância de objeto de terceira pessoa do singular por meio do morfema {-m-} (alomorfe de {-mu-}). Em (1b), ocorre a forma prototípica de voz passiva, já que figura no verbo o morfema de passiva {-egw-} (alomorfe de {-igw-}). A concordância de sujeito, marcado pelo morfema {-a-}, é engatilhada pelo DP *Maria*. Por fim, em (1c), ocorre a construção passiva não canônica. Nota-se que o morfema {-va-}, o qual é em geral utilizado para indicar a terceira pessoa do plural, não concorda com nenhum DP na estrutura, o que é um problema. Por essa razão, um dos objetivos principais desta pesquisa é buscar delimitar o estatuto gramatical desse morfema. Não sendo ele um morfema de concordância, qual será no final das contas a sua função na estrutura?

A investigação foi desenvolvida por meio da coleta direta de dados junto a falantes nativos. O método utilizado foi o de elaboração de sentenças em

português e sua tradução para a língua Shimakonde e do julgamento de gramaticalidade de exemplos propostos aos falantes. Os dados foram coletados na forma escrita de acordo com a ortografia padrão do Shimakonde. Trabalhos já publicados sobre a língua Shimakonde e sobre outras línguas Bantu também foram consultados e utilizados.

A dissertação, desta maneira, só foi possível graças à colaboração direta de dois informantes nativos, a saber: Lucas dos Anjos Miguel Bonga, estudante do Curso de Licenciatura em Ensino de Línguas Bantu da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), e Davety Mpiuka, que é professor de Línguas Bantu na UEM.

Os capítulos desta dissertação foram subdivididos da seguinte maneira: no capítulo 2, fornece-se um panorama sobre os povos e as línguas Bantu, e características históricas dos povos falantes dessas línguas; no capítulo 3, apresenta-se uma visão geral dos processos fonológicos da língua, tal como são descritos pela literatura técnica. Para tal, são arrolados os processos vocálicos e consonantais mais recorrentes na língua; no capítulo 4, sumário os principais aspectos da morfologia nominal e verbal da língua; no capítulo 5, investigo construções passivas não canônicas em outras línguas reportadas na literatura técnica; no capítulo 6, apresento a proposta teórica sobre as construções

passivas canônicas e não canônicas no Shimakonde. Por fim, o capítulo 7 conclui a dissertação.

CAPÍTULO 2

OS BANTU E O POVO MAKONDE

Este capítulo tem por objetivo descrever características dos povos Bantu, sua língua e sua dispersão pelo continente africano. É apresentado um apanhado geral apontando questões relevantes que ajudam a compreender melhor a relação entre essas línguas, a grande extensão territorial que ocupam e as características importantes dos seus povos precursores, levantadas mediante evidências linguística e histórica. Também, é abordada a situação linguística de Moçambique, quais línguas são faladas, em quais regiões, qual é o estatuto dessas línguas, como são classificadas etc. Por fim, elementos básicos sobre o povo e cultura Makonde, cuja língua é o alvo de interesse desta dissertação, são abordados.

O capítulo está dividido em quatro seções: na seção 2.1, analiso a expansão dos povos Bantu pela África subsaariana, a relação de parentesco entre essas línguas, algumas propostas de classificação e de sua região

originária, além de elementos históricos e linguísticos importantes para ajudar a formar um panorama do estado da arte; na seção 2.2, abordo a situação linguística de Moçambique, no intuito de mostrar quais são as línguas nativas e onde são faladas; na seção 2.3, retomo questões relativas a elementos geográficos, étnicos, históricos e culturais acerca do povo Makonde. Por fim, a seção 2.4 resume o capítulo.

2.1 AS LÍNGUAS E O POVO BANTU

As línguas classificadas como línguas Bantu são uma subdivisão do ramo das línguas Níger congolésas da família Níger-kordofaniana de acordo com a classificação proposta por Greenberg (1966). Elas são faladas principalmente na região subsaariana da África, ocupando grande parte da África meridional, central e oriental, mais especificamente, "da fronteira marítima nigero-cameruniana, no Oeste, até o litoral fronteiriço somálio-keniano, no Leste, e a partir desse ponto até as proximidades de Port-Elizabeth, no Sul (...)" (LWANGA-LUNYIIGO; VANSINA, 1988/2010, p. 169).

O *Time Atlas of the World* (1999), citado em Nurse e Philippson (2003), afirmava, na época de sua edição, que mais da metade dos cerca de 750 milhões de africanos eram falantes de línguas Níger-congolésas e aproximadamente um

em cada três africanos falam línguas Bantu. A penúltima versão do *Ethnologue: languages of the world* (2009)¹ apontava que a família Niger-congo² agrupava 1.510 línguas, sendo a maior família linguística conhecida no planeta. Dentre elas, apenas o subramo Bantu possuía 522 línguas catalogadas.

A família das línguas Niger-kordofanianas, de acordo com Greenberg (1981/2010), se divide em dois ramos principais. O Níger-congo, mais abrangente, com ampla extensão geográfica de falantes de suas línguas pela África subsaariana, e o kordofaniano, localizado essencialmente na região do Kordofan no Sudão (conforme mostra o Mapa 1). Segundo o autor, um elemento bastante característico dessa família linguística é a existência de classes nominais.³

O termo Bantu pode ser traduzido como 'gente', 'pessoas', 'humanos' e está relacionado, grosso modo, com todas as línguas que têm em comum no léxico o substantivo 'ntu' (e variações) com o prefixo plural da classe nominal 2 'ba' (e variações). Foi inicialmente proposto por William Bleek (1862, 1869) e tem sido, desde então, um termo amplamente difundido e utilizado entre

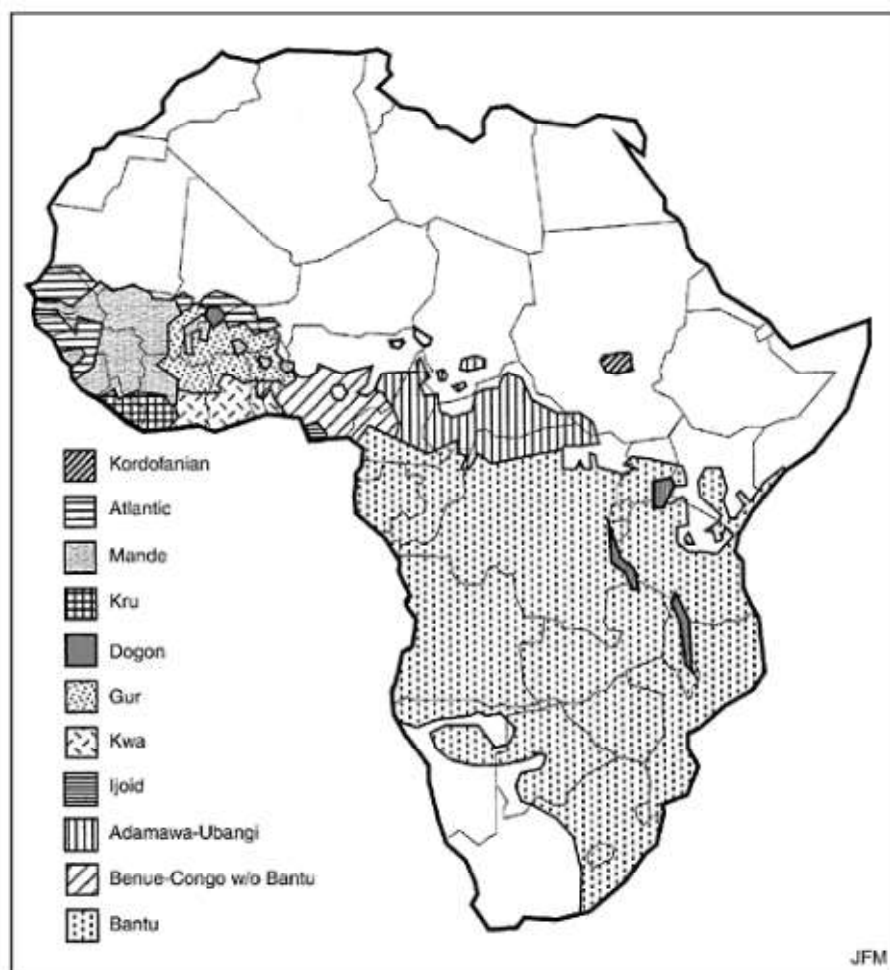
¹ Conferir: <http://archive.ethnologue.com/16/home.asp>

² O *Ethnologue* parece utilizar uma classificação ligeiramente adaptada de Greenberg, considerando o Níger-congo uma família linguística, sendo o Kordofaniano apenas um ramo dela.

³ Sobre esse aspecto, o autor argumenta: "A divisão fundamental do grupo Níger-Congo está entre as línguas mande e o restante. O mande distingue-se pela ausência de muitos dos itens lexicais mais comuns encontrados nas línguas do Níger-Congo e pela ausência de qualquer traço preciso de classificação nominal, geralmente encontrados no kordofaniano e no resto do Níger-Congo" (GREENBERG, 1981/ 2010, p. 330).

linguistas, historiadores, antropólogos e outros pesquisadores para se referir a todas essas línguas correlacionadas.

MAPA 1 - FAMÍLIA NIGER-CONGO



FONTE: NURSE E PHILIPPSON, 2003, p. 2.

A afirmação segundo a qual as línguas são aparentadas pode ser comprovada pela percepção de que as diferenças entre elas são sempre

regulares e sistemáticas. Essa sistematicidade e regularidade apontaria para uma nítida derivação de um antecedente comum e descartaria que as várias características mútuas dessas línguas, em aspectos fonológicos, lexicais, sintáticos e morfossintáticos, dentre outros, fossem fruto meramente de contato mútuo, empréstimos ou mesmo acaso. Dentre as semelhanças inegáveis das línguas Bantu, podem ser destacados, por exemplo, os prefixos nominais que são característicos das classes distintas, nas quais todos os substantivos dessas línguas se agrupam. Eles são responsáveis, por exemplo, pela regência das concordâncias verbais e de número, formação de adjetivos, pronomes etc. Também, pode ser destacado como a estrutura do verbo se organiza nessas línguas, com prefixo, marca, infixos, raiz, extensões verbais e vogal final, e como as funções dessas partes são semelhantes nas línguas e o modo da formação deverbais de nominalizações.⁴ Existem ainda muitas semelhanças em sintaxe e em fonologia dentre outras (LWANGA-LUNYIIGO; VANSINA, 1988/2010).

Assim como historicamente as línguas românicas derivam do latim, uma gama tão grande de línguas com características tão similares, como é o caso das línguas Bantu, aponta para a direção de uma ascendência comum, seguida por

⁴ O leitor poderá ter uma ideia da organização das classes nominais em que se dividem os substantivos das línguas Bantu, as estratégias de concordância que elas engatilham e a estrutura básica dos verbos no capítulo 4 desta dissertação. Esse capítulo descreve a morfologia nominal e verbal do Shimakonde.

uma posterior dispersão e diferenciação. Longos períodos de distanciamento aliado a fatores sociolinguísticos e culturais peculiares que foram se desenvolvendo a partir das características distintas de cada novo ambiente linguístico, além, obviamente, da integração e adaptação dessas línguas a contatos com outras línguas e culturas foram responsáveis pela grande diversificação do protobantu. A grande extensão territorial de cerca de um terço do continente africano onde as línguas Bantu são faladas revela indícios muito fortes de um grande processo de expansão migratória que teria se desenrolado gradualmente desde épocas remotas.

Em relação às origens da expansão, Posnansky (1981/2010) argumenta que existe um consenso de que ele teria se situado na África Ocidental, mas existem teorias divergentes em relação ao ponto de dispersão imediato. Greenberg (1966), citado em Posnansky (1981/2010), trabalhou com uma perspectiva macrolinguística. A partir de dados gramaticais e lexicais de 800 línguas, o pesquisador isolou de cada uma delas cerca de 200 morfemas ou núcleos de elementos que considerava básicos de vocabulário, como números, partes do corpo, funções fisiológicas, elementos do ambiente etc. Por esse método, Greenberg atestou que as línguas Bantu estão mais próximas de outras línguas africanas ocidentais que o inglês está do protogermânico. Ainda, considerou o Bantu não uma subfamília única, mas uma subdivisão da

subfamília Benue-Cross ou Semibantu. Ele situou a área da origem da dispersão das línguas Bantu na região fronteiriça entre Nigéria e Camarões.

Por sua vez, Guthrie (1967-1971), citado em Posnansky (1981/2010), trabalhou a partir de uma perspectiva microlinguística. Esse pesquisador analisou 350 línguas e dialetos, dos quais isolou radicais de palavras cognatas de mesmo significado que seriam comuns em pelo menos três línguas. Dessa maneira, foram compilados cerca de 2.400 radicais diferentes. Pela análise desses radicais, Guthrie percebeu que cerca de 23% eram comuns a toda área Bantu, enquanto que 61% deles eram areais. Para determinar o quão próxima uma língua específica estaria do protobantu, estabeleceu o que chamou de Índice do Bantu Comum, que calcularia a porcentagem que esses radicais comuns estariam presentes em determinada língua. Assim, a principal zona de dispersão, onde especulou que teria surgido o protobantu, teria sido aquela que apresentava o maior índice. A região que conferia a esses requisitos – com um índice de mais de 50% – foi a região nas terras ervosas do sul da floresta do Zaire (hoje, República Democrática do Congo) entre as bacias dos rios Zambeze e rio Zaire. Guthrie ainda procurou descobrir, por meio de pistas lexicais desses vocábulos comuns, especificidades da região onde o protobantu seria falado. Desse método, o pesquisador percebeu que o termo para floresta em protobantu equivalia a "bosque" ou "floresta densa", além da existência de

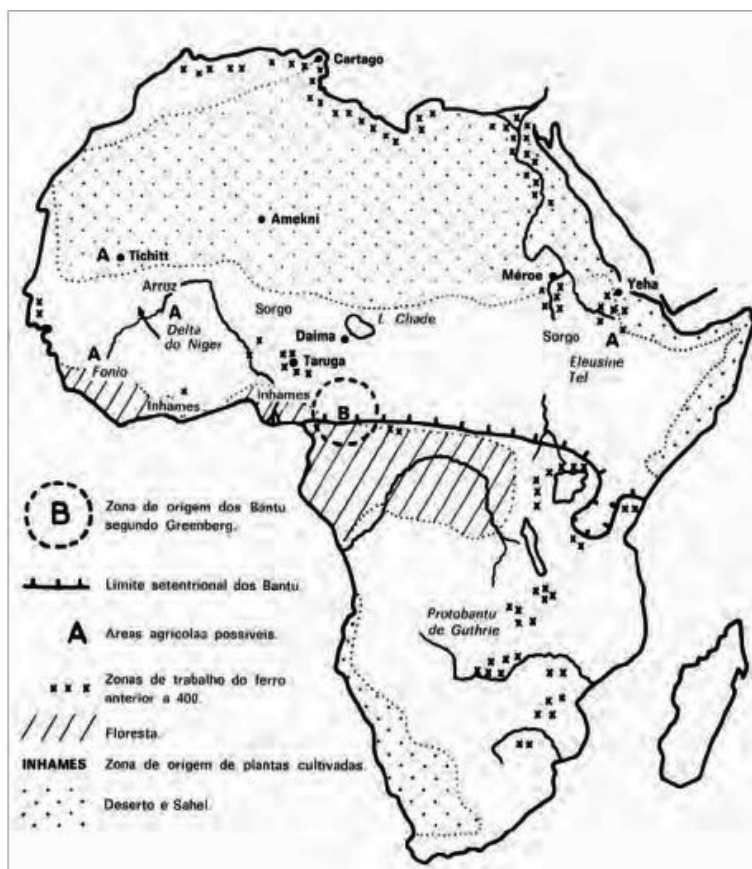
outras palavras extremamente comuns que pertenceriam ao campo semântico de pesca e da forja. Essas observações o levaram a inferir que os povos Bantu conheciam a metalúrgica antes da dispersão e se deslocavam frequentemente por vias fluviais. As línguas da área original proposta por Greenberg apresentavam um Índice de Bantu Comum de, no máximo, 18%, sendo, para Guthrie, descendentes mais recentes do protobantu.

Posnansky ainda cita outras contribuições de linguistas: Painter (1966), por exemplo, teria sugerido que a divisão das línguas Niger-congolesas teria ocorrido entre os anos -6000 e -3000, podendo estar relacionada com a gradual migração de povos para o sul do Sahel devido ao ressecamento do Saara. No entanto, Armstrong (1964) teria proposto que as línguas da Nigéria meridional (área de origem da dispersão dos Bantu proposta por Greenberg) já estariam formadas há 10 mil anos, implicando um processo migratório mais remoto. Ehret (1972) também acredita que a área proposta por Greenberg seja a correta, pois a maior diversidade linguística naquela região apontaria para uma população mais antiga. Ele também propõe (EHRET, 1967), a partir de comparações linguísticas do protossudanês central, que a criação de gado precede à agricultura e que as palavras protobantu para "vaca" e outras relacionadas à atividade de ordenha, bem como "enxada" e "sorgo" resultam de empréstimos de línguas vizinhas do Sudão Central. Segundo o autor, isso

sugere uma estreita relação entre os Bantu e os Nilo-saarianos que teria ocorrido na metade do primeiro milênio anterior à era cristã, resultando, assim, em posterior difusão da agricultura baseada nesses elementos para a região ocupada pelos Bantu. Esse pesquisador ainda especula que o lago Tanganica foi um ponto estratégico para a dispersão do grupo oriental dos protobantu por ser uma área propícia para a criação de gado e da cultura do sorgo. Posnansky argumenta que a datação proposta é consonante com as evidências arqueológicas que apontam que na maior parte da África Bantu a expansão agrícola teria ocorrido no primeiro milênio da era cristã.

O Mapa 2, a seguir, (POSNANSKY, 1981/2010, p. 587), retrata as regiões onde teriam surgido a metalúrgica do ferro, bem como as áreas de dispersão dos povos Bantu propostas por Greenberg e Guthrie.

MAPA 2 - HIPÓTESES DA ORIGEM DOS BANTU
E DO INÍCIO DA METALURGIA DO FERRO



FONTE: POSNANSKY (1981/2010:587)

Diamond e Bellwood (2003) argumentam que os grandes movimentos e mudanças de populações desde o fim das eras glaciais foram resultantes do incomum aumento da capacidade de produção alimentícia pelo mundo. Dessa forma, as primeiras comunidades agrícolas tiveram vantagens diferenciais em relação às populações que subsistiam da caça e coleta. Em particular, os autores apontam três principais vantagens dos povos agricultores em relação aos povos

caçadores: i) em razão da maior capacidade de produção de alimentos, o estilo de vida agrícola poderia fornecer melhores subsídios para o crescimento populacional do que o estilo de subsistência baseado em caça e coleta; ii) Diferentemente da constante mobilidade necessária para manter um estilo de vida baseado em caça e coleta, a produção local de alimentos permitia aos agricultores levar uma vida sedentária, pré-requisito fundamental para a posterior organização de cidades, defesas e exércitos, o estabelecimento de estratificação social, e de propenso ambiente para descobertas de novas tecnologias; e iii) os agricultores desenvolveriam melhor resistência a doenças infecciosas e potencialmente epidêmicas, como varíola e sarampo, devido ao contato regular com animais domesticáveis responsáveis pela disseminação dos agentes patogênicos. Devido a essa nova realidade, uma das principais hipóteses é que a expansão ocasionada por essa mudança para o modo de vida agrícola também resultaria na maior difusão da língua, genes e cultura desses povos, daí o caráter interdisciplinar do estudo da expansão agrícola. Todavia, os autores salientam que essa correlação de fatores nem sempre é incontroversa e, no trabalho citado, analisam como esses fatores se inter-relacionam por meio de evidências arqueológicas, linguísticas e históricas em 15 famílias linguísticas distintas. Em relação especificamente aos Bantu, eles atestam que sua expansão a partir de sua terra de origem no Oeste Tropical Africano é um dos dois claros

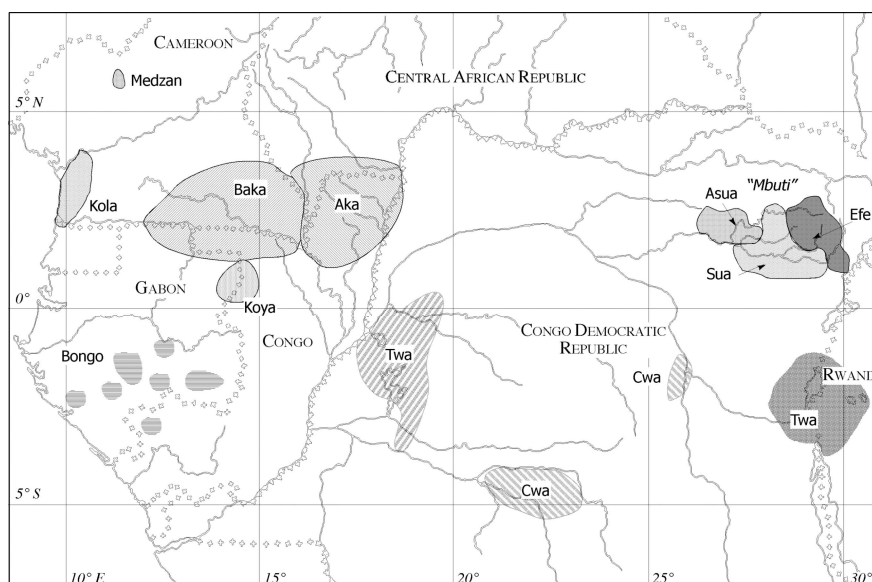
casos⁵ em que a substituição gradual das culturas de povos de caça e coleta e/ou de outros tipos de cultura local pelo método de subsistência agrícola, também refletindo na maior difusão da língua, genes e cultura, é inequivocamente corroborada pelos dados da cultura arqueologicamente visível, domesticação, tipos esqueléticos, genes e linguagem e são claramente rastreáveis até a terra de origem dos agricultores.

Um interessante estudo de caso que mostra a correlação entre expansão agrícola e linguística no caso dos Bantu é mostrada pelo trabalho de Bahuchet (1993) sobre as línguas Aka e Baka pertencentes a distintos povos pigmeus que vivem de caça e coleta. A língua Aka é uma língua Bantu pertencente ao setor C10⁶ da classificação de Guthrie, porém não inteligível com outras línguas Bantu vizinhas do mesmo setor. Já o Baka é uma língua Oubanguian relacionada com o subgrupo Gbandili do subramo Adamawa-Oubangui das línguas Niger-congolesas, também não mais inteligível com outras línguas vizinhas do mesmo subgrupo. Esses dois povos pigmeus são vizinhos, o primeiro habitando a margem leste da fronteira entre Camarões e República Centro Africana, enquanto o segundo habita a margem oeste (conferir Mapa 3).

⁵ O outro caso em que a correlação desses fatores também se faz de forma inequívoca de acordo com os autores é o da colonização da previamente inabitada Polinésia e Micronésia por populações neolíticas falantes de línguas austronésias.

⁶ As línguas desse setor são: Aka (Yaka, Benzele), Ngando (incl. Kota), Bole (Dibole), Ngondi, Pande (incl. Gongo), Mbatí, Bomitaba, Bongili, Bala (Lobala), Bomboli, Bozaba e Ngiri. A classificação de Guthrie será abordada mais detalhadamente na seção 2.2.

MAPA 3 - DISTRIBUIÇÃO DE DISTINTOS POVOS PIGMEUS



FONTE: BAHUCHET, 2006, P. 2.

Bahuchet, em sua pesquisa, analisou o vocabulário comum entre as duas línguas e descobriu um vocabulário muito específico bastante divergente das línguas dos povos agricultores vizinhos das quais são relacionadas. Apesar de dividir mais de 20% do vocabulário, as línguas Aka e Baka não são mutuamente inteligíveis e existe um contato mínimo entre os dois povos. Esse vocabulário comum é improvável de ter vindo por empréstimo de uma terceira língua, pois tal língua com esses requisitos nunca foi identificada. A hipótese mais provável é a de que ambos os povos pigmeus vieram de um mesmo ancestral comum antes de sofrerem influência dos agricultores.

O vocabulário comum está ligado a estreitos aspectos socioculturais como rituais, música e religião e principalmente sobre o ambiente e técnicas de caça e coleta e seus tipos específicos de instrumentos e ferramentas. Por esse vocabulário comum, é possível reconstituir as atividades mais importantes dos antecessores dos pigmeus Aka e Baka, como a colheita de inhame com instrumentos típicos, bem como nozes e cogumelos, a caça do elefante, a coleta do mel e a relevante observação do comportamento das abelhas e o hábito de cozinhar com a comida enrolada em folhas Marantaceae, dentre outros. Nas palavras de Bahuchet (1993, p. 43, tradução nossa):

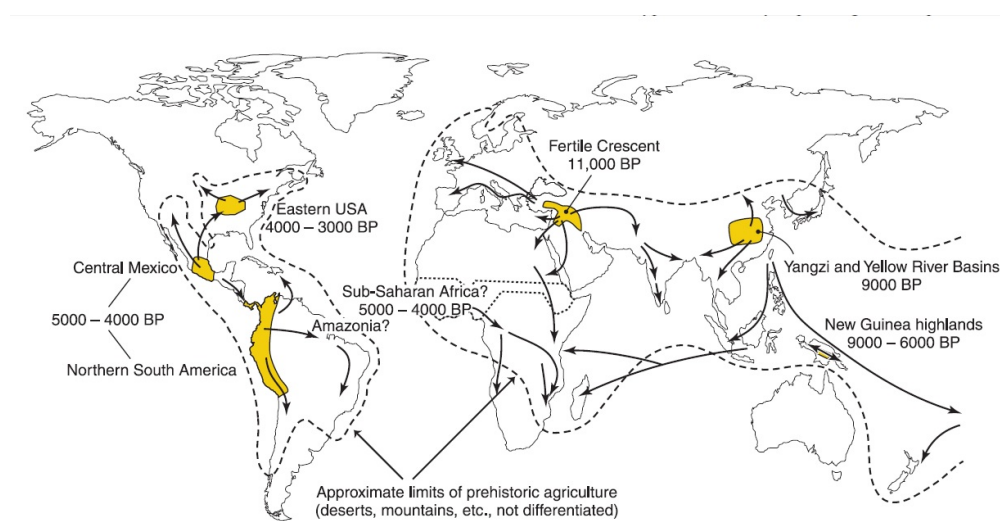
Todos os elementos apresentados acima têm um importante significado histórico, pois eles sugerem que os pigmeus de fato têm uma existência comum antes de entrar em contato com os grupos não pigmeus, aos quais estão linguisticamente relacionados, e eles compartilhavam uma cultura que era distinta da dos agricultores.⁷

Assumindo uma forte ligação dos povos Bantu com a agricultura, as propostas de Greenberg e Ehret parecem estar em conformidade com as descobertas arqueológicas, de acordo com o Mapa 4, a seguir, apresentado no trabalho de Diamond e Bellwood (2003), que mostra os centros de dispersão agrícolas de acordo com as evidências arqueológicas. Nota-se que são apresentados dois centros de dispersão para a África subsaariana: um centro de

⁷ "All the elements given above have an important historical significance, for they suggest that Pygmies did have a common existence prior to contact with the non-Pygmy groups, that they were linguistically related, and they shared a culture that was distinct from that of the farmers" (BAHUCHET, 1993, p. 43).

dispersão partindo da região entre Nigéria e Camarões e outro centro de dispersão partindo da região do Sudão.

MAPA 4 - MAPA ARQUEOLÓGICO DE TERRAS AGRÍCOLAS E DISPERSÃO DE CULTURAS NEOLÍTICO-FORMATIVAS, COM DATAS APROXIMADAS DE RADIOCARBONO



FONTE: DIAMOND E BELLWOOD, 2003, P. 597.

Várias questões sobre a expansão dos Bantu ainda carecem de melhores estudos em muitas áreas do conhecimento. Entretanto, pelos aspectos até aqui levantados, é possível propor uma grande ligação dos povos Bantu com a agricultura, pesca e metalurgia. Sobre esse aspecto, Posnansky (1981/2010, p. 595) afirma:

Embora as origens, a época e o modo de desenvolvimento da agricultura africana sejam relativamente controversos, em geral se admite que, à exceção de certas comunidades rigorosamente localizadas no Rift Valley do Quênia, que teriam cultivado o

milhete, o início da agricultura, pelo menos na maioria das regiões da África onde se fala o Bantu, é contemporâneo do surgimento da metalurgia do ferro. Geralmente também se acredita que vários dos primeiros gêneros alimentícios básicos na África Bantu, como a banana frutífera, a colocasia (inhame), a eleusine cultivada e o sorgo, foram introduzidos, em última instância, através da África ocidental, ou ainda, no caso da banana, indiretamente, pela Ásia do sudeste.

A próxima seção será dedicada à descrição da situação linguística em Moçambique e das línguas faladas no país.

2.2 AS LÍNGUAS BANTU DE MOÇAMBIQUE

Situada na costa oriental da região austral da África, a República de Moçambique tem as seguintes fronteiras geográficas: ao norte faz divisa com a Tanzânia, ao noroeste com Malawi, Zâmbia e Zimbábue, ao sul com África do Sul e Suazilândia, e ao sudeste e nordeste, banhada pelo Oceano Índico. Dados de 2013 da Undesa⁸ apontavam uma população de 24.366.000 no país que possui 129 distritos divididos em onze províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo e Maputo-cidade.

Assim como acontece em outros países com grande diversidade linguística, em Moçambique é comum seus habitantes serem plurilíngues, falando ao menos a língua oficial do país (geralmente como segunda língua) e

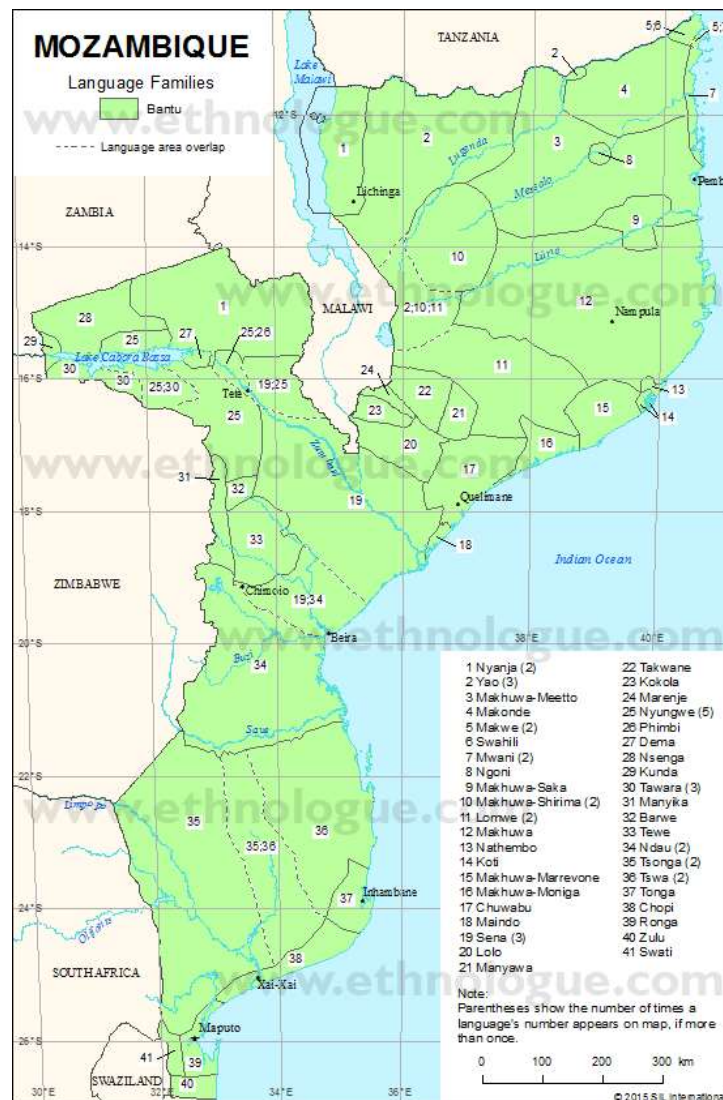
⁸ Conferir: <http://www.ethnologue.com/country/MZ>

alguma língua local da região em que habitam. Todavia, o convívio nas escolas, com familiares e amigos de outras províncias geralmente contribui para que os habitantes do país falem mais de duas línguas. Rego (2012) caracteriza o país com um mosaico de povos, culturas, religiões, etnias e línguas, resultado da convivência de vários povos autóctones (como khoi-khoi e san) com a migração de vários povos como Bantu, persas (árabo-swahilis), árabes, indianos, chineses, portugueses, ingleses, franceses, belgas etc.

O português é a língua oficial de Moçambique. É a língua utilizada no ensino, na justiça e nos meios de comunicação social, entre outras áreas. Paralelamente ao português, 43 línguas de origem Bantu são faladas no país de acordo com os dados apresentados no *Etnologue* (conferir nota de rodapé 8). Elas estão regionalmente distribuídas como consta no Mapa 5 a seguir. Esse número de línguas não é de fácil consenso, uma vez que a distinção entre línguas e dialetos não é trivial. As contagens propostas por diversos estudiosos apontam para números díspares. Rego (2012) alega que os principais motivos para essa falta de consenso residem em fatores como a falta de critérios de distinção entre língua e etnia, língua e grupo de línguas, e língua e dialeto. A falta de trabalhos extensivos de descrição linguística, a pouca literatura existente nessas línguas, além da escassez de estudos dialetológicos,

contribuem para um quadro de indefinição na quantidade exata de línguas faladas no país.

MAPA 5 - LÍNGUAS MOÇAMBICANAS



Fonte: <https://www.ethnologue.com/map/mz>

Rego (2012) afirma que apenas recentemente se criou ambiente propício para a investigação das línguas Bantu, principalmente pela iniciativa da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), de seu Núcleo de Estudos em Línguas Moçambicanas (Nelimo) e de outros órgãos governamentais. Todavia, ainda é escasso o número de linguistas dedicados às pesquisas em linguística Bantu. Devido a tudo isso, o autor chama a atenção para a importância de alocar mais recursos humanos para a investigação linguística.

Consoante com a importância do estudo, ensino e valorização das línguas nacionais, Ngunga (2008 *apud* REGO, 2012, p. 15, tradução nossa) atesta o seguinte:

A diplomacia internacional, as negociações com outras pessoas podem ser realizadas em qualquer idioma, mas a linguagem de desenvolvimento de qualquer povo é a sua própria língua. Não se admira que depois de muitos anos de uso do latim e do grego como línguas de Ciência nas universidades, os europeus decidiram adotar suas próprias línguas. Foi sob esse movimento que a Alemanha decidiu no século XVIII a mudar a partir dessas línguas para a sua própria língua, o alemão. Assim, Os Africanos e seus amigos precisam investir em educação através das línguas que as crianças africanas já falam simplesmente porque ninguém vai para a lua como uma expedição científica em uma linguagem emprestada, ninguém na Terra se desenvolve sem desenvolver sua própria língua.⁹

⁹ The international diplomacy, the negotiations with other people can be undertake in any language, but the language of development of any people is their own language. No wonder why after many years of use of Latin and Greek as languages of Science in the universities, the Europeans decided to adopt their own languages. It was under this movement that Germany decided in XVIII century to shift from those languages to their own language, the Deutch. So, the African and their friends need to invest in education through the languages the African children already speak simply because nobody goes to the moon as a scientific expedition in a borrowed language, no people on the earth will be developed without developing their own language. (NGUNGA, 2008 APUD REGO, 2012, p. 15)

Por tudo isso, autores como Lopes (1997, p. 10 *apud* REGO, 2012, p. 16) sustentam que “a promoção das línguas indígenas deveria implicar a aquisição de estatuto de língua oficial (não apenas a sua utilização como expressão de etnicidade).”

Em relação ao número de línguas faladas em Moçambique, a Tabela 1 mostra dados como a língua, o grupo ao qual pertence, a localização geográfica e o número de falantes. Ela é resultado do trabalho de Dalsgaard (2005 *apud* REGO, 2012). Rego aponta esse pesquisador como responsável por um primeiro estudo sistemático de organização de dados étnicos, culturais e geográficos para identificação, determinação e localização das línguas moçambicanas a partir de várias fontes distintas.

TABELA 1 - LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE SEGUNDO SUA LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, AFINIDADES LINGUÍSTICAS, NÚMERO DE FALANTES E SUA PERCENTAGEM

Grupo	n.º	Línguas	Localização	n.º falantes	%
1 5,10 %	1	<i>mwani</i>	Ibo (Cabo Delgado)	80.000	0,5
	2	<i>makonde</i>	Mueda, Muidumbe (Cabo Delgado)	233.358	1,46
	3	<i>yao</i>	Ngauma, Muembe (Niassa)	450.000	2,81
	4	<i>makwe</i>	(Nampula)	22.000	=
2 43,29%	5	<i>makhuwa</i>	Mandimba, Cuamba (Niassa); Mocímboa da Praia, Namuno (Cabo Delgado); Rapale, Ilha de Moçambique (Nampula).	2.500.000	15,63
	6	<i>metto</i>	(Nampula)	800.000	5
	7	<i>saaka</i>		20.000	=
	8	<i>shirima</i>		500.000	3,13
	9	<i>marravone</i>		420.101	2,63
	10	<i>moniga</i>			=
	11	<i>lomwe</i>	Gurué (Zambézia)	1.300.000	8,13
	12	<i>chuwabo</i>	Nicoadala (Zambézia)	786.715	4,92
	13	<i>koti</i>	(Nampula)	64.200	0,4
	14	<i>manyawa</i>		150.000	=
	15	<i>takwana</i>		150.000	=
	16	<i>marenje</i>		75.000	0,47
	17	<i>lolo</i>		150.000	=

TABELA 1 - PARTE 1

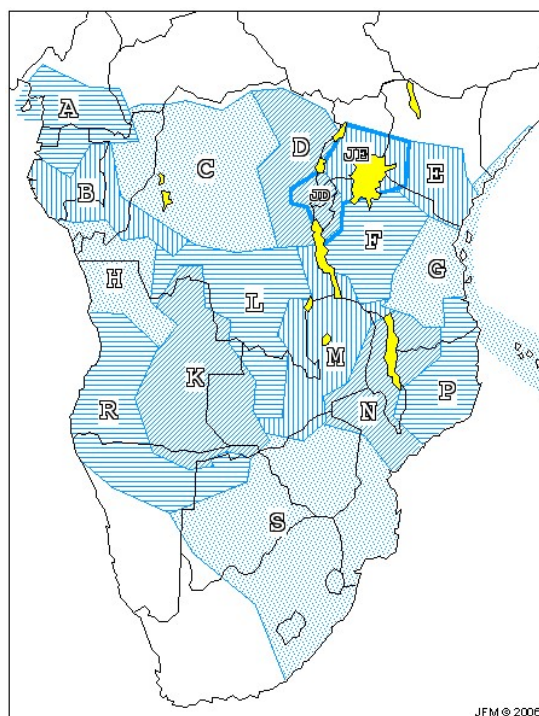
Grupo	n.º	Línguas	Localização	n.º falantes	%
3 18,84%	18	<i>nyanja (cewa)</i>	Angónia (Tete); (Niassa)	497.671	3,11
	19	<i>nsenga</i>		141.000	0,88
	20	<i>kunda</i>		4.929	0,03
	21	<i>nyungwe</i>	Changara (Tete)	262.455	1,64
	22	<i>phimbi</i>	(Tete)	6.000	
	23	<i>balke</i>	(Manica)	15.000	0,09
	24	<i>sena</i>	Mutarara (Tete); Dondo, Caia (Sofala)	876.570	5,48
	25	<i>mayindu</i>		20.000	=
	26	<i>maganja</i>	(Zambézia)		=
	27	<i>ngorongozza</i>	(Sofala)		=
4 7,04%	28	<i>ndau</i>	Sussundenga (Manica); Nyamatanda, Buzi (Sofala); Guvuro (Inhambane)	1.900.000	11,88
	29	<i>utee</i>	Gondola (Manica)	250.000	1,56
	30	<i>manyika</i>	(Manica)	145.331	0,91
	31	<i>tawara</i>	(Tete)	50.000	0,31
	32	<i>ndanda</i>		7.719	
	33	<i>mashanga</i>	(Sofala)	7.051	
5 4,77%	34	<i>copi</i>	Zavala (Inhambane); Manjacaze (Gaza)	800.000	5
	35	<i>tonga</i>	Jangamo (Inhambane)	233.971	1,46
6 20,97%	36	<i>changana</i>	Bilene (Gaza)	1.500.000	9,38
	37	<i>ronga</i>	Boane, Matutuine (Maputo)	640.947	4,01
	38	<i>tshwa</i>	Bilene (Inhambane)	695.212	4,35

TABELA 1 - PARTE 2

FONTE: DALSGAARD (2005 APUD REGO, 2012, P. 20-21).

As línguas moçambicanas estão distribuídas em diferentes zonas linguísticas de acordo com a classificação de Guthrie (1967-1971), a saber: Zona G, Zona P, Zona N e Zona S. A proposta de Guthrie para a classificação das línguas Bantu está representada no Mapa 6 a seguir.

MAPA 6 - LÍNGUAS BANTU:
CLASSIFICAÇÃO REFERENCIAL DE GUTHRIE



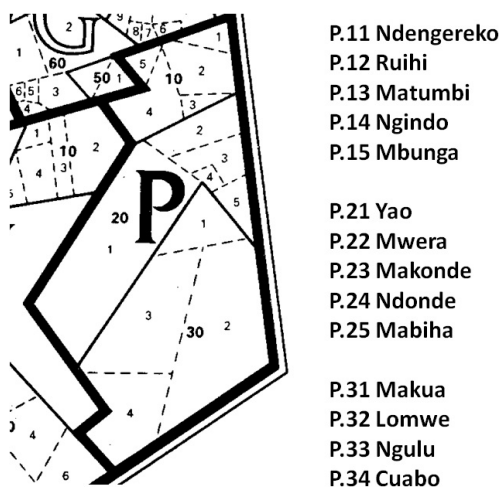
FONTE: <[HTTP://GOTO.GLOCALNET.NET/MAHO/00IMAGES/MAP_BANTU.GIF](http://goto.glocalnet.net/MAHO/00IMAGES/MAP_BANTU.GIF)>

Aqui se faz pertinente tecer alguns comentários sobre essa classificação.

A proposta de Guthrie é bastante difundida e utilizada entre os linguistas. Ela é organizada por áreas, cujas línguas representam certa uniformidade ou similaridade de fenômenos linguísticos que são representadas por letras maiúsculas e um código numérico de dois a três dígitos, representando o grupo linguístico e a língua, respectivamente. A esse código de três ou quatro dígitos, ainda pode ser acrescentada uma letra minúscula ao final para indicar um dialeto de alguma língua específica. Para melhor entendimento da classificação,

tomemos como exemplo a classificação do Shimakonde (ou Makonde) e outras línguas da mesma zona linguística, conforme Mapa 7 a seguir.

MAPA 7 - DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS DA ZONA P
DA CLASSIFICAÇÃO DE GUTHRIE



FONTE: ADAPTADO DE [HTTP://WWW.BANTU-LANGUAGES.COM/ZONE_P.HTML](http://www.bantu-languages.com/zone_p.html)

Nota-se que a língua Makonde¹⁰ recebe a sigla P.23. Podemos perceber a zona P dividida em três grandes áreas distintas: 10, 20 e 30. Essas regiões possuem línguas aparentadas entre si e são codificadas por um número (que, dependendo da variedade linguística de cada região, pode ser de um ou dois dígitos). Assim, o Makonde é falado na região 20, especificamente na área representada pelo número 3 dentro dessa região. Kraal (2005), no entanto, atesta que o Ndonge (P24) é um dialeto do Makonde e o Mabiha (P25) seria de

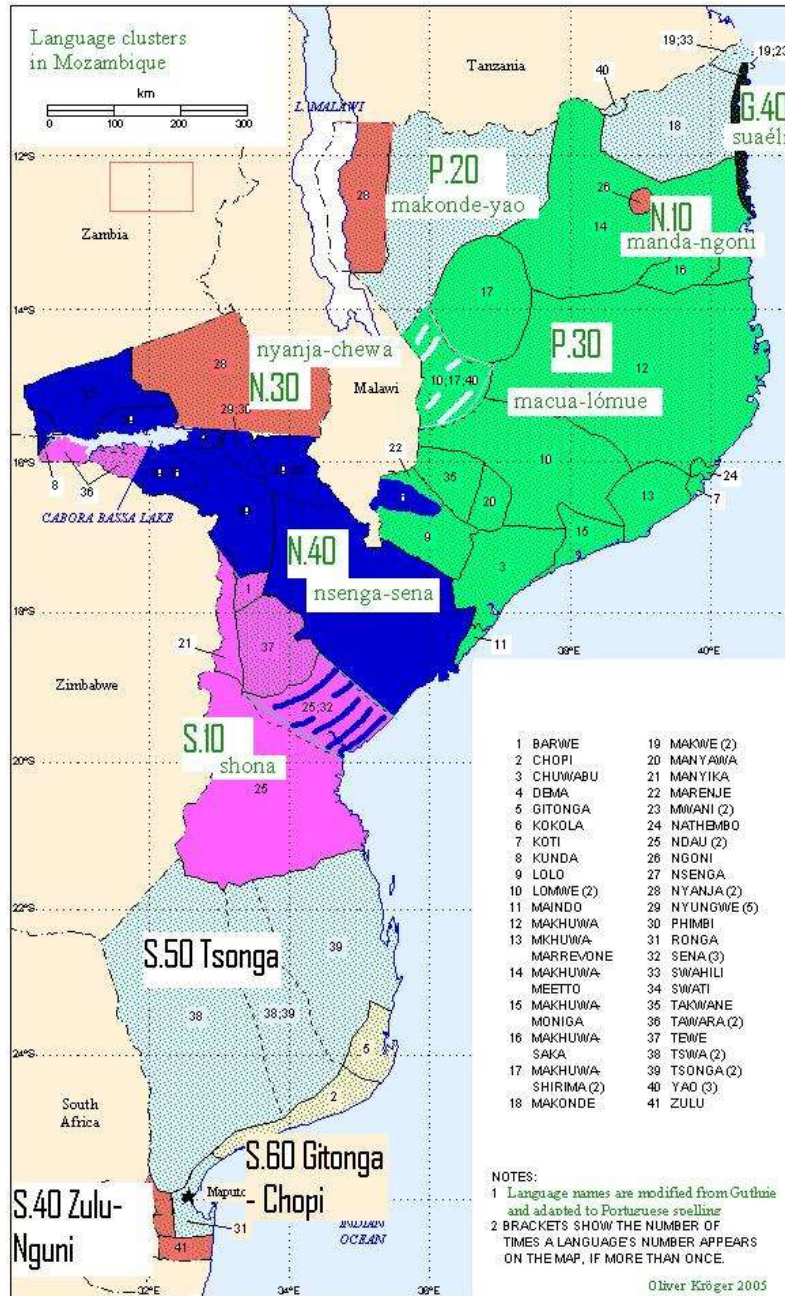
¹⁰ Makonde é também utilizado para referir-se ao nome da etnia. Geralmente, o nome da língua é feito acrescentando-se o prefixo da classe nominal *shi* ao nome da etnia.

fato o nome pelo qual os falantes de Makonde da Tanzânia se referem à língua falada pelos falantes de Makonde de Moçambique.

Rego (2012) apresenta o Mapa 8, de autoria de Oliver Kröger, especificando como as zonas linguísticas e grupos linguísticos propostos por Guthrie estão distribuídas pelo país. Neste Mapa, constam as Zonas de Guthrie e seus grupos devidamente numerados em uma lista numerada por ordem alfabética das línguas moçambicanas.

Em termos práticos, devido à sua importância, Rego (2012) argumenta que as línguas Changana (língua franca falada na região sul), Sena (língua franca falada no centro do país) e Makhuwa (língua franca falada na região norte) figurariam como ótimas candidatas a receber o estatuto de línguas oficiais do país juntamente com a língua portuguesa.

MAPA 8 - ZONAS LINGUÍSTICAS DE MOÇAMBIQUE



FONTE: KRÖGER (2005 APUD REGO, 2012, P. 17).

Como já foi afirmado anteriormente, uma das características mais distintivas das línguas Bantu é a presença de classes nominais nas quais são distribuídos os substantivos nas línguas. As classes se agrupam em combinações binárias de forma que as classes ímpares sempre representam a forma singular e as classes pares, as classes plurais. Em geral, a classe 1 terá seu plural feito pela classe 2, a classe 3 terá seu plural feito pela classe 4, e assim sucessivamente. Essas classes tiveram motivações semânticas definidas no protobantu. Rego (2012) aponta que as classe nominais 1 e 2 geralmente se referiam a seres humanos, personificados ou divinizados, nomes próprios, termos de parentesco etc. Já as classes nominais 3 e 4 geralmente reuniam designações de plantas, árvores e alguns objetos. As classes 5 e 6 referiam-se à designação de partes do corpo humano aos pares, animais domésticos, frutos, portuguesismos, nomes não contáveis e termos de parentesco. Por sua vez, as classes 7 e 8 agrupavam conjuntos de coisas, coisas pontiagudas, alguns objetos e referências a aumentativos e a depreciativos. As classes 9 e 10 tinham nomes atribuídos a objetos diferenciados, animais domésticos, nomes diversos, exceções e portuguesismos. Já as classes 12 e 13 seriam exceções à regra, referindo-se a diminutivos. A classe 14 referia-se a nomes abstratos, não contáveis, objetos de uso corrente e partes do corpo, enquanto a classe 15 referia-se ao infinitivo verbal e as classes 16 a 18, a diferentes tipos de

locativos. Os pares 1/2, 3/4, 5/6 e 7/8 e as classes 15 a 18 são as classes mais comuns das línguas Bantu. O Quadro 1 mostra as classes nominais de 13 línguas Bantu moçambicanas.

QUADRO 1 - PREFIXOS DAS CLASSES NOMINAIS DE LÍNGUAS MOÇAMBICANAS

Classe	copi	tonga	ronga	changana	ishwa	makhwava	koli	chuwabu	nyungwe	nyanja	sena	yao	makonde
1	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
2	va-	vba-	va-	va-	va-	a-	a-	a-	wa-/a-	wa-/a-	a-	a-/vaa-	va-
3	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
4	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-
5	di-	li-	li-	li-/ri-	li-	ni-	ni-	ni-	li-/di-	li-	li-	di-	li-
6	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-
7	ci-	gi-	xi-	xi-	ci-/xi-	e-	e-	e-	ci-	ci-	ci-	ci-	shi-
8	si-	si-	svi-	svi-	zvi-	i-	i-	i-	bzwi-	zi-/vi-	pi-	vi-	vi-
9	N-	N-	N-	N-	N-	-	Ø	N-	N-	N-	N-	N-	N-
10	ti-	(dzi-)/ N-	N-	N-	N-	-	Ø	N-	N-	N-	N-	N-	di-
11	-	-	li-	li-	li-	-	-	-	-	-	-	lu-	lu-
12	-	-	-	-	-	-	-	-	ka-	ka-	ka-	ka-	ka-
13	-	-	-	-	-	-	-	-	tu-	tu-	tu-	tu-	tu-
14	u-	wu-	(v)u-	wu-	u-	o-	o-	o-	u-	u-	u-	wu-	wu-
15	ku-	gu-	ku-	ku-	ku-	o-	o-	o-	ku-	ku-	ku-	ku-	ku-
16	ha-	ha-	ha-	ha-	ha-	va-	va-	va-	pa-	pa-	pa-	pa-	pa-
17	ku-	gu-	ku-	ku-	ku-	o-	o-	o-	ku-	ku-	ku-	ku-	ku-
18	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
21			ji-	ji-									

FONTE: SITO E NGUNGA (2000, p. 120 APUD REGO, 2012, p. 48).

Na próxima seção, discorreremos um pouco sobre a localização geográfica, etnia e traços culturais do povo Makonde.

2.3 ALGUMAS PEQUENAS NOTAS SOBRE A ETNIA E A CULTURA MAKONDE

De acordo com Roseiro (2013), os Makondes são povos Bantu que se fixaram numa zona ao sul do Lago Niassa, um dos Grandes Lagos Africanos, localizado entre o Malawi, a Tanzânia e Moçambique. Eles possuem uma cultura homogênea, reflexo da adaptação ao ambiente natural e bastante hermética devido à longa permanência nos planaltos. Os Makondes são um povo constituído em pequenos grupos familiares, não conhecendo outra soberania que não a do chefe da povoação, diferentemente de outros povos africanos, nos quais existe uma forte tradição de hierarquização tribal. A hipótese da origem ao sul do lago Niassa é reforçada pelas semelhanças culturais com o povo Chewa. Dessa forma, os Makondes atuais são resultado da miscigenação de diferentes povos que teriam empreendido processo de migração ao longo do rio Lugenda até se fixarem nas adjacências do encontro desse rio com o rio Rovuma. Os rituais de puberdade que praticam são bastante peculiares e os distinguem de outros grupos vizinhos. Teorias divergentes respondem ao motivo de sua migração, que teria se dado por razões climáticas

ou por refugiarem-se de confrontos com outros povos, uma vez que o planalto se mostrava uma fortaleza natural.

Segundo Mpiuka e Liphola (2013), a dispersão dos Makonde para a Tanzânia se deve a questões geográficas e políticas. O rio Rovuma, situado nas regiões limítrofes entre Moçambique e Tanzânia, dividiu o povo Makonde entre os dois países, de tal maneira que, em cada margem do rio, cada povo desenvolveu características culturais próprias. A repressão exercida pela colonização portuguesa contribuiu para o deslocamento migratório de Cabo Delgado para Tanganica em busca de melhores condições de vida e, posteriormente, o mercado da escultura Makonde, conhecido mundialmente, motivou o deslocamento de grande parte desse povo para o Quênia. Pelo fato de a Luta de Libertação Nacional ter se iniciado numa região de maior predominância do povo Makonde, eles desenvolveram um papel histórico importante na organização e mobilização popular na adesão à Frelimo¹¹, principalmente nas zonas libertadas de Cabo Delgado.

Em relação ao nome da etnia, Roseiro (2013) atesta que os Makondes da Tanzânia chamam de Mavia (Maviha) os Makondes que estão situados em Cabo Delgado. Por sua vez, os Makondes do sul chamam de Wamakonde aos Makondes que habitam a margem norte do rio Rovuma. Existe ainda uma

¹¹ Frelimo, Frente de Libertação de Moçambique, foi um movimento nacionalista iniciado em 25 de junho de 1962, que teve por objetivo a luta pela independência de Moçambique do domínio colonial português.

distinção para os habitantes do planalto Makonde. A esse respeito, o autor esclarece que os Makonde do planalto distinguem o seu grupo étnico pela denominação de lugar a que pertencem, os habitantes do planalto de Macomia e regiões circundantes ao rio Messalo, o qual os Makondes chamam Mwalo, autodenominam-se Vamwalo, uma vez que habitam Kumwalo, os Vadonde habitam Kudonde “Terra onde há pedras” em zonas baixas do planalto, os Valuma habitam Kuluma, as zonas baixas adjacentes ao rio Rovuma, os Vamanga habitam Kumanga, zonas baixas do litoral índico, as quais designam Manga. Ainda segundo Roseiro (2013, p. 46-47):

Presume-se, assim, que a designação Makonde só pode ter começado a ser usada depois de um grupo de indivíduos se ter fixado no planalto de Mueda, seja qual for a sua origem. Sabemos, pois, que Makonde refere-se a um certo tipo de paisagem e fecundidade da terra, tornando-se a identificação do indivíduo que a habita. Makonde escrito com K significa terra fértil, (Kumakonde Kukonda Vinu) portanto: terra dos Makonde Kukonda Vinu. (...)
(...) Não foram encontrados registros e datas de quando este povo se fixou no planalto e a partir de que momento passou a ser conhecido por Makonde ou Vamakonde, cuja designação diz respeito a pessoas que vivem em terras sem águas mas férteis. Por outro lado, Makonde é o plural de Likonde, que quer dizer ‘região onde não há água’. Neste caso, ‘Makonde’ seria um conjunto de regiões onde não há água. Estas duas interpretações, aparentemente contraditórias, não o são de fato, porque no planalto onde vivem, não há poços nem nascentes, mas por causa do seu microclima é bastante fértil, cai orvalho a partir das 18 horas até ao nascer do sol.

Concomitante ao exposto, tomando como referência o trabalho de Mpiuka e Liphola (2013), em Moçambique, o Shimakonde é predominantemente falado nos distritos de Macomia, Meluco, Mocimboa da

Praia, Mueda, Muidumbe, Nangade e Palma. Além do Shimakonde, existem mais quatro variantes geográficas. O *Shimakonde* é falado na parte planáltica dos distritos de Mocimboa da Praia, Mueda, Muidumbe e Nangade; o *Shimwambe* é a variante falada no Planalto de Macomia e em parte do distrito de Meluco. Já o *Shimwalu* é a variante predominantemente falada ao longo da bacia do rio Mwalu, abrangendo a região nordeste do distrito de Muidumbe, norte do distrito de Macomia e extremo sul do distrito de Mocimboa da Praia. O *Shiyanga* é a variante falada predominantemente na região central do distrito de Mocimboa da Praia. E, por fim, o *Shindonde* é a variante falada a nordeste do Planalto de Mueda, bem como a leste do distrito de Nangade, incluindo o extremo noroeste do distrito de Palma. De acordo com o quadro de Dalsgaard (2005 *apud* REGO, 2012) sobre a distribuição das línguas em Moçambique, Makonde é uma língua falada por cerca de 233 mil pessoas, totalizando cerca de 1,5 % da população moçambicana (conferir Tabela 1 na seção 1.2)

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevi as teorias vigentes sobre a expansão dos povos e das línguas Bantu. Propostas sobre a origem geográfica do protobantu, língua da qual teriam se originado as línguas Bantu foram apresentadas. Por intermédio de evidências históricas, arqueológicas e linguísticas, acredita-se

que os povos dispersores dessas línguas tinham conhecimento da agricultura e metalúrgica. Também no capítulo, dissertei sobre a situação linguística em Moçambique, que se apresenta como um mosaico plurilíngue, no intuito de elencar as línguas faladas no país, as regiões onde são faladas e como estão classificadas na proposta de Guthrie (1967-1971). Por fim, apresentei elementos sobre a etnia e cultura Makonde, como características da região onde habitam, possíveis origens, seu papel de protagonismo na Frelimo, o significado do nome da etnia, os dialetos da língua e as regiões em que são falados.

O próximo capítulo é dedicado à descrição de aspectos gerais de fonologia da língua Shimakonde.

CAPÍTULO 3

ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA SHIMAKONDE

O presente capítulo destina-se à descrição de aspectos básicos de fonologia da língua Shimakonde. Para tal, busco descrever fenômenos que serão pertinentes para a compreensão geral da estrutura da língua Shimakonde ainda que certas variações possam acontecer entre os dialetos. Mais essencialmente, o alvo deste capítulo é fornecer subsídios para que o leitor consiga, no desenrolar dos capítulos seguintes, entender certos detalhes importantes que aparecerão nos dados que, de outra forma, poderiam passar incompreendidos. Por conseguinte, a preocupação maior do capítulo será a descrição de fenômenos como o alongamento da penúltima sílaba em níveis lexical e frasal, os diferentes tipos de tons, os ambientes que desencadeiam formação de glide, os processos intravocálicos etc. Vale ressaltar que não é intenção do capítulo discorrer sobre discussões teóricas no intuito de explicar o

motivo da ocorrência dos vários fenômenos apresentados, de maneira que o capítulo se dedica, unicamente, em fazer uma descrição básica da fonologia segmental.

Este capítulo está organizado em três seções. Na seção 3.1, apresentamos o estudo sobre as vogais e os principais processos que ocorrem nos encontros intervocálicos tanto em nível lexical como frasal. Investigo ainda fenômenos relacionados ao aumento ou redução de mora, formação de glide, processos de fusão vocálica e os tons presentes na língua, dentre outros temas; na seção 3.2, são apresentados os processos recorrentes em encontro entre nasais e entre consoantes; e na seção 3.3, sumário o capítulo.

3.1 PROCESSOS VOCÁLICOS

3.1.1 VOGAIS PRESENTES NA LÍNGUA

As vogais presentes na língua Shimakonde são apresentadas no Quadro 2.

QUADRO 2 - VOGAIS PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE

Alta	Anterior	/i/	<i>Kúpííta</i>	"passar"
	Posterior	/u/	<i>Kúpúúíta</i>	"lavar"
Média	Anterior	/e/	<i>Kúpééíta</i>	"filtrar"
	Posterior	/o/	<i>Kúpóóíta</i>	"distorcer"
Baixa	Central	/a/	<i>Kúpááíta</i>	"receber"

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, p. 26.

3.1.2 LONGAMENTO DA PENÚLTIMA SÍLABA

Um dos fenômenos mais importantes da língua Shimakonde é o processo pós-lexical de alongamento da penúltima sílaba. A penúltima sílaba de todas as palavras nessa língua recebe uma mora extra, processo que, de acordo com Liphola (2001, p. 10), está relacionado com tonicidade¹². Alguns exemplos serão apresentados a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 10):

- | | | | |
|------|--|---|--|
| (1a) | <i>/kú-pím-a/</i>
CN15-MEDIR-VF ¹³ | → | <i>kúpííma</i>
"medir" |
| (1b) | <i>/kú-pím-il-a/</i>
CN15-medir-APL-VF | → | <i>kúpímíila</i>
"medir para" |
| (1c) | <i>/kú-pím-án-a/</i>
CN15-medir-REC-VF | → | <i>kúpímáána</i>
"medir cada um" |
| (1d) | <i>/kú-pím-án-il-a/</i>
CN15-medir-REC-APL-VF | → | <i>kúpímáníila</i>
"medir cada um para" |

Pelos dados apresentados, pode-se perceber que a penúltima sílaba é alongada (sílabas grifadas em negrito nos exemplos). No caso dos verbos, esse alongamento sempre será desencadeado na sílaba imediatamente anterior à vogal final, podendo incidir tanto em uma sílaba da própria raiz verbal [como acontece em (1a)] ou em extensões verbais [como em (1b), (1c) e (1d)].

¹² Conferir Liphola (2001, p. 181-199) para uma discussão empírica sobre as correlações entre tonicidade e alongamento.

¹³ A classe nominal 15 está relacionada com os infinitivos verbais. Essa classe, como as demais, será apresentada na seção 4.1.1. As extensões verbais, como as que aparecem nos exemplos em (1), serão apresentadas na seção 4.2.3. É importante ressaltar que os tons e os alongamentos silábicos não são representados na ortografia oficial do Shimakonde.

Na penúltima sílaba, também, é possível diferenciar os cinco tipos de tons recorrentes da língua, como aparecem discriminados a seguir (nos exemplos a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 9), 'a' é a unidade portadora de tom):

- a) *Alto* (H) (á) ou (áá): como em *ly-úúku* (tipo de cesta)
- b) *Baixo não marcado* (L) (aa): como em *my-uuku* (bolsos)
- c) *Crescente* (LH) (aá): como em *ly-uúngu* (erva medicinal)
- d) *Decrescente* (HL) (áa): como em *ly-úungu* (tipo de abóbora)
- e) *Crescente-Decrescente* (LHL) (aâ): como em *ly-uúngu* (lagarta)

Nos substantivos apresentados, percebemos, no alongamento de penúltima sílaba, destacada em negrito, os diferentes tipos de tons. A sílaba do início de cada palavra, separada por hífen, representa o prefixo nominal do qual o substantivo em questão faz parte. As classes nominais regidas por esses prefixos, bem todos os demais prefixos que representam as outras classes nominais serão apresentados na seção 4.1.1.

Devido à importância desse fenômeno não só em nível silábico, mas também na organização fonológica das frases da língua, será necessário extrapolar um pouco do objetivo desta seção sobre processo vocálicos.

O alongamento de penúltima sílaba é um fenômeno pós-lexical. Em palavras ao final de proposições, esse alongamento é mais fragante. Todavia, se as palavras estiverem em posições intermediárias de proposições, esse

alongamento é fonologicamente apagado por regras pós-lexicais (LIPHOLA 2001, p. 10).

Kraal (2005, p. 12) aponta que as palavras são concatenadas na primeira etapa para construir frases, o que se dá, basicamente, de duas maneiras: sintaticamente, ou seja, pela construção de frases sintáticas, e prosodicamente, ou seja, por meio de frases fonológicas. Destarte, a fonologia prosódica coopera com a sintaxe para produzir as formas de superfície de frases e sentenças. Essa cooperação não significa que frases sintáticas e frases fonológicas sempre terão um relacionamento biunívoco. Existem duas formas em que VPs e NPs se relacionam. Eles podem ocorrer em uma única frase fonológica (conjunta) ou em mais de uma frase fonológica (disjunta). O alongamento da penúltima sílaba é o meio pelo qual uma frase fonológica é reconhecida. Uma proposição será constituída de apenas uma frase fonológica se houver apenas um alongamento de penúltima sílaba na última palavra da proposição. O autor usa o símbolo "|" para apontar o final de uma frase fonológica, marcação que adotaremos neste trabalho. Os exemplos a seguir são da variante Chinnima, falada na Tanzânia, adaptados de Kraal, 2005, p. 12):

(2a)	<i>tu-tóngól-á</i> 1P-falar-VF "nós falamos Makonde"	<i>chí-mákóonde</i> CN7-Makonde	Forma verbal conjunta
(2b)	<i>tu-tongwel-e</i> 1P-falar-VF "nós temos falado Makonde"	<i>chímákóonde</i> CN7-Makonde	
(2c)	<i>tú-ná-tongoól-a</i> 1P-MTA-falar-VF "nós falamos Makonde"	<i>chímákóonde</i> CN7-Makonde	Forma verbal disjunta
(2d)	<i>tu-ni-tongoól-a</i> 1P-MTA-falar-VF "nós temos falado Makonde"	<i>chímákóonde</i> CN7-Makonde	

Em (2a) e (2b), apenas um alongamento de penúltima sílaba, destacado em negrito, ocorre na proposição, assinalado no NP *chímákóonde*. Esse tipo de estrutura é chamado de forma verbal conjunta. Nos dados (2c) e (2d), percebemos alongamento de penúltima sílaba, destacado em negrito, tanto na estrutura verbal *tóngoóla* quanto no NP *chímákóonde*, o que evidencia a ocorrência de mais de uma frase fonológica. Essa estrutura é chamada de forma verbal disjunta.¹⁴ Kraal (2005) argumenta que a escolha entre uma forma verbal conjunta (que está na mesma frase fonológica que o objeto) e uma forma verbal disjunta (que está numa frase fonológica diferente do objeto) é determinada pela pragmática em termos de foco e unidades informativas. Assim, a frase fonológica é o ponto de encontro entre fonologia, morfologia, sintaxe e pragmática (KRAAL, 2005, p. 13). Em consonância com os demais pesquisadores citados, Leach (2010, p. 330, tradução nossa) expõe que "o

¹⁴ As formas verbais conjuntas e disjuntas serão discutidas mais profundamente na seção 4.2.4.

alongamento de penúltima sílaba é assinalado não contrastivamente no Shimakonde do Planalto¹⁵ para marcar a fronteira de frases fonológicas".¹⁶

Como veremos adiante, o alongamento de penúltima sílaba também exerce influência em vários outros processos vocálicos. Em Shimakonde, o encontro de duas vogais na fronteira entre palavras ou mesmo internamente em palavras (e.g. que pode ocorrer em raízes verbais e nominais devido ao acréscimo dos mais variados tipos de afixos) não necessariamente propicia a formação de hiatos, e a sequência pode ser eliminada por uma variedade de processos fonológicos como veremos nas próximas seções.

3.1.3 ALONGAMENTO COMPENSATÓRIO

O alongamento compensatório é associado a todos os processos de fusão vocálica que ocorrem em nível lexical. Ele ocorre sempre antes da penúltima sílaba. Esse tipo de alongamento preserva o valor de número de moras de duas vogais em uma sequência subjacente. Nesse sentido, ele difere do alongamento de penúltima sílaba, uma vez que o último marca o final de frase fonológica pelo acréscimo de uma mora extra à penúltima sílaba de um item lexical. O

¹⁵ Leach (2010) descreve a variante regional falada na área do planalto central nos distritos de Mueda e Muidumbe, região que considera ser o centro principal do dialeto Shimakonde. Liphola (2001), por outro lado, descreve a variante regional falada em Mocimboa da Praia e áreas contíguas. A descrição de Leach (2010) apresenta certas diferenças em relação à descrição feita por Liphola. Por esse motivo, o pesquisador resolveu diferenciar sua descrição da feita por Liphola, referindo-se à variante que descreve como "Shimakonde do Planalto" e a de Liphola como "Shimakonde da Costa". Adotaremos essa notação quando se fizer necessário distinguir as duas variantes.

¹⁶ "Penultimate length is assigned non-contrastively in Plateau Shimakonde to mark the boundary of the phonological phrase" (LEACH, 2010, p. 330).

alongamento compensatório também é um processo previsível e não contrastivo. (LEACH, 2010, p. 326). Os exemplos em (3a-f) representam o processo de alongamento compensatório após formação de glide¹⁷ (conferir seção 3.1.4) e foram retirados do trabalho de Leach (2010, p. 327):

- | | | | |
|------|--------------------------|---|--------------------------------|
| (3a) | <i>/va-ndi-ane-k-a/</i> | → | <i>vandyááneéka</i> |
| | CN2-MTA-ser visto-VF | → | "eles têm sido vistos" |
| (3b) | <i>/va-ndi-umilil-a/</i> | → | <i>vandyuúmiíila</i> |
| | CN2-MTA-aparecer-VF | → | "eles apareceram" |
| (3c) | <i>/va-ndi-on-an-a/</i> | → | <i>vandyoónáána</i> |
| | CN2-MTA-ver-REC-VF | → | "eles viram um ao outro" |
| (3d) | <i>/va-nku-ane-k-a/</i> | → | <i>vankwaáneéka</i> |
| | CN2-MTA-ser visto-VF | → | "eles estão sendo vistos" |
| (3e) | <i>/va-nku-imilil-a/</i> | → | <i>vankwiímiíila</i> |
| | CN2-MTA-aparecer-VF | → | "eles estão permanecendo" |
| (3f) | <i>/va-nku-on-an-a/</i> | → | <i>vankwoónáána</i> |
| | CN2-MTA-ver-REC-VF | → | "eles estão vendo um ao outro" |

Como pode ser observado nos exemplos (3a-c), a vogal alta anterior /i/ ao final dos afixos {-ndi-} foi substituída pelo glide *y* (de {-ndi-} para {-ndy-}). O mesmo processo ocorreu nos exemplos (3d-f), dessa vez substituindo a vogal alta posterior /u/ ao final do afixo {-nku-} pelo glide /w/ (de {-nku-} para {-nkw-}). A substituição da vogal alta pelo glide nesses afixos acarretou o alongamento compensatório na vogal seguinte na estrutura verbal (marcada em negrito) para manter o mesmo valor de mora do encontro vocálico subjacente.

¹⁷ O glide na língua shimakonde se comporta como um segmento consonantal.

Também, vale ressaltar que o processo de alongamento compensatório pode ocorrer concomitantemente ao processo de alongamento de penúltima sílaba, como é observado em todos os exemplos em (3).

3.1.4 FORMAÇÃO DE GLIDE

O glide comumente é formado nos encontros vocálicos em que a vogal inicial da sequência é alta e não seguida de vogal idêntica. Isto é, uma vogal anterior alta /i/ não pode formar glide apenas ante outra vogal anterior alta /i/ e uma vogal posterior alta /u/ não pode formar glide apenas ante outra vogal posterior alta /u/. A sequência dessas vogais altas idênticas geralmente ocasiona fusão, resultando uma única vogal prolongada (conferir seção 3.1.6). A generalização é que uma vogal alta se torna um glide e a vogal vizinha é alongada devido ao alongamento compensatório, como vimos na seção anterior, exceto na ocorrência de duas vogais altas idênticas (LIPHOLA, 2001, p. 86).

Em Shimakonde, a formação de glide é geralmente opcional, exceto quando o encontro vocálico vogal alta + vogal não idêntica se der na penúltima sílaba, situação em que essa formação se torna obrigatória. Os exemplos a seguir são de Liphola (2001, p. 85):

- | | | | |
|------|-------------------|---|---------------------|
| (4a) | <i>tu-oveél-e</i> | ↔ | <i>twooveéle</i> |
| | 1P-brincar-VF | → | "nos deixe brincar" |

- (4b) **va-ndí-tú-eék-a* ↔ *vanditweéka*
 CN2-MTA-MO1P-rir-VF → "eles riram de nós"¹⁸

Em (4a), o encontro vocálico /u + o/ ocorre antes da penúltima sílaba, por isso a formação do glide é opcional, o que fica atestado pela gramaticalidade das duas formas. No entanto, em (4b), o encontro vocálico /u + e/ ocorre na penúltima sílaba, contexto em que a formação do glide é obrigatória, o que é demonstrado pela agramaticalidade da variante *vanditúeéka*, na qual o glide não foi formado. Seguem alguns exemplos de formação de glide (em negrito) (LIPHOLA, 2001, p. 87-88):

(5) (/i+V/)¹⁹

- (5a) *li-anjaala* ↔ *lyaanjaala*
 CN5-trapo → "trapo"
- (5b) *lí-émbééñu* ↔ *lyéémbééñu*
 CN5-tolo → "tolo"
- (5c) *lí-ókóveele* ↔ *lyóókóveele*
 CN5-hiena → "hiena"
- (5d) *lí-úkuutu* ↔ *lyúúkuutu*
 CN5-arbusto → "arbusto"

(6) (/u+V/)

- (6a) *mú-áanduugwa* ↔ *mwááanduugwa*
 CN3-batata → "batata"

¹⁸ De acordo com Leach (2010, p. 331) a formação de sílabas trimoráicas no Shimakonde é barrada, uma vez que o alongamento compensatório não pode coocorrer com o alongamento de penúltima sílaba.

¹⁹ V aqui representa uma vogal qualquer. Por comodidade, essa abreviação será adotada nos exemplos doravante.

- | | | | |
|------|---|--------|-------------------------------------|
| (6b) | <i>kí-épiúk-a</i>
CN15-brotar-VF | ↔
→ | <i>kwéépiúk-a</i>
"brotar" |
| (6c) | <i>kí-ívililil-a</i>
CN15-cobrir-VF | ↔
→ | <i>kwíívililil-a</i>
"cobrir" |
| (6d) | <i>kí-tú-on-eél-a</i>
CN15-MO1P-ver-APP-VF | ↔
→ | <i>kútwóoneéla</i>
"ver por nós" |

Com vimos, o encontro entre uma vogal alta e outra vogal diferente dela mesma pode ocasionar a formação de glide, lembrando que as duas formas mostradas nesses exemplos são gramaticais.

No Shimakonde do planalto, Leach (2010, p. 32) afirma que a formação de glide é bloqueada quando a vogal alta /i/ acontecer após as consoantes palatais [ʃ] e [ɲ]. No caso dos afixos {-shi-}, marca da classe nominal 7 e de passado imperfeito, no lugar da formação de glide ocorrerá a fusão vocálica com apagamento de traço (conferir seção 2.1.5), conforme mostram os exemplos a seguir (LEACH, 2010, p. 32):

- | | | | |
|------|---|--------|---|
| (7a) | <i>/shi-ala/</i>
CN7-dedo | →
→ | <i>shúúla</i>
"dedo" |
| (7b) | <i>/shi-onga/</i>
CN7-cova | →
→ | <i>shóónga</i>
"cova" |
| (7c) | <i>/a-va-shi-ek-a/</i>
NEG-CN2-MTA-rir-VF | →
→ | <i>avashééka</i>
"eles não estavam rindo" |
| (7d) | <i>/a-va-shi-udy-a/</i>
NEG-CN2-MTA-pedir-VF | →
→ | <i>avashúúdyá</i>
"eles não estavam pedindo" |

Os seguintes encontros vocálicos na língua Shimakonde são possíveis (LIPHOLA, 2001, p. 88):

- a) *Vogal alta + Vogal* (como em /i + V; u + V/)
- b) *Vogal baixa + Vogal* (como /a + V/)
- c) *Vogais altas idênticas* (como em /i + i; u + u/)
- d) *Vogais baixas idênticas* (como /a + a/)²⁰

Nas próximas seções, os processos desencadeados por esses encontros vocálicos serão descritos e exemplificados.

3.1.5 COALESCÊNCIA VOCÁLICA

Coalescência vocálica é o processo lexical de fusão de duas vogais adjacentes em uma única vogal que contém propriedades das duas vogais subjacentes. Adotaremos a definição de Leach (2010, p. 29, tradução nossa), conforme a qual a "coalescência vocálica ocorre somente quando cada uma das duas articulações adjacentes numa sequência vocálica subjacente influencia a outra"²¹. Nesse contexto, a coalescência vocálica acontecerá apenas nos encontros vocálicos entre a vogal baixa e uma vogal alta, resultando em uma vogal média, como mostraremos nos exemplos a seguir adaptados de Liphola (2001, p. 101-103):

²⁰ Ainda segundo o autor, o encontro vocálico vogal média + vogal (como /e + V; o + V/) não é atestado internamente em palavras devido à inexistência de afixos terminados em vogal média.

²¹ "(...) vowel coalescence only occurs when each of two adjacent articulations in an underlying vowel sequence influences each other" (LEACH, 2010, p. 29).

- (8) /a + i/ → /e/
- (8a) *ma-iki* ↔ *meéki*
CN6-toco → "tocos"
- (8b) *ma-ikaliilo* ↔ *meekaliilo*
CN6-estadia → "estadias"
- (8c) *a-igw-iit-e* ↔ *eegwiite*
CN1-ouvir-MTA-VF → "quando ele tinha ouvido"
- (8d) *vá-ndá-imiil-a* ↔ *vándéemiila*
CN2-MTA-permanecer-VF → "eles permanecem"
- (9) /a+ u/ → /o/
- (9a) *ma-uviilo* ↔ *mooviilo*
CN6-sofrimento → "sofrimentos"
- (9b) *ma-ungaáno* ↔ *moongaáno*
CN6-unidade → "unidade"
- (9c) *vá-úluuk-a* ↔ *vóóluuka*
CN2-voar-VF → "quando voar"
- (9d) *va-ka-uluûk-a* ↔ *vakooluûka*
CN2-MTA-voar-VF → "se eles voarem"

Como nos contextos de formação de glide, a coalescência vocálica também ocasiona o alongamento compensatório para manter o mesmo valor bimoraico do encontro vocálico subjacente. A coalescência vocálica geralmente não é um fenômeno obrigatório na língua mesmo nos contextos em que ocorre na penúltima sílaba [como pode ser destacado pela gramaticalidade das duas formas em (8a)]. A manutenção da sequência subjacente nos encontros

vocálicos entre vogal baixa e vogal alta é a resposta não marcada na língua. Todavia, existem itens lexicais que obrigatoriamente coalescem, como algumas raízes nominais dissilábicas iniciadas com o prefixo nominal da classe 6 *ma-*, exemplos em (10) (LEACH, 2010, p. 37) e outros em que a coalescência vocálica não é possível, como em (11) (LIPHOLA, 2001, p. 99):

(10) Coalescência vocálica obrigatória:

(10a) **ma-ino* ↔ *méeno*
 CN6-dente → "dentes"

(10b) **ma-ina* ↔ *méena*
 CN6-nome → "nomes"

(10c) **ma-idi* ↔ *méedi*
 CN6-água → "água"

(11) Coalescência vocálica bloqueada:

(11a) *má-úúta* ↔ **móóta*
 CN6-petróleo → "petróleo"

O encontro vocálico entre uma vogal baixa e uma vogal média pode resultar em fusão por apagamento de traço, assunto da próxima seção.

3.1.6 FUSÃO COM APAGAMENTO DE TRAÇO²²

Este tipo de fusão vocálica se realiza em nível lexical e é caracterizada pela assimilação da primeira vogal pela segunda. Leach (2010, p. 30, tradução nossa) define o processo da seguinte forma: "Fusão com apagamento de traço ocorre quando a articulação da primeira vogal da sequência é substituída pela

²² Do original "Fusion by feature deletion".

articulação da segunda vogal"²³. A fusão com apagamento de traço geralmente acontece nos encontros vocálicos entre vogal baixa e vogal média como nos contextos: /a+e/ → /e/ ou /a+o/ → /o/. Os exemplos abaixo são de Leach (2010, p. 28):

(12) /a+e/ → /e/:

(12a) *vá-ndá-eék-a* ↔ *vándeéka*
CN2-MTA-rir-VF → "eles riam"

(12b) *vá-ndá-ek-áán-a* ↔ *vándúakáána*²⁴
CN2-MTA-rir-REC-VF → "eles riam um para o outro"

(12c) *ma-endeleélo* ↔ *meendeleélo*
CN6-progresso → "progresso"

(13) /a+o/ → /o/:

(13a) *vá-ndá-oón-a* ↔ *vándoóna*
CN2-MTA-ver-VF → "eles veem"

(13b) *vá-ndá-on-áán-a* ↔ *vándúanáána*
CN2-MTA-ver-REC-VF → "eles veem um ao outro"

(13c) *ma-oóka* ↔ *moóka*
CN6-cova → "covas"

²³ (...) fusion by feature deletion occurs when the articulation of the first vowel in the sequence is replaced by the articulation of the second vowel (...) (LEACH, 2010, p. 30).

²⁴ Os exemplos em (12b) e (13b) resultam da sobreposição de dois processos: a fusão vocálica por apagamento de traço que torna as raízes em *vándéékáána* e *vándéénáána*, respectivamente, e o processo de assimilação vocálica que, por sua vez, transforma as raízes em *vándúakáána* e *vándúanáána*, respectivamente. Conferir seção 3.1.10.

A fusão com apagamento de traço é opcional na língua. No entanto, ela será obrigatória nos encontros vocálicos /a+e/ de raízes nominais dissilábicas iniciadas pela vogal /e/ (LEACH, 2010, p. 40).

Excepcionalmente, alguns encontros vocálicos de vogal baixa com vogal alta também podem acarretar fusão por apagamento de traço, como no contexto de encontro vocálico da vogal alta do prefixo de objeto de terceira pessoa do plural {-va-} com raízes verbais começando com vogal alta (LEACH, 2010, p. 37):

(14) /a+i/ → /i/

(14a) *va-ndi-vá-iigw-a* ↔ *vandiviiigwa*
 CN2-MTA-MO2-ouvir-VF → "eles os ouviram"

(14b) *va-ndi-vá-igwiliil-a* ↔ *vandiviigwiliila*
 CN2-MTA-MO2-OBEDECER-VF → "eles os obedeceram"

(15) /a+u/ → /u/

(15a) *va-ndi-vá-uudy-a* ↔ *vandivuuudya*
 CN2-MTA-MO2-PERGUNTAR-VF → "eles os perguntaram"

(15b) *va-ndi-vá-udyaang-a* ↔ *vandivúudyaanga*
 CN2-MTA-MO2-CUMPRIMENTAR-VF → "eles os cumprimentaram"

Na próxima seção, apresentaremos o processo resultante do encontro vocálico entre duas vogas idênticas.

3.1.7 FUSÃO DE VOGAIS IDÊNTICAS

O encontro vocálico entre duas vogais altas idênticas resulta em uma única vogal alongada pelo alongamento compensatório. De acordo com Leach (2010, p. 29), o processo de fusão de vogais idênticas é a resposta não marcada na língua, sendo obrigatória [conferir (16a) e (16b)]. No entanto, existem itens lexicais em que essa fusão se torna opcional [conferir (16c) e (16d)] ou bloqueada [conferir (16e)]. Os exemplos a seguir são de Liphola (2001, p. 108-116):

(16a)	<i>*lí-íid-a</i> CN5-vir-VF	↔ →	<i>líida</i> "isso está vindo"
(16b)	<i>*a-va-shi-tu-úúdy-a</i> NEG-CN2-MTA-MO1P-perguntar-VF	↔ →	<i>avashitúúdyá</i> "não nos perguntavam"
(16c)	<i>vá-ndí-iít-a</i> CN2-MTA-vir-VF	↔ →	<i>vándiíta</i> "eles tinham vindo"
(16d)	<i>va-tu-uúdy-a</i> CN2-MO1P-perguntar-VF	↔ →	<i>vatuúdyá</i> "que nos perguntavam"
(16e)	<i>va-ndí-íid-a</i> CN2-MTA-vir-VF	↔ →	<i>*vandiída</i> / <i>*vandiída</i> "eles vieram"

A aplicação de fusão de vogais altas idênticas é bloqueada em certos tempos verbais devido à presença de tons flexionais ou propriedades lexicais da palavra. A fusão de vogais altas idênticas de certos prefixos verbais com a vogal vizinha da base verbal²⁵ ocasiona simplificação tonal (LIPHOLA, 2001,

²⁵ Base verbal refere-se ao conjunto formado pela raiz verbal e extensões verbais posteriores.

p. 112). Nos exemplos (16c) e (16d), tanto a forma sem fusão quanto a forma fundida são possíveis. A forma fundida manteve o tom crescente-decrescente (LHL) da vogal posterior. O exemplo (16e) mostra que a fusão não é possível seja em situação de manutenção do tom da vogal posterior do encontro vocálico [crescente (LH)], isto é, em situação de assimilação do tom da vogal do prefixo anterior [decrescente (HL)].

A fusão de duas vogais baixas é opcional. Existem casos em que o tom é preservado na fusão e casos em que há a simplificação ou mudança de tom (LIPHOLA, 2001, p. 119):

- | | | | |
|-------|--------------------------|---|-----------------------------------|
| (17a) | <i>vá-ndá-aânk-a</i> | ↔ | <i>vandaâka</i> |
| | CN2-MTA-caçar-VF | → | "eles caçam" |
| (17b) | <i>va-ka-na-ákáát-a</i> | ↔ | <i>vakanaakááta</i> |
| | CN2-MTA-NEG-levar-VF | → | "se eles não levarem um pedaço" |
| (17c) | <i>va-ka-na-ák-áán-a</i> | ↔ | <i>vakanaakáána</i> |
| | CN2-MTA-NEG-caçar-REC-VF | → | "se eles não caçarem um ao outro" |

No exemplo (17a), é possível notar a redução de mora. Leach (2010, p. 331) argumenta que na penúltima sílaba a formação de sílabas trimorádicas é bloqueada, pois não podem ocorrer alongamento de penúltima e alongamento compensatório na mesma sílaba. Nos exemplos em (17b) e (17c), é possível perceber que o tom da sílaba da base verbal não foi preservado na ocorrência da fusão vocálica.

Na próxima seção, apresentaremos o processo de apagamento de vogal.

3.1.8 APAGAMENTO DE VOGAL

O apagamento de vogal ocorre quando não há alongamento compensatório e uma das vogais da sequência vocálica subjacente é completamente apagada do item lexical. Esse processo ocorre mais comumente em nível frasal e é geralmente opcional (LIPHOLA, 2001, p. 127):

- | | | | | |
|-------|----------------------------------|-----------------------------|--------|---|
| (18a) | <i>lí-líva</i>
CN5-armadilha | <i>oónd-a</i>
olhar-VF | ↔
→ | <i>lílív' óonda</i>
"a armadilha, olhe" |
| (18b) | <i>lí-mboónda</i>
CN5-abóbora | <i>ukaáng-a</i>
lavar-VF | ↔
→ | <i>limboónd' ukaánga</i>
"a abóbora, lave" |
| (18c) | <i>lí-papáaja</i>
CN5-mamão | <i>ukaáng-a</i>
lavar-VF | ↔
→ | <i>lipapáj' ukaánga</i>
"o mamão, lave" |

Quando uma raiz termina em um glide + vogal e a próxima palavra começa com uma vogal homorgânica ao glide, tanto a vogal final quanto o glide são apagados [conferir (19a) e (19b)], exceto nos casos em que exista uma vogal imediatamente anterior ao glide [conferir (19c) e (19d)], situação em que o apagamento de vogal não é possível. Os exemplos a seguir são de Liphola (2001, p. 129-130):

- | | | | | |
|-------|--------------------------------------|------------------------------|--------|--|
| (19a) | <i>kúú-dy-á</i>
CN15-solicitar-VF | <i>i-ndíila</i>
CN9-jeito | ↔
→ | <i>kúúd' indíila</i>
"solicitar um jeito" |
| (19b) | <i>lí-tógwa</i>
CN5-figado | <i>ukaáng-a</i>
lavar-VF | ↔
→ | <i>lítóg' ukaánga</i>
"o fígado, lave" |
| (19c) | <i>kú-léy-a</i>
CN15-proibir-VF | <i>i-ñáama</i>
CN9-carne | ↔
→ | <i>*kúlé' iñáama</i>
"proibir carne" |

- (19d) *kú-jóow-a* *ú-gweeka* ↔ **kújóo'* *úgweeka*
 CN15-ser perigoso-VF CN14-solidão → "solidão é perigosa"

Quando uma palavra termina em um glide + vogal e a próxima palavra não começa com uma vogal idêntica ao glide, apenas a vogal final é apagada, como mostram os exemplos a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 131):

- (20a) *Kúú-my-á* *ú-lúúlu* ↔ *kúúmy' úlúúlu*
 CN15-subtrair-VF CN14-sangue → "derramar o sangue"
- (20b) *lí-tógwa* *iviliil-a* ↔ *lítógw' iviliila*
 CN5-fígado cobrir-VF → "o fígado, cubra"

Em nível lexical, Leach (2010, p. 30) mostra exemplos de apagamento de vogal obrigatório, como no caso do encontro do prefixo de negação *a-* com o prefixo de terceira pessoa do singular *a-* [conferir (21a)], e também exemplo de apagamento opcional [conferir (21b)]:

- (21a) **a-a-paál-i* ↔ *apaáli*²⁶
 NEG-CN2-estar presente-VF → "Ele não está presente"
- (21b) *a-i-tam-eek-a* ↔ *itameeka / *iitameka*
 NEG-CN9-partir-EST-VF → "isso não vai partir-se"

Nos exemplos em (21), nota-se que o alongamento compensatório não ocorre.

O Quadro 3 é do trabalho de Liphola (2001, p. 120) e resume o resultado dos encontros vocálicos descritos.

²⁶ Em nota, Leach (2010, p. 30) explica que nesses exemplos a diferença entre a forma afirmativa e a negativa é meramente tonal: na forma negativa, o tom baixo da negativa não é apagado. Compare *apaáli* "ele não está presente" com *ápaáli* "ele está presente".

QUADRO 3 - SUMÁRIO DO RESULTADO DE ENCONTROS VOCÁLICOS

	a	e	i	o	u
i	yaa ~ i.a	yee ~ i.e	ii ~ i.i	yoo ~ i.o	yuu ~ i.u
u	waa ~ u.a	wee ~ u.e	wii ~ u.i	woo ~ u.o	uuu ~ u.u
a	aa ~ a.a	ee ~ a.e	ee ~ a.i	oo ~ a.o	oo ~ a.u

FORTE: LIPHOLA, 2001, p. 120.

3.1.9 HARMONIA VOCÁLICA

A harmonia vocálica acontece quando a qualidade da vogal de um afixo é alterada para a mesma altura da vogal de uma sílaba adjacente. Esse processo não ocorre com vogais baixas. A harmonia vocálica ocorre geralmente com extensões verbais que possuem vogais altas /i/ ou /u/ que harmonizam na mesma altura da vogal da sílaba precedente: (como nos afixos aplicativo: {-il-}, causativo {-iy-}, {-ih-} e {-is-} estativo {-ik-} e a passiva {-iw-} e {-igw-} que ocorrem como: {-el-}, {-ey-}, {-eh-}, {-es-}, {-ek-}, {-ew-} e {-egw-}, respectivamente, quando são precedidas por uma sílaba com vogais médias /e/ e /o/.) (KRAALS, 2005, p. 23; LIPHOLA, 2001, p. 147). Os exemplos em (22) são de Liphola (2010, p. 147-148):

- (22a) /kú-pét-il-a/ → kúpétééla
 CN15-filtrar-APP-VF → "filtrar para"
- (22b) /kú-télék-iy-a/ → kútélékeeya
 CN15-cozinhar-CAUS-VF → "fazer cozinhar"
- (22c) /kú-tót-ik-a/ → kutótééka
 CN15-costurar-EST-VF → "estar costurado"

- (22d) /kú-lókót-igw-a/ → kílókóteegwa
 CN15-selecionar-PASS-VF → "ser selecionado"

Como demonstrado nos exemplos em (22a-d), a vogal alta dos afixos harmonizam na altura da vogal da sílaba anterior, alterando-se de /i/ para /e/ nos contextos em que são precedidas por vogais médias /e/ ou /o/ nas sílabas imediatamente anteriores.

A extensão separativa {-ul-} e a extensão estativo-separativa {-uk-} são realizadas como {-ol-} e {-ok-}, respectivamente, apenas quando são precedidas pela vogal média /o/. Os exemplos da variante Chinnima a seguir foram adaptados de Kraals (2005, p. 23-34):

- (23a) /ku-tep-ul-a/ → kutepuula
 CN15-baixar-SEP-VF
- (23b) /ku-tep-uk-a/ → kutepuuka
 CN15-baixar-ESTS-VF
- (23c) /ku-hom-ul-a/ → kuhomoola
 CN15-furar-SEP-VF
- (23d) /ku-hom-uk-a/ → kuhomooka²⁷
 CN15-furar-ESTS-VF

Nos exemplos (23a) e (23b), a sílaba imediatamente anterior ao afixo possui a vogal média /e/ não engatilhando a harmonia vocálica no afixo. No entanto, nos exemplos (23c) e (23d), a sílaba imediatamente anterior ao afixo

²⁷ As traduções desses exemplos não foram disponibilizadas no referido trabalho.

possui a vogal média /o/, contexto necessário para desencadear a harmonia vocálica nesses casos.

Um contraexemplo do processo de harmonia vocálica é observado com o afixo de perfectivo final {-ile}/{-ite}, que não é afetado pelo processo em nenhum contexto (LIPHOLA, 2001, p. 152):

- | | | | |
|-------|--------------------|---|-------------------------|
| (24a) | <i>va-pet-iile</i> | ↔ | * <i>vapeteele</i> |
| | CN2-filtrar-PERF | → | "Quando eles filtraram" |
| (24b) | <i>va-tot-iile</i> | ↔ | * <i>vatoteele</i> |
| | CN2-ver-PERF | → | "quando eles viram" |

3.1.10 ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA

O processo de assimilação vocálica pode ocorrer com estruturas verbais de três ou mais sílabas com vogais médias idênticas /e/ ou /o/ em sequência. No processo de assimilação vocálica, todas as vogais médias anteriores à penúltima sílaba se alteram para a vogal baixa /a/ conforme exemplos a seguir (LIPHOLA, 2001, p. 159):

- | | | | |
|-------|-----------------------|---|--------------------------|
| (25a) | <i>kú-pét-áán-a</i> | ↔ | <i>kupátáána</i> |
| | CN15-filtrar-REC-VF | → | "filtrar um ao outro" |
| (25b) | <i>kú-tót-ááng-a</i> | ↔ | <i>kutátáána</i> |
| | CN15-costurar-REP-VF | → | "costurar repetidamente" |
| (25c) | <i>kú-télék-áán-a</i> | ↔ | <i>kútálákáána</i> |
| | CN15-cozinhar-REC-VF | → | "cozinhar um ao outro" |
| (25d) | <i>ku-kólómóól-a</i> | ↔ | <i>kukálámóóla</i> |
| | CN15-tossir-VF | → | "tossir" |

- (25e) *kí-téép-a* ↔ **kítáápa*
 CN15-dobrar-VF → "dobrar"
- (25f) *kí-póót-a* ↔ **kípááta*
 CN15-misturar-VF → "misturar"

Os exemplos (25e) e (25f) mostram que a assimilação vocálica não é possível na penúltima sílaba. Raízes trissilábicas como (25a) e (25b) poderão ter assimilação vocálica na primeira sílaba e raízes tetrassilábicas como (25c) e (25d) poderão ter assimilação vocálica nas duas primeiras sílabas.

3.2 ENCONTROS CONSONANTAIS

3.2.1 CONSOANTES PRESENTES NA LÍNGUA

As consoantes da língua estão arroladas no Quadro 4 a seguir, com sua representação fonética e respectiva forma ortográfica, de acordo com Leach (2010, p. 66).

QUADRO 4 - CONSOANTES PRESENTES NA LÍNGUA SHIMAKONDE

		LABIAIS	ALVEOL.	PALATAIS	VELARES
OBSTRUIN TES ²⁸	SURDAS	[p] → p	[t] → t	[ʃ] → sh	[k] → k
	VOZEADAS	[b] → b	[d] → d	[dʒ] → j	[g] → g
SONORAS	NASAIS	[m] → m	[n] → n	[ɲ] → ɲ (ñ) ²⁹	[ŋ] → ŋ (n')
	ORAIS	[v] → v	[l] → l	[j] → y	[w] → w

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, p. 66.

²⁸ Leach classifica de obstruintes as oclusivas, fricativas, africadas etc.

²⁹ Entre parênteses, está a grafia adotada por Liphola (2001) para a respectiva consoante. Manteremos a grafia de cada autor nos exemplos retirados de suas obras. No Quadro 4, não estão representadas consoantes derivadas de empréstimos de outras línguas.

Leach (2010, p. 67) atesta que há variação dialetal e entre falantes na realização fonética de /sh/. Esse fonema pode ser realizado como [ʃ] por homens no distrito de Mueda, ou pode se realizar como uma palatal alveolar sibilante surda [ɕ] na variante Shiyanga, Shimwalu e Shimwambe, bem como no falar das mulheres do Shimakonde do planalto. Por fim, ainda pode se realizar como uma palatal africada [tʃ] no distrito de Mwidumbe, especialmente na fala de idosos, que é similar ao fonema /c/ encontrado em palavras emprestadas do Swahili. Liphola (2001, p. 12) utiliza-se da consoante *c* para representar a palatal africada [tʃ].

3.2.2 REDUÇÃO DE PREFIXO PARA NASAL

A redução de prefixo para nasal é o nome dado por Liphola (2001, p. 57) para o processo da perda da vogal alta de certos prefixos ocasionando nasalização destes. É o caso, por exemplo, da perda da vogal alta /u/ do prefixo {-mu-} se transformando na nasal {-m-} e também da mudança dos prefixos de primeira pessoa do singular {-ngu-} e {-ni-} para a nasal {-n-}. No caso do prefixo {-ngu-}, além da vogal alta /u/, há também o apagamento da consoante oclusiva. O processo de redução de prefixo para nasal, no entanto, nunca ocorre se o prefixo estiver na penúltima sílaba.

Nos exemplos a seguir, é possível perceber a redução do prefixo de primeira pessoa do singular {-ngu-} e {-ni-} para a nasal {-n-} (destacado em

negrito). O apagamento de vogais altas /i e u/ são opcionais na língua.

(LIPHOLA, 2001, p. 57):

(26) Redução de Prefixo para Nasal

- | | | | |
|-------|---------------------------|---|--|
| (26a) | <i>ni-shí-ná-taleêk-a</i> | ↔ | <i>ncínátaleêka</i> ³⁰ |
| | 1S-MTA-MTA-cozinhar-VF | → | "eu estava cozinhando" |
| (26b) | <i>ni-ná-taleêk-a</i> | ↔ | <i>nnátaleêka</i> |
| | 1S-MTA-cozinhar-VF | → | "Eu cozinho" |
| (26c) | <i>ngú-táleek-a</i> | ↔ | <i>nnáleeka</i> |
| | 1S-cozinhar-VF | → | "quando eu estava cozinhando" |
| (26d) | <i>ngú-tángool-a</i> | ↔ | <i>nnángoola</i> |
| | 1S-falar-VF | → | "quando eu estava falando" |

Leach (2010:79) mostra que diferentemente do Shimakonde da Costa (Liphola: 2001:57), no Shimakonde do Planalto, o prefixo de primeira pessoa não pode ser reduzido para nasal. conforme exemplo abaixo:

(27) Não redução do prefixo {-ngu-} em Shimakonde do planalto:

- | | | | | | |
|-------|----------------------|---|-------------------------------|---|-------------------------|
| (27a) | <i>/ngú-tálek-a/</i> | → | <i>ngútáleeka</i> | ↔ | *<i>nnáleeka</i> |
| | 1S-cozinhar-VF | → | "quando eu estava cozinhando" | | |

Nas próximas seções, este processo de redução de prefixo, além de outros processos envolvidos nos exemplos em (26) ficará mais claro. Todavia, antes de seguirmos para os processos de encontros de nasalizações de prefixos reduzidos com consoantes, é preciso salientar que diferentes prefixos engatilham diferentes processos fonológicos na língua.

³⁰ O afixo {-ná-} é uma forma reduzida do afixo de tempo e aspecto {-ndá-}.

Para esclarecer as diferenças nos processos fonológicos engatilhados pela nasalização de diferentes sufixos, Leach (2010, p. 70) adota o trabalho de Odden (2003, p. 532) sobre as línguas da zona P. De acordo com o referido autor, a nasalização derivada de redução de prefixo pode gerar dois tipos de nasais:

Nasais Não Silábicas: elas seriam representadas pela nasalização do prefixo de primeira pessoa ({-ngu-} ou {-ni-} em Shimakonde) e da nasalização do prefixo das classes nominais 9 ({iN-} em Shimakonde) e 10 ({diN-} em Shimakonde).

Nasais Silábicas: elas seriam derivadas da nasalização dos prefixos das classes nominais: 1, 3 e 18, da nasalização do prefixo verbal de marcação de objeto de terceira pessoa do singular e da nasalização do prefixo de segunda pessoa do plural tanto de marcação de sujeito quanto de objeto (em Shimakonde {-mu-} para todos esses casos).

Nasais silábicas e não silábicas poderão desencadear diferentes processos como veremos nas próximas seções.

3.2.3 ASSIMILAÇÃO NASAL (A.N.)

O processo de assimilação nasal simplesmente atesta que uma consoante nasal assimilará o local de articulação da próxima consoante. Os exemplos a

seguir (LIPHOLA 2001, p. 56) mostram esse processo após redução do prefixo

-{mu-} para nasal {-m-}:

(28) *Assimilação Nasal*

(28a)	/kú-mu-palakél-a/ CN15-MO1-acompanhar-VF	↔ →	kúmpalakeéla "despedir dele/dela"
(28b)	/kú-mu-túm-a/ CN15-MO1-ordenar-VF	↔ →	kúntuíma "ordenar a ele/ela"
(28c)	/kú-mu-jel-il-a/ CN15-MO1-jogar-APL-VF	↔ →	kúñjeleéla "jogar para ele/ela"
(28d)	/kú-mu-kamúla/ CN15-MO1-segurar-VF	↔ →	kún'kamuíla "segurar a ele/ela"
(28e)	/kú-mú-p-a/ CN15-MO1-dar-VF	↔ →	kúmuúpa "dar a ele/ela"

Os exemplos (28a-d) mostram que a nasal se realiza de formas diferentes, dependendo do local de articulação da consoante posterior, após apagamento da vogal alta /u/ do afixo {-mu-}. Nesses exemplos, o apagamento dessa vogal alta proporcionando o encontro consonantal entre nasal + consoante ocorreu sempre anteriormente à penúltima sílaba. Na penúltima sílaba, como atestado no exemplo (28e), o alongamento de penúltima sílaba bloqueia o apagamento da vogal alta, impossibilitando que o encontro nasal + consoante aconteça. O processo de assimilação nasal é comum a vários encontros entre nasais e consoantes. Em seções posteriores, veremos que a assimilação nasal também pode ocorrer concomitante à nasalização da próxima consoante ou do

endurecimento da próxima consoante da estrutura verbal ou nominal. Nas próximas subseções, serão descritos, inicialmente, os contextos em que apenas a assimilação nasal ocorre.

3.2.3.1 CONSOANTES OCLUSIVAS VOZEADAS /B, D, G, J/

As consoantes vozeadas /b, d, g e j/ tanto posteriores à redução de prefixos para nasais não silábicas [conferir exemplos em 29; (LIPHOLA, 2001, p. 65)] quanto para nasais silábicas [conferir exemplos em 30; (LEACH, 2010, p. 73)] acarretam assimilação nasal dos mesmos.

(29) *Nasais não silábicas + consoantes oclusivas vozeadas /b, d, g e j/*

- | | | | |
|-------|-------------------------------|---|--------------------------------|
| (29a) | <i>va-nku-ngú-byáá-a</i> | → | <i>vankúmbyááa</i> |
| | CN2-MTA-MO1S-matar-VF | → | "eles estão me matando" |
| (29b) | <i>va-nku-ngú-duúm-a</i> | → | <i>vankúnduíma</i> |
| | CN2-MTA-MO1S-aconselhar-VF | → | "eles estão me aconselhando" |
| (29c) | <i>va-nku-ngú-galol-eél-a</i> | → | <i>vankun'galoleéla</i> |
| | CN2-MTA-MO1S-prender-APL-VF | → | "eles estão me prendendo para" |
| (29d) | <i>va-nku-ngú-juúgw-a</i> | → | <i>vankúnjuúgwa</i> |
| | CN2-MTA-MO1S-requerer-VF | → | "eles estão me requerendo" |

(30) *Nasais silábicas + consoantes oclusivas vozeadas /b, d, g e j/*

- | | | | |
|-------|------------------------|---|-------------------------|
| (30a) | <i>/ku-mu-beb-a/</i> | → | <i>kúmbeéba</i> |
| | CN15-MO1-carregar-VF | → | "carregá-lo nas costas" |
| (30b) | <i>/ku-mu-dum-a/</i> | → | <i>kúnduíma</i> |
| | CN15-MO1-aconselhar-VF | → | "aconselhá-lo" |
| (30c) | <i>/ku-mu-jugwa/</i> | → | <i>kúnjuúgwa</i> |
| | CN15-MO1-requerer-VF | → | "requerê-lo" |

- (30d) /ku-mu-gaŋola/ → kúngaŋoóla
 CN15-MO1-empurrar-VF → "empurrá-lo"

3.2.3.2 NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTES OCLUSIVAS SURDAS /P, T, SH, K/

Após a redução do prefixo {-mu-}, como já foi demonstrado nos exemplos em (28), consoantes oclusivas surdas /p, t, k/ proporcionam a assimilação da nasal ao local de articulação da próxima consoante. A única exceção a essa regra acontece antes da africada /sh/, conforme mostra exemplo em (31) (LEACH, 2010, p. 71):

- (31) Contexto de não assimilação nasal /sh/

- (31a) /mu-shemba/ → msheémba ↔ *jšheémba
 CN3-molho → "molho"

No caso apresentado em (31a), /sh/ é pronunciado como [tʃ].

3.2.3.3 NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTES NASAIS /M, N, ŋ, D/

O encontro consonantal entre nasais silábicas com consoantes nasais /m, n, ŋ, ɲ/ também proporciona a assimilação do ponto de articulação da consoante nasal posterior. Os exemplos a seguir são de Leach (2010, p. 77):

- (32) Nasais silábicas + consoantes nasais /m, n, ŋ, ɲ/

- (32a) /mu-nemba/ → nneémba
 CN1-garoto → "garoto"
- (32b) /mu-ma-edi/ → mmeédi
 C18-CN6-água → "na água"

3.2.4 ASSIMILAÇÃO NASAL (A.N.) + NASALIZAÇÃO DE CONSOANTE (N.C.)

Existem certos contextos em que, além da assimilação nasal do prefixo reduzido à altura de articulação da próxima consoante, também ocorre nasalização da consoante adjacente. Esses contextos serão apresentados nas próximas subseções.

3.2.4.1 NASAIS NÃO SILÁBICAS + OCLUSIVAS SURDAS /P, T, SH, K/

As nasais não silábicas podem ocasionar a mudança da primeira consoante da base verbal. Nos exemplos em (33), Liphola (2001, p. 59) mostra que no Shimakonde da Costa, além da assimilação nasal, a nasalização dos prefixos {-ngu-} imediatamente anteriores a uma oclusiva surda proporcionam que essa oclusiva também se torne uma nasal. Os exemplos em (34) mostram o mesmo processo no Shimakonde do Planalto com o prefixo da classe nominal 10 {diN-} (LEACH, 2010, p. 73):

(33) *Nasais não silábicas + consoantes surdas /p, t, sh, k/: prefixo -ngu-*

(33a) *va-nku-ngú-pamb-iíl-a* ↔ *vankummbambiila*
 CN1-MTA-MO1S-agarrar-APL-VF → "eles estão agarrando por mim"

(33b) *va-nku-ngú-talak-eél-a* ↔ *vankúnnalakeéla*
 CN1-MTA-MO1S-cozinhar-APL-VF → "eles estão cozinhando por mim"³¹

³¹ O exemplo (33b) mostra mais um caso de sobreposição de dois processos na língua Shimakonde: o processo de harmonia vocálica (conferir seção 3.1.8) transforma o sufixo aplicativo *-il-* em *-el-*: */talakela/*, uma vez que ele é precedido por vogal média. O processo de dissimilação vocálica (conferir seção 2.1.9) transforma a vogal média */e/* da raiz */-talak-/* após incorporação do sufixo aplicativo em vogal baixa */a/*: *-/talakela/*. Esse caso mostra que o processo de harmonia vocálica acontece com as vogais subjacentes da língua e não com as vogais de superfície, uma vez que a harmonia vocálica não pode ser engatilhada pela vogal

- (33c) *va-nku-ngú-sham-eél-a* ↔ *vankuññameéla*
 CN1-MTA-MO1S-chamar-APL-VF → "eles estão chamando por mim"
- (33d) *va-nku-ngú-kamul-ii-la* ↔ *vankun'n'amuliila*
 CN1-MTA-MO1S-Segurar-APL-VF → "eles estão segurando por mim"
- (34) *Nasais não silábicas + consoantes surdas /p, t, sh, k/: prefixo diN-*
- (34a) */diN-pémbel/* → *díméembe*
 CN10-trombeta → "trombetas"
- (34b) */diN-tandovel/* → *dinandoóve*
 CN10-corda → "cordas"
- (34c) */diN-shija/* → *dijíija*
 CN10-raiz → "raízes"
- (34d) */diN-kuni/* → *dijúúni*
 CN10-lenha → "lenhas"

3.2.4.2 NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTES SONORAS ORAIS /L, V/

O encontro consonantal entre nasais silábicas derivadas de redução de prefixo {-mu-} e as consoantes sonoras orais /l e v/ também resulta no processo de nasalização de consoante (LIPHOLA, 2001, p. 68-72):

- (35) *Nasais silábicas + consoantes sonoras orais /l, v/*
- (35a) */mú-lúmel/* → *nníume*
 CN1-homem → "homem"
- (35b) */mú-láandi/* → *nnáandi*
 CN3-árvore → "árvore"

baixa /a/. O mesmo processo ocorre em (33c). Para mais informações sobre sobreposições de processos vocálicos, conferir Liphola (2001, p. 165-178).

- (35c) /*mu-vi-lóngo*/ → *mmiloôngo*
 CN18-CN8-panela → "na panela"
- (35d) /*va-nkú-mu-vín-il-a*/ → *vankúmmiñila*
 CN2-MTA-MO1-dançar-APL-VF → "eles estão dançando por ele"

3.2.5 ASSIMILAÇÃO NASAL (A.N.) + ENDURECIMENTO DE CONSOANTES (E.C.)

O endurecimento de consoantes acontece especificamente com as consoantes sonoras orais /l/ e /v/. Esse processo consiste na transformação dessas consoantes sonoras orais para oclusiva alveolar sonora /d/ e oclusiva bilabial sonora /b/, respectivamente, após a nasalização do prefixo.

3.2.5.1 NASAIS NÃO SILÁBICAS + CONSOANTES SONORAS ORAIS /L, V/

O encontro consonantal entre as nasais não silábicas derivadas de redução de prefixo {-ngu-} e as consoantes sonoras orais /l e v/ resulta, além do processo de assimilação nasal do prefixo, no processo de endurecimento de consoante posterior, conforme mostram os exemplos a seguir extraídos de Liphola (2001, p. 64):

- (36) *Nasais não silábicas + consoantes sonoras orais /l, v/*
- (36a) *va-nku-ngú-leék-a* ↔ *vankúndeéka*
 CN2-MTA-MO1S-deixar-VF → "eles estão me deixando"
- (36b) *va-ná-ngú-liîpa* ↔ *vanáñdiîpa*
 CN2-MTA-MO1S-pagar-VF → "eles me pagam"
- (36c) *va-nku-ngú-viniîla* ↔ *vankúmbiniîla*
 CN2-MTA-MO1S-dançar-APL-VF → "eles estão dançando por mim"

- (36d) *va-nku-ngú-valeéka* ↔ *vankú**mb**ateéka*
 CN2-MTA-MO1S-nascer-VF → "eles seguram em mim como bebê"

Em relação ao prefixo da classe nominal 10, existem diferenças entre o comportamento das consoantes /l/ e /v/ após a nasalização do mesmo. Enquanto a primeira apresenta endurecimento, a segunda não é afetada pelo processo (LEACH, 2010, p. 76):

- (37) *Prefixo classe 10 + consoantes sonoras orais /l, v/*

- (37a) */diN-limi/* → *díndíimi*
 CN10-língua → "línguas"

- (37b) */di-vola/* → *divoóla*
 CN10-picada → "picadas"

3.2.6 OUTROS PROCESSOS DE ENCONTROS NASAL + C

3.2.6.1 NASAL NÃO SILÁBICAS + CONSOANTES NASAIS /M, N, ŋ, D/

No encontro consonantal entre nasais não silábicas com consoantes nasais, ocorre o processo de fusão em uma única nasal (LEACH, 2010, p. 78):

- (38) *Nasal não silábica + consoante nasal /m, n, ŋ, D/*

- (38a) */iN-nondo/ -* → *inóóndo*
 CN9-estrela → "estrela"

- (38b) */iN-ŋaáma/* → *ijaáma*
 CN9-carne animal → "carne animal"

3.2.6.2 NASAIS NÃO SILÁBICAS + CONSOANTE SONORA ORAL /w/

Leach (2010, p. 76) atesta ter encontrado apenas duas raízes nominais pertencentes à classe 10 que aparentam iniciar com o glide /w/. Anteriormente a essas raízes, o prefixo da classe nominal 10 é acrescido da oclusiva velar /g/:

(39) *Nasais não silábicas + consoante sonora oral /w/*

(39a) /diN-widi/ → *dingwídi*
CN10-porta → "portas"

(39b) /diN-wono/ → *dingwoóno*
CN10-sono → "sonos"

3.2.6.3 NASAIS SILÁBICAS + CONSOANTE SONORA ORAL /w/

Raízes verbais iniciadas com o glide /w/ não são afetadas por uma nasal silábica precedente [conferir (40a)]. Além disso, o prefixo da classe 18 não reduz para uma silábica nasal antes de glides [conferir (40b)] (LEACH, 2010, p. 75-76):

(40) *Nasais silábicas + consoante sonora oral /w/*

(40a) /va-ndi-mu-wen-i-a/ → *vannímweenya*
CN2-MTA-MO1-ir-CAUS-VF → "eles o fizeram ir"

(40b) /mu-wino/ → *muwíno* ↔ **mwiíno*
CN18-pintura → "na pintura"

Esta seção finaliza a revisão sobre os encontros consonantais entre nasais e consoantes. O Quadro 5 apresenta um resumo dos processos

apresentados. Na próxima seção, veremos processos derivados de outros tipos de encontros consonantais.

QUADRO 5 - RESUMO DOS PROCESSOS DERIVADOS
DOS ENCONTROS ENTRE NASAIS E CONSOANTES

NASAL CONSOANTE	+	NASAL NÃO SILÁBICA (E.G. {-NGU-})	NASAL SILÁBICA {-MU-}
/b, d, j, g/		A.N.	A.N.
/p, t, sh, k/		A.N. + N. C.	A.N. ³²
/m, n, ɲ, ŋ/		FUSÃO DE CONSOANTES	A.N.
/v, l/		A.N. + E. C. ³³	A.N. + N. C.
/w/		ACRÉSCIMO DE OCLUSIVA /g/	SEM AFETAÇÃO ³⁴

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR.

3.2.7 OUTROS ENCONTROS CONSONANTAIS

3.2.7.1 ENDURECIMENTO DE CONSOANTE /l/ ANTEMORFEMAS -i- E -ile-

Além dos ambientes pós-nasal não silábica, existem outros dois contextos em que a consoante sonora oral /l/ sofre processo de endurecimento: quando ocorre no final de uma raiz verbal e é imediatamente seguida pelo prefixo causativo {-i-} ou pelo prefixo de perfectivo {-ile} (LEACH, 2010, p. 80):

(41) *Consoante sonora oral /l/ + morfema causativo ou perfectivo*

(41a) /ku-mu-lol-i-a/ → *kúnnoodya*
CN15-MO1-olhar-CAUS-VF → "Mostrar a ele"

(41b) /a-va-va-lol-ile/ → *avavaládiile*
NEG-CN2-MO2-olhar-PERF → "eles não olharam para eles"

³² Exceto nos encontros desse tipo de nasal com /sh/

³³ Exceto nos encontros de nasal da classe nominal 10 com /v/.

³⁴ Prefixo da classe nominal 18 nunca reduz para nasal nesse contexto.

Quando o glide faz parte da raiz verbal, não acontece endurecimento da consoante sonora oral /l/.

3.2.7.2 FRICATIVIZAÇÃO DE CONSOANTES

A fricativização é outro processo que afeta consoantes finais de raízes anteriores ao sufixo causativo. Nesse processo, ocorre a transformação de oclusivas surdas alveolares /t/ e de oclusivas surdas velares /k/ em fricativa alveolar surda /s/ em Shimakonde da costa³⁵ [conferir (42)] (LIPHOLA 2001, p. 81-82) e em sibilante palatal surda /sh/ em Shimakonde do planalto [conferir (43)] (LEACH, 2010, p. 80):

(42) *Shimakonde da Costa:*

(42a) /a-nku-túkút-i-a/ → *ankutúkuusya* /**ankutúkuutya*
 CN1-MTA-correr-CAUS-VF → "ele está causando correr"

(42b) /a-nku-lék-i-a/ → *ankuléesya* /**ankuléekya*
 CN1-MTA-deixar-CAUS-VF → "ele está causando ser proibido"

(43) *Shimakonde do Planalto*

(43a) /ku-pit-i-a/ → *kúpiisha*
 CN15-passar-CAUS-VF → "causar passar"

(43b) /ku-shuk-i-a/ → *kúshúusha*
 CN15-afrouxar-CAUS-VF → "causar afrouxar (uma arapuca)"

³⁵ De acordo com Leach (2010, p. 68), em Shimakonde do planalto, falantes geralmente pronunciam empréstimos do Swahili com o seu valor fonêmico original. Esse é o caso dos fonemas /f/, /s/ e /c/ (o último pronunciado como [ʃ]). Mas palavras emprestadas também podem ser integradas à língua. A modificação de /f/ para /p/ e de ambos /s/ e /c/ para /sh/ em Shimakonde do planalto são bons indicativos. A manutenção do valor fonêmico da língua de origem nos empréstimos para o Shimakonde da costa pode ser a explicação da inclusão do fonema /c/ além do contraste fonêmico entre /s/ e /sh/ nessa variante.

Embora a fricativização seja a resposta não marcada em Shimakonde da costa (ocorrendo apenas poucas exceções), em Shimakonde do planalto a resposta não marcada para a sequência é a manutenção da vogal alta da extensão causativa antes da vogal final e a inserção de um glide fonético na vogal de transição (LEACH, 2010, p. 80):

- (44a) /*ku-pot-i-a/* → *kúpóteeya* ↔ *kúpáteeya*
 CN15-enrolar-CAUS-VF → "causar enrolar (corda)"
- (44b) /*ku-pat-i-a/* → *kúpátiiya*
 CN15-receber-CAUS-VF → "causar receber"

3.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, fiz uma descrição dos principais processos fonológicos da língua Shimakonde. Dentre os processos vocálicos, descrevi o processo pós-lexical de alongamento de penúltima sílaba e o processo lexical de alongamento compensatório. Os encontros vocálicos possíveis na língua foram apresentados e os processos decorrentes desses encontros como a coalescência vocálica, formação de glide, fusão de vogais idênticas e fusão com apagamento de traço foram discutidos. Encerrei a seção de vogais com processos lexicais que ocorrem em sílabas anteriores à penúltima sílaba, como a harmonia vocálica e a assimilação vocálica. Em relação as consoantes, apresentei o fenômeno de redução de prefixo para nasal e como esse fenômeno afeta os encontros consonantais vizinhos dependendo das características articulatórias da

consoante adjacente, resultando em processos como a assimilação nasal, a nasalização de consoante, o endurecimento de consoante etc.

No próximo capítulo serão, descritos os principais aspectos de morfologia da língua.

CAPÍTULO 4

ELEMENTOS BÁSICOS DE MORFOLOGIA DO SHIMAKONDE

Este capítulo tem por objetivo analisar aspectos da morfologia nominal e verbal da língua Shimakonde. São contemplados aspectos como a estrutura verbal da língua, os prefixos nominais, a concordância de sujeito e objeto, os tipos de extensão verbal e as flexões temporais.

O capítulo está dividido em três seções. Na seção 4.1, apresento a descrição das classes nominais em Shimakonde, isto é, como os substantivos são classificados na língua; quais são os prefixos de cada classe; como eles são utilizados junto às raízes nominais e adjetivais; e como eles são utilizados nas concordâncias de sujeito e objeto; na seção 4.2, investigo a estrutura do verbo, com foco principal nos tipos de extensões verbais, a marcação de tempo e aspecto, como os prefixos nominais são utilizados para promover a concordância de sujeito e objeto na língua etc.; na seção 4.3, resumo o capítulo.

4.1 MORFOLOGIA NOMINAL

4.1.1 CLASSES NOMINAIS

Como já descrito na seção 2.1, as línguas Bantu, como parte do grupo Niger-Congo, se caracterizam pela subdivisão de seus substantivos em distintas classes nominais. O Shimakonde não é exceção. O primeiro aspecto que vale ressaltar é que, em geral, uma classe nominal ímpar forma seu plural com a classe nominal par seguinte. Destarte, o plural de um substantivo da classe nominal 1 será feito com o prefixo da classe 2; o plural de um substantivo da classe nominal 3 será feito com o prefixo da classe 4, e assim sucessivamente. Todavia, existem exceções nesse pareamento singular e plural. A classe nominal 11, por exemplo, faz plural com a classe nominal 10, enquanto a classe nominal 14 faz plural com a classe nominal 6. Liphola (2001, p. 18) também aponta a existência de substantivos da classe 14 que fazem plural com a classe 2 ou sem forma plural.

Como veremos adiante, os substantivos da classe nominal 1A, assim como toda a classe nominal 3, são regidos pelo mesmo prefixo *-mu-*, sendo a formação do plural (e as distintas marcas de concordância que engatilham) o modo de identificação a qual classe um substantivo regido por esse prefixo pertence.

No Quadro 6, adaptado de Leach (2010, p. 202), são apresentadas as 18 classes nominais da língua.

QUADRO 6 - CLASSES NOMINAIS DO SHIMAKONDE

CN	PREF.	/PREFIXO -RAIZ NOMINAL/	SUBSTANTIVO	
1	<i>mu-</i>	<i>/mu-nu/</i>	<i>muúnu</i>	"pessoa"
1A	<i>ø-</i>	<i>/ø-umu/</i>	<i>úumu</i>	"rei"
1B	<i>a-</i>	<i>/a-tata/</i>	<i>átáata</i>	"pai"
2	<i>va-</i>	<i>/va-nu/</i>	<i>vaánu</i>	"pessoas"
		<i>/va-umu/</i>	<i>váúumu</i>	"reis"
		<i>/va-tata/</i>	<i>vátáata</i>	"pais"
3	<i>mu-</i>	<i>/mu-landi/</i>	<i>nnáandi</i>	"árvore"
4	<i>mi-</i>	<i>/mi-landi/</i>	<i>miláandi</i>	"árvores"
5	<i>li-</i>	<i>/li-i/</i>	<i>lii</i>	"ovo"
6	<i>ma-</i>	<i>/ma-i/</i>	<i>maái</i>	"ovos"
7	<i>shi-</i>	<i>/shi-tali/</i>	<i>shitáali</i>	"ferro"
8	<i>vi-</i>	<i>/vi-tali/</i>	<i>vítáali</i>	"ferros"
9	<i>iN-</i>	<i>/iN-ŋande/</i>	<i>iŋaânde</i>	"casa"
9A	<i>i-</i>	<i>/i-kiti/</i>	<i>ikiiti</i>	"cadeira"
9B	<i>ø-</i>	<i>/ø-kandambali/</i>	<i>kandambaáli</i>	"(par de) sandálias"
10	<i>diN-</i>	<i>/diN-ŋande/</i>	<i>diŋaânde</i>	"casas"
10A	<i>di-</i>	<i>/di-kiti/</i>	<i>dikiiti</i>	"cadeiras"
		<i>/di-kandambali/</i>	<i>dikandambaáli</i>	"(pares de) sandálias"
11	<i>lu-</i>	<i>/lu-kuni/</i>	<i>lúkúúni</i>	"pedaço de lenha"
10	<i>diN-</i>	<i>/diN-kuni/</i>	<i>díŋúúni</i>	"lenha"
12	<i>ka-</i>	<i>/ka-pula/</i>	<i>kapuúla</i>	"faquinha"
13	<i>tu-</i>	<i>/tu-pula/</i>	<i>tupuúla</i>	"facão"
14	<i>u-</i>	<i>/u-panga/</i>	<i>upaânga</i>	"machete"
6	<i>ma-</i>	<i>/ma-panga/</i>	<i>mapaânga</i>	"machetes"
15	<i>ku-</i>	<i>/ku-jugwa/</i>	<i>kújúúgwa</i>	"requerer"
16	<i>pa-</i>	<i>/pa-kaja/</i>	<i>pakaâja</i>	"no lar"
17	<i>ku-</i>	<i>/ku-kaja/</i>	<i>kukaâja</i>	"para/do/no lar"
18	<i>mu-</i>	<i>/mu-kaja/</i>	<i>nkaâja</i>	"no acampamento"

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P. 202.

Especula-se que no protobantu as classes nominais tinham motivações semânticas. Todavia, no Shimakonde e demais línguas Bantu, essas motivações não são tão evidentes em todas as classes no momento sincrônico. No entanto, pode ser destacado que as classes 1 e 2 se referem majoritariamente a substantivos relacionados a pessoas. As classes 12 e 13 se referem a diminutivos aumentativos, respectivamente. A classe 14 se refere a substantivos abstratos e massivos. A classe 15 é destinada a infinitivos verbais e, por fim, as classes 16, 17 e 18 se referem a diferentes tipos de locativos: locativo situacional, locativo direcional e locativo de interioridade, respectivamente. Vale ressaltar que Ngunga (2000), citado em Langa (2002), considera os prefixos dos locativos como secundários, uma vez que eles se afixam a substantivos que já possuem outro prefixo que tem a função de engatilhar concordância.

No Quadro 7, a seguir, estão arrolados os pronomes pessoais e possessivos da língua (LEACH, 2010, p. 215-220), além dos afixos de concordância de sujeito e objeto que os pronomes pessoais engatilham nas raízes verbais (MPIUKA; LIPHOLA 2013, p. 8-9).

QUADRO 7 - PRONOMES DO SHIMAKONDE E SEUS AFIKOS DE CONCORDÂNCIA

PRONOME	C. N.	PESSOAL	POSSESSIVO	C. S.	C. O.
1S	1	<i>naângu</i>	<i>-angu</i>	<i>ni-</i>	<i>-ngu-</i>
1P	1	<i>weêtu</i>	<i>-etu</i>	<i>tu-</i>	<i>-tu-</i>
2S	1	<i>waâko</i>	<i>-ako</i>	<i>u-</i>	<i>-ku-</i>
2P	1	<i>mweênu</i>	<i>-enu</i>	<i>mu-</i>	<i>-mu-</i>
3S	1	<i>náae</i>	<i>-ake</i>	<i>a-</i>	<i>-mu-</i>
3P	2	<i>vanaâvo/vanaão</i>	<i>-avo/-ao/-ave</i>	<i>va-</i>	<i>-va-</i>

FORTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P. 215-220 E MPIUKA E LIPHOLA, 2013, P. 8-9.

Nos exemplos a seguir, são arrolados prefixos pessoais que engatilham a concordância verbal de sujeito e objeto (MPIUKA; LIPHOLA, 2013, p. 8-9). Eles estão dispostos em duas colunas. Na coluna da esquerda, estão negritados os morfemas de concordância de sujeito. Por sua vez, na coluna da direita, estão negritados os morfemas de concordância de objeto. Como o Shimakonde é uma língua pro-drop, os pronomes pessoais podem, opcionalmente, ser omitidos.

(1) Prefixos de sujeito/ prefixos de objeto

(1a) *Primeira pessoa do singular*

<i>(nangu) ni-ndi-tukut-a</i> EU 1S-MTA-correr-VF "eu corri"	<i>u-ndi-ngu-tukut-a</i> 2S-MTA-MO1S-correr-VF "você me fugiu"
--	--

(1b) *Primeira pessoa do plural*

<i>(weêtu) tu-ndi-tukut-a</i> NÓS 1P-MTA-correr-VF "nós corremos"	<i>a-ndi-tu-shum-a</i> CN1-MTA-MO1P-vencer-VF "ele nos venceu"
---	--

(1c) *Segunda pessoa do singular*

(<i>waâko</i>) u - <i>ndi-tukut-a</i> TU 2S-MTA-correr-VF "tu correste"	<i>ni-nda-ku-kanyol-a</i> 1S-MTA-MO2S-bater-VF "eu vou bater em você"
--	---

(1c) *Segunda pessoa do plural*

(<i>mweênu</i>) mu - <i>ndi-tukut-a</i> VÓS 2P-MTA-correr-VF "vós correstes"	<i>tu-nda-n-kody-a</i> 1P-MTA-MO2P-ALCANÇAR-VF "nós vos alcançaremos"
---	---

(1e) *Terceira pessoa do singular*

(<i>náae</i>) a - <i>ndi-tukut-a</i> ELE CN1-MTA-correr-VF "ele correu"	<i>ni-nda-n-nyakat-a</i> 1S-MTA-MO1-carregar-VF "eu vou carregá-lo"
--	---

(1f) *Terceira pessoa do plural*

(<i>vanaão</i>) va - <i>ndi-tukut-a</i> ELES CN2-MTA-correr-VF "eles correram"	<i>mu-nda-va-bya-a</i> 2P-MTA-MO2-matar-VF "vocês vão matá-los"
---	---

No Quadro 7, vimos que os pronomes pessoais estão classificados entre as classes nominais 1 e 2. Assim como os substantivos das classes 1 e 2, os substantivos das demais classes nominais também engatilham concordância por intermédio de seus prefixos. Dessa forma, a concordância em terceira pessoa (singular ou plural) na língua dependerá de qual substantivo a engatilha. Se for um pronome, um humano ou um substantivo que pertença a classes nominais 1 ou 2, o paradigma de concordância será feito pelos afixos dessas classes; se o substantivo for da classe 3, a concordância deverá ser feita pelo afixo dessa

classe, e assim por diante. No Quadro 8, a seguir, Leach (2010, p. 203) mostra, para cada classe nominal, os seus respectivos prefixos nominais (P.N.) além dos morfemas de concordância de sujeito (C.S.) e de concordância de objeto (C.O.). Vale ressaltar que os pronomes pessoais de terceira pessoa do singular e plural, *náae* e *vanaâvo/ vanaão*, como vimos no Quadro 7, engatilham os mesmos paradigmas de concordância de sujeito e objeto das classes nominais 1 e 2, respectivamente.

QUADRO 8 – PARADIGMAS DE CONCORDÂNCIAS DE SUJEITO E DE OBJETO

C.N.	EXEMPLO	P.N.	C.S.	C.O.
1	<i>Muínu</i>	<i>mu</i>	<i>a</i>	<i>mu</i>
2	<i>Vaánu</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>
3	<i>Nnáandi</i>	<i>mu</i>	<i>u</i>	--
4	<i>Miláandi</i>	<i>mi</i>	<i>vi</i>	--
5	<i>Liíi</i>	<i>Li</i>	<i>li</i>	--
6	<i>Maáí</i>	<i>ma</i>	<i>la ~ a</i>	--
7	<i>Shítáali</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	--
8	<i>Vítáali</i>	<i>Vi</i>	<i>vi</i>	--
9	<i>Iḡaânde</i>	<i>iN</i>	<i>i</i>	--
10	<i>Diḡaânde</i>	<i>diN</i>	<i>di</i>	--
11	<i>Lúkiúni</i>	<i>Lu</i>	<i>lu</i>	--
12	<i>Kapuúla</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	--
13	<i>Tupuúla</i>	<i>Tu</i>	<i>tu</i>	--
14	<i>Upaânga</i>	<i>U</i>	<i>u</i>	--
15	<i>Kújuúgwa</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	--
16	<i>Pakaâja</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	--
17	<i>Kukaâja</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	--
18	<i>Nkaâja</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	--

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P. 203.

Note que o afixo de concordância nem sempre é idêntico ao prefixo da classe nominal.

4.1.1.1 CONCORDÂNCIA DE SUJEITO

Além dos pronomes pessoais que estão distribuídos nas classes 1 e 2,³⁶ as demais classes nominais engatilham concordância de sujeito por meio de seus prefixos. Seguem alguns exemplos retirados de Liphola (2001, p. 22):

(2a) *Classes nominais 3 e 4*

<i>muu-ti</i> CN3-cabeça "a cabeça tinha quebrado"	<i>u-ndi-tumbukaang-a</i> CN3-MTA-quebrar-VF	<i>mii-ti</i> CN4-cabeça "as cabeças tinham quebrado"	<i>vi-ndi-tumbukaang-a</i> CN4-MTA-quebrar-VF
--	---	---	--

(2b) *Classes nominais 5 e 6*

<i>li-putipuuti</i> CN5-ovelha "a ovelha tinha ajoelhado"	<i>li-ndi-guguvaal-a</i> CN5-MTA-ajoelhar-VF	<i>ma-putipuuti</i> CN6-ovelha "as ovelhas tinham ajoelhado"	<i>a-ndi-guguvaal-a</i> CN6-MTA-ajoelhar-VF
---	---	--	--

(2c) *Classes nominais 7 e 8*

<i>shi-puula</i> CN7-faca "a faca tinha virado"	<i>shi-ndi-pindikuuk-a</i> CN7-MTA-virar-VF	<i>vi-puula</i> CN8-faca "as facas tinham virado"	<i>vi-ndi-pindikuuk-a</i> CN8-MTA-virar-VF
---	--	---	---

4.1.1.2 CONCORDÂNCIA DE OBJETO

Diferentemente dos paradigmas de concordância de sujeito, os quais são engatilhados por todas as classes nominais, a concordância de objeto é engatilhada apenas pelos prefixos das classes nominais 1 e 2. Além de todos os

³⁶ Como foi exposto, os pronomes pessoais pertencem às classes nominais 1 e 2. Mas o paradigma de concordância de terceira pessoa será engatilhado pelo afixo da classe nominal do substantivo ao qual se faz referência. Tomemos como exemplo o verbo *kutukuta* “fugir” e o Dp da classe 7 *shuni* “pássaro”. Assim, se na oração *Shuni shinditukuta*, “o pássaro fugiu” o sujeito for omitido da sentença: *shinditukuta*, o falante entenderá “ele fugiu”, sendo “ele” necessariamente um substantivo pertencente à classe 7, devido ao afixo de concordância de classe 7 *shi* necessariamente vir realizado na estrutura verbal.

substantivos da classe nominal 1 e seus respectivos plurais da classe nominal 2 (animados ou não animados), os substantivos animados de todas as demais classes nominais, em geral, também engatilham concordância de objeto por intermédio dos prefixos das classes nominais 1 e 2. A exceção à essa regra, como mostra Bonga (2014), são os substantivos animados das classes 6 e 8 que não engatilham concordância de objeto. Além disso, os substantivos animados das classes 9 e 10 engatilham concordância de objeto apenas quando são personificados. Nesse contexto, eles migram para as classes nominais 1 e 2. Os exemplos em (3), (4) e (5) retirados de Bonga (2014) mostram sentenças com objetos diretos compostos de substantivos animados de diferentes classes nominais.

(3) *Substantivos animados das classes nominais 1 e 2*

(3a) *ni-ndi-n-kody-a* *mu-nu*
 1S-MTA-MO1-encontrar-VF CN1-pessoa
 "eu encontrei a pessoa"

(3b) *ni-ndi-va-kody-a* *va-nu*
 1S-MTA-MO2-encontrar-VF CN2-pessoa
 "eu encontrei as pessoas"

(4) *Substantivos animados das classes nominais 5 e 6 / 7 e 8*

(4a) *ni-ndi-n-nivat-a* *li-puluputu*
 1S-MTA-MO1-pisar-VF CN5-borboleta
 "eu pisei na borboleta"

- (4b) *ni-ndi-livat-a* *ma-puluputu*
 1S-MTA-pisar-VF CN6-borboleta
 "eu pisei nas borboletas"
- (4c) *ni-ndi-mw-eng-a* *shi-ngula* *na* *shi-pula.*
 1S-MTA-MO1-cortar-VF CN7-coeho com CN7-faca
 "eu cortei o coelho com a faca"
- (4d) *ni-ndy-eng-a* *vi-ngula* *na* *shipula.*
 1S-MTA-cortar-VF CN8-coeho com CN7-faca
 "eu cortei os coelhos com a faca"
- (5) *Substantivos animados das classes nominais 9 e 10*
- (5a) *ni-ndi-gang'ol-a* *i-mbudi*
 1S-MTA-empurrar-VF CN9-cabrito
 "eu empurrei um cabrito"
- (5b) *ni-ndi-gang'ol-a* *di-mbudi*
 1S-MTA-empurrar-VF CN10-cabrito
 "eu empurrei uns cabritos"
- (5c) *ni-ndi-n'-gang'ol-a* \emptyset -mbud.
 1S-MTA-CN1-empurrar-VF CN1-cabrito
 "eu empurrei um cabrito"
- (5d) *ni-ndi-va-gang'ol-a* *va-mbudi*
 1S-MTA-CN2-EMPURRAR-VF CN2-cabrito
 "eu empurrei uns cabritos"

Os exemplos em (3) mostram que as classes nominais 1 e 2 engatilham concordância de objeto. Em (4a) e (4c), verifica-se que os substantivos animados da classe nominal 5 e da classe nominal 7, respectivamente, engatilham concordância de objeto com o prefixo nominal da classe 1. No entanto, em (4b) e (4d), seus respectivos plurais da classe nominal 6 e da classe

nominal 8 não engatilham concordância de objeto. Em (5a-b), note que os substantivos animados das classes nominais 9 e 10 não mudam seus prefixos nominais para os prefixos das classes nominais 1 e 2 e não engatilham concordância de objeto. Em (9 c-d), entretanto, os mesmos substantivos migram para as classes nominais 1 e 2, engatilhando concordância de objeto.

Os exemplos em (6) e (7) a seguir foram retirados de Leach (2010, p. 205) e, por sua vez, mostram sentenças com objetos diretos compostos de substantivos não animados de diferentes classes nominais:

(6) *Substantivos não animados das classes nominais 1 e 2*

(6a) *va-nkú-n-jalaáng-a* *ø-nangatoómwa*
CN2-MTA-MO1-jogar-VF CN1-borla
"eles estão jogando borla"

(6b) *va-nku-vá-jalaáng-a* *vá-nángátóomwa*
CN2-MTA-MO2-jogar-VF CN2-borla
"eles estão jogando borlas"

(7) *Substantivos não animados das classes nominais 3 e 4*

(7a) *va-nku-jálááng-a* *m-piila*
CN2-MTA-jogar-VF CN3-bola
"eles estão jogando bola"

(7b) *va-nku-jálááng-a* *mi-piila*
CN2-MTA-jogar-VF CN4-bola
"eles estão jogando bolas"

Os exemplos em (6) simplesmente atestam que os substantivos das classes nominais 1 e 2 não animados também engatilham concordância de objeto; todavia, substantivos não animados de outras classes nominais não

engatilham concordância de objeto como pode ser visto nos exemplos em (7).

4.1.1.3 CONCORDÂNCIA ADJETIVAL, POSSESSIVA, DEMONSTRATIVA E ENUMERATIVA

Além da concordância de sujeito e de objeto, as classes nominais que exercem concordância nos adjetivos, nos pronomes possessivos, nos pronomes demonstrativos e nos numerais³⁷ 1, 2 e 3 também são regidas pelos prefixos das classes nominais como estão dispostos no Quadro 9 a seguir.

QUADRO 9 – OUTROS PARADIGMAS DE CONCORDÂNCIA

C.N.	EXEMPLO	P.N.	C.A.	C.P.	C.D.	C.E.
1	<i>muúnu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>(g)u</i>	<i>ju</i>	<i>ju</i>
2	<i>vaánu</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>	<i>va</i>
3	<i>nnáandi</i>	<i>mu</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>
4	<i>miláandi</i>	<i>mi</i>	<i>mi ~ vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>mi</i>
5	<i>Liíi</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>	<i>li</i>
6	<i>Maáí</i>	<i>ma</i>	<i>ma</i>	<i>la ~ a</i>	<i>la ~ a</i>	<i>ma</i>
7	<i>shítáali</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>	<i>shi</i>
8	<i>vítáali</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>	<i>vi</i>
9	<i>iŋaânde</i>	<i>iN</i>	<i>iN / i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>
10	<i>diŋaânde</i>	<i>diN</i>	<i>diN / di</i>	<i>di</i>	<i>di</i>	<i>N</i>
11	<i>lúkúúni</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>	<i>lu</i>
12	<i>kapuúla</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>	<i>ka</i>
13	<i>tupuúla</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>	<i>tu</i>
14	<i>upaânga</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>	<i>u</i>
15	<i>kújúúgwa</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>
16	<i>pakaâja</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>	<i>pa</i>
17	<i>kukaâja</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>	<i>ku</i>
18	<i>nkaâja</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>	<i>mu</i>

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P. 203.

³⁷ Os demais numerais na língua não estabelecem concordância com os prefixos nominais.

Os exemplos em (8), (9), (10) e (11) mostram, respectivamente, os paradigmas de concordância já citados (LIPHOLA, 2001, p. 25-32):

(8) *Concordância adjetival*

mú-nú	n-gúlúguuma	vá-nú	vá-mboône
CN1-pessoa	CN1-redonda	CN2-pessoa	CN2-boa
"pessoa redonda"		"pessoas boas"	

(9) *Concordância possessiva*

mú-tí	w-áangu	mí-tí	vy-eêtu
CN3-cabeça	CN3-POS1S	CN4-cabeça	CN4-POS1P
"minha cabeça"		"nossas cabeças"	

(10) *Concordância demonstrativa*

lí-dódy	áá-li	má-dódy	áá-la
CN5-perna	DEM-CN5	CN6-perna	DEM-CN6
"essa perna"		"essas pernas"	

(11) *Concordância enumerativa*

shi-puûla	shii-mo	vi-puûla	vi-viili	vi-puûla	vi-taátu
CN7-faca	CN7-um	CN8-faca	CN8-dois	CN8-faca	CN8-três
"uma faca"		"duas facas"		"três facas"	

4.2 MORFOLOGIA VERBAL

4.2.1 ESTRUTURA VERBAL

O Quadro 10, a seguir, adaptado de Leach (2010, p. 86-98), representa a ordem em que ocorrem os morfemas na estrutura verbal do Shimakonde, seguindo a descrição de Meeussen (1967) sobre as línguas Bantu.

QUADRO 10 - ESTRUTURA VERBAL DO SHIMAKONDE

PRÉ I.	C.S.	PÓS I.	M.T.A.	C.O.	RAIZ	EXT (S)	FORM ³⁸ .
--------	------	--------	--------	------	------	---------	----------------------

FONTE: ADAPTADO DE LEACH, 2010, P. 86.

...	<i>tu-</i>	...	<i>-ndi-</i>	<i>-va-</i>	<i>-tukut-</i>	...	<i>-a</i>
	1P		PERF	CN2	CORRER		V.F.
<i>tundivatukuuta</i> "nós corremos deles"							

...	<i>tu-</i>	<i>-va-</i>	<i>-tukut-</i>	...	<i>-ile</i>
	1P			CN2	CORRER		PERF
<i>tuvatukutile</i> "nós corremos deles"							

<i>a-</i>	<i>tu-</i>	<i>-va-</i>	<i>-tukut-</i>	...	<i>-ile</i>
NEG	1P			CN2	CORRER		PERF
<i>atuvatukutile</i> "nós não corremos deles"							

...	<i>vá-</i>	<i>Ká</i>	<i>- twaal-</i>	...	<i>-a</i>
	CN2	NEG			PEGAR		V.F.
<i>vákátwaala</i> "eles não vão pegar"							

<i>mwá-</i>	<i>tú-</i>	...	<i>shí-</i>	...	<i>Tángál</i>	<i>-él</i>	<i>-a</i>
CN1CX	1P		PIMP		FALAR	APL	V.F.
<i>mwátúshitángáléela</i> "o modo no qual nós estamos falando"							

A lacuna pré-inicial é ocupada por morfema negativo primário e conectivos de ligação empregados em orações adverbiais e relativas³⁹. A lacuna de concordância de sujeito é de fato considerada a lacuna inicial do campo flexional do verbo. A lacuna pós-inicial é geralmente ocupada pela partícula -

³⁸ As abreviaturas no referido quadro representam: *Pré I.*: lacuna pré-inicial, *C.S.*: prefixo de concordância de sujeito, *Pós I.*: lacuna pós-inicial, *M.T.A.*: morfema de tempo e aspecto, *C.O.*: concordância de objeto, *Raiz*: raiz verbal, *Ext.*: extensões verbais e *Form.*: Formativo.

³⁹ Os tempos verbais "quando" descritos por Liphola (2001, p. 38) feitos pelo prefixo *pa-* como em *pá-vá-gúgúveel-e* "quando eles ajoelharam" segundo a descrição de Leach (2010, p. 91) são compostos pelo conectivo de ligação da classe nominal 16.

{ka-} usada para expressar o negativo secundário na língua, condicional, potencial e distal. A última lacuna do campo flexional se refere à marcação de tempo e aspecto. O tronco macro constitui os demais elementos da estrutura verbal como os paradigmas de concordância de objeto, a raiz verbal, extensão(ões) verbal(is) (como extensão aplicativa, extensão causativa, extensão estativa etc.) e formativo que pode ser ocupada geralmente pela vogal final {-a} (que indica modo indicativo), pela vogal final {-e} (que indica modo subjuntivo) e pelo perfectivo {-ile}.

4.2.2 MORFEMAS DE TEMPO E ASPECTO

Leach (2010, p. 101) lista seis afixos que ocupam a lacuna de marcação de tempo e aspecto: {-ndi-}, {-nda-}, {-nku-}, {-na-}, {-shinda-} e {-shi-}. Dentre esses afixos, dois tipos são diferenciados pelo autor: afixos neutros e afixos não neutros.

4.2.2.1 AFIXOS NEUTROS

Os afixos neutros são vinculados às estruturas consideradas básicas dos verbos. Essas estruturas verbais podem se manter por si mesmas dentro de uma única frase fonológica e possuem uma estrutura simples composta de prefixo do sujeito, prefixo de tempo-aspecto, que não seja nem composto nem um morfema reduzido, e um radical verbal com o sufixo neutro {-a}. Dois morfemas, responsáveis por quatro tempos verbais, se enquadram nessa

descrição: {-ndi-} e {-nda-}.

Os tempos verbais derivados pelo prefixo *-ndi-* apresentam aspecto perfectivo. Eles codificam o passado remoto [conferir (12a)] e passado recente na língua [conferir (12b)]. Por sua vez, os tempos verbais derivados do prefixo *-nda-* apresentam aspecto imperfeito. Eles codificam presente [conferir (13a)] e futuro [conferir (13b)]. A distinção entre os dois tempos marcados pelo prefixo *-ndi-*, assim como os dois tempos marcados pelo prefixo *-nda-*, é efetuada por meio de tom. Os exemplos a seguir são de Leach (2010, p. 102):

(12) *Prefixo de tempo e aspecto neutro -ndi-*

- | | | | |
|-------|--|--------|--|
| (12a) | <i>vá-ndí-tukuúit-a</i>
CN2-MTA-correr-VF | ↔
→ | <i>vá-ní-tukuúit-a</i>
"eles correram" |
| (12b) | <i>va-ndi-túkuúit-a</i>
CN2-MTA-correr-VF | ↔
→ | <i>va-ni-túkuúit-a</i>
"eles têm corrido" |
| (12c) | <i>va-ní-n-tukuúit-a</i>
CN2-MTA-MO1-correr-VF | ↔
→ | * <i>va-ndí-n-tukuúit-a</i>
"eles correram dele" |
| (12d) | <i>va-ni-ngú-túkuúit-a</i>
CN2-MTA-MO1S-correr-VF | ↔
→ | * <i>va-ndi-túkuúit-a</i>
"eles têm corrido de mim" |

(13) *Prefixo de tempo e aspecto neutro -nda-*

- | | | | |
|-------|---|--------|---|
| (13a) | <i>vá-ndá-tukuúit-a</i>
CN2-MTA-correr-VF | ↔
→ | <i>vá-ná-tukuúit-a</i>
"eles correm" |
| (13b) | <i>va-nda-túkuúit-a</i>
CN2-MTA-correr-VF | ↔
→ | <i>va-na-túkuúit-a</i>
"eles correrão" |
| (13c) | <i>vá-ná-n-tukuúit-a</i>
CN2-MTA-MO1-correr-VF | ↔
→ | * <i>vá-ndá-n-tukuúit-a</i>
"eles correm dele" |

- (13d) *va-na-ngú-túkuút-a* ↔ **va-nda-ngu-túkuút-a*
 CN2-MTA-MOIS-correr-VF → "eles correrão de mim"

Como apontam esses exemplos, os afixos *-ndi-* e *-nda-* podem ser reduzidos para *-ni-* e *-na-*, respectivamente. Essa redução geralmente é opcional como em (12a), (12b), (13a) e (13b). Ela se tornará obrigatória apenas nos contextos em que esses morfemas aparecerem seguidos por um prefixo reduzido para nasal ou pelo prefixo *ngu-* como em (12c), (12d), (13c) e (13d).

4.2.2.2 AFIXOS NÃO NEUTROS

Os afixos não neutros são formas derivadas. Eles se estruturam pela composição ou redução de outras formas. Os afixos *nku-*, *na-*, *shinda-* e *shi-* são exemplos dessa classe:

- (14a) *va-nku-túkuút-a* → "eles estão correndo"
 CN2-MTA-correr-VF
- (14b) *a-va-na-túkuút-a* → "eles não correm"
 NEG-CN2-MTA-correr-VF
- (14c) *vá-shíndá-túkuú-ta* ↔ *vá-shíná-túkuút-a*
 CN2-MTA-correr-VF → "eles estavam correndo"
- (14d) *a-va-shi-túkuút-a* → "eles não estavam correndo"
 NEG-CN2-MTA-correr-VF

Combinações desses seis afixos descritos, além de outros afixos nas posições pré e pós-inicial e de diferentes composições tonais são responsáveis pelos 45 tempos verbais encontrados na língua (23 positivos e 22 negativos).⁴⁰

A próxima seção será dedicada aos tempos verbais conjuntivos, disjuntivos e neutros na língua.

4.2.3 TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS, DISJUNTIVOS E NEUTROS

Como já previamente descrito na seção 3.1.2, existe uma distinção entre verbos conjuntivos e disjuntivos na língua no que tange à associação de estes com seus complementos acontecer em uma mesma frase fonológica ou em frases fonológicas diferentes. Os verbos conjuntivos obrigatoriamente estão em uma mesma frase fonológica com seu complemento que pode ser um objeto ou mesmo adjunto adverbial. Nessas situações, o foco do enunciado é direcionado inteiramente para o complemento oracional. As formas verbais disjuntivas, por outro lado, nunca estão em uma mesma frase fonológica do complemento e o complemento verbal não recebe uma focalização específica no discurso. Existem também os verbos neutros ou conjuntivos-disjuntivos que opcionalmente podem formar uma mesma frase fonológica com seu complemento. Kraals (2005, p. 231) argumenta que na língua Makonde a maioria dos tempos verbais é disjuntiva. Em relação à variante Chinnima,

⁴⁰ Conferir Liphola (2010, p. 35-39), para uma descrição completa dos tempos verbais, e Leach (2010, p. 139-156), para uma discussão sobre as prováveis etapas de derivação dos diferentes tempos verbais em Shimakonde.

existem seis tempos conjuntivos que formam par com seis tempos disjuntivos, além de cinco tempos conjuntivos-disjuntivos que, com exceção do infinitivo, estão interconectados com quatro tempos disjuntivos. No Quadro 11, a seguir, seguem alguns tempos verbais disjuntivos e seus respectivos pares conjuntivos adaptados de Leach (2010, p. 158-159). Os itens sublinhados nas glosas da tradução representam os termos em foco na oração.

QUADRO 11 - TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS E DISJUNTIVOS

	TEMPOS VERBAIS DISJUNTIVOS	TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS
PAS. REM.	<i>vá-ndí-taléék-a</i> <i>u-gwaáli</i> CN2-MTA-cozinhar-VF CN3-angu "eles cozinham angu"	<i>vá-tálék-é_</i> <i>ú-gwááli</i> CN2-cozinhar-VF CN3-angu "eles cozinham <u>angu</u> "
PAS. REC.	<i>va-ndi-táleék-a</i> <i>u-gwaáli</i> CN2-MTA-cozinhar-VF CN3-angu "eles têm cozinhado angu"	<i>va-talék-e_</i> <i>ú-gwááli</i> CN2-cozinhar-VF CN3-angu "eles têm cozinhado <u>angu</u> "
PRE. HAB.	<i>vá-ndá-taléék-a</i> <i>u-gwaáli</i> CN2-MTA-cozinhar-VF CN3-angu "eles cozinham angu"	<i>vá-tálék-á_</i> <i>ú-gwááli</i> CN2-cozinhar-VF CN3-angu "eles cozinham <u>angu</u> "
FUT.	<i>va-nda-táleék-a</i> <i>u-gwaáli</i> CN2-MTA-cozinhar-VF CN3-angu "eles cozinharão angu"	<i>vá-lótá_kú-talék-á_</i> <i>ú-gwááli</i> CN2-AUX- CN15-coz.-VF CN3-angu "eles irão cozinhar <u>angu</u> "
PAS. IMP.	<i>vá-shínda-taléék-a</i> <i>u-gwaáli</i> CN2-MTA-cozinhar-VF CN3-angu "eles estavam cozinhando angu"	<i>vá-shí-talék-á_</i> <i>ú-gwááli</i> CN2-cozinhar-VF CN3-angu "eles estavam cozinhando <u>angu</u> "

FONTE: ADAPTADOS DE LEACH, 2010, P. 158-159.

Uma característica importante dos verbos conjuntivos é que eles, com exceção do passado imperfeito, não apresentam marcas de tempo e aspecto na lacuna *M.T.A.* do campo flexional anterior ao tronco macro (conferir Quadro 10). Note que o alongamento de penúltima sílaba é desencadeado tanto no verbo quanto no complemento nos tempos verbais disjuntivos. Por outro lado,

os tempos verbais conjuntivos apresentam alongamento de penúltima sílaba apenas no complemento oracional.

Como dito anteriormente, alguns tempos verbais chamados de conjuntivos-disjuntivos opcionalmente entram em uma única frase fonológica com seu complemento. Não há contraste morfológico entre a forma disjuntiva e a forma conjuntiva desses verbos. O alongamento de penúltima sílaba é o diagnóstico para distingui-las. O Quadro 12 mostra alguns tempos verbais conjuntivos-disjuntivos (LEACH, 2010, p. 158).

QUADRO 12 - TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS-DISJUNTIVOS

TEMPOS VERBAIS CONJUNTIVOS –DISJUNTIVOS																									
INF.	<table border="0"> <tr> <td><i>kú-táléék-á</i></td> <td> </td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> <td><i>kú-tálék-á_</i></td> <td></td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> </tr> <tr> <td>CN15-coz.-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> <td>CN15-coz.-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> </tr> <tr> <td colspan="4">"cozinhar angu"</td> <td colspan="4">"cozinhar <u>angu</u>"</td> </tr> </table>	<i>kú-táléék-á</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>kú-tálék-á_</i>		<i>ú-gwááli</i>		CN15-coz.-VF		CN3-angu		CN15-coz.-VF		CN3-angu		"cozinhar angu"				"cozinhar <u>angu</u> "			
<i>kú-táléék-á</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>kú-tálék-á_</i>		<i>ú-gwááli</i>																			
CN15-coz.-VF		CN3-angu		CN15-coz.-VF		CN3-angu																			
"cozinhar angu"				"cozinhar <u>angu</u> "																					
IMP.	<table border="0"> <tr> <td><i>taleek-a</i></td> <td> </td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> <td><i>talek-a_</i></td> <td></td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> </tr> <tr> <td>cozinhar-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> <td>cozinhar-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> </tr> <tr> <td colspan="4">"cozinhe angu!"</td> <td colspan="4">"cozinhe <u>angu</u>!"</td> </tr> </table>	<i>taleek-a</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>talek-a_</i>		<i>ú-gwááli</i>		cozinhar-VF		CN3-angu		cozinhar-VF		CN3-angu		"cozinhe angu!"				"cozinhe <u>angu</u> !"			
<i>taleek-a</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>talek-a_</i>		<i>ú-gwááli</i>																			
cozinhar-VF		CN3-angu		cozinhar-VF		CN3-angu																			
"cozinhe angu!"				"cozinhe <u>angu</u> !"																					
SUB.	<table border="0"> <tr> <td><i>va-teleek-e</i></td> <td> </td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> <td><i>va-telek-e_</i></td> <td></td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> </tr> <tr> <td>CN2-cozinhar-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> <td>CN2-cozinhar-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> </tr> <tr> <td colspan="4">"eles deveriam cozinhar angu"</td> <td colspan="4">"eles deveriam cozinhar <u>angu</u>"</td> </tr> </table>	<i>va-teleek-e</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>va-telek-e_</i>		<i>ú-gwááli</i>		CN2-cozinhar-VF		CN3-angu		CN2-cozinhar-VF		CN3-angu		"eles deveriam cozinhar angu"				"eles deveriam cozinhar <u>angu</u> "			
<i>va-teleek-e</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>va-telek-e_</i>		<i>ú-gwááli</i>																			
CN2-cozinhar-VF		CN3-angu		CN2-cozinhar-VF		CN3-angu																			
"eles deveriam cozinhar angu"				"eles deveriam cozinhar <u>angu</u> "																					
PRE. PRO.	<table border="0"> <tr> <td><i>va-nku-táléék-á</i></td> <td> </td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> <td><i>va-nku-tálék-á_</i></td> <td></td> <td><i>ú-gwááli</i></td> <td> </td> </tr> <tr> <td>CN2-MTA-coz.-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> <td>CN2-MTA-coz.-VF</td> <td></td> <td>CN3-angu</td> <td></td> </tr> <tr> <td colspan="4">"eles estão cozinhando angu"</td> <td colspan="4">"eles estão cozinhando <u>angu</u>"</td> </tr> </table>	<i>va-nku-táléék-á</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>va-nku-tálék-á_</i>		<i>ú-gwááli</i>		CN2-MTA-coz.-VF		CN3-angu		CN2-MTA-coz.-VF		CN3-angu		"eles estão cozinhando angu"				"eles estão cozinhando <u>angu</u> "			
<i>va-nku-táléék-á</i>		<i>ú-gwááli</i>		<i>va-nku-tálék-á_</i>		<i>ú-gwááli</i>																			
CN2-MTA-coz.-VF		CN3-angu		CN2-MTA-coz.-VF		CN3-angu																			
"eles estão cozinhando angu"				"eles estão cozinhando <u>angu</u> "																					

FONTE: ADAPTADOS DE LEACH, 2010, P. 158.

Esta seção finaliza nossa revisão dos pontos essenciais da morfologia da língua Shimakonde.

4.2.4 EXTENSÕES VERBAIS

As extensões verbais em geral têm a função de ampliar o sentido expresso pelo verbo. Elas podem adicionar ou reduzir argumentos à valência verbal. No Shimakonde, até quatro extensões podem vir adicionadas ao verbo concomitantemente, como mostra Leach (2010, p. 108) nos exemplos a seguir:

- | | | | |
|-------|----------------------------------|---|--------------------------|
| (15) | <i>/kú-lúm-a/</i> | → | <i>kúlúúma</i> |
| | CN15-morder-VF | → | "morder" |
| (15a) | <i>/kú-lúm-úl-a/</i> | → | <i>kúlúmíúla</i> |
| | CN15-morder-SEP-VF | → | "cortar" |
| (15b) | <i>/kú-lúm-úl-áng-a/</i> | → | <i>kúlúmúláanga</i> |
| | CN15-morder-SEP-PLUR-VF | → | "cortar em pedaços" |
| (15c) | <i>/kú-lúm-úl-áng-íl-a/</i> | → | <i>kúlúmúlángíla</i> |
| | CN15-morder-SEP-PLU-APL-VF | → | "cortar em pedaços para" |
| (5d) | <i>/kú-lúm-úl-áng-íl-i-a/</i> | → | <i>kúlúmúlángiidyá</i> |
| | CN15-morder-SEP-PLUR-APL-CAUS-VF | → | "cortar inadequadamente" |

4.2.4.1 EXTENSÕES CAUSATIVAS (-I-, -ISHI-)

Extensões causativas em geral acrescentam um argumento à estrutura verbal. Adicionam um evento de causação [conferir exemplos em (16) e (17)] ou de intensidade que pode ser feita com o redobro do causativo [conferir (16b) e (17b)]. Em (18), é apresentado um exemplo com o alomorfe {-ishi-} (LEACH, 2010, p. 114-116):

- | | | | |
|-------|---------------------|---|-----------------|
| (16a) | <i>/kú-lál-i-a/</i> | → | <i>kúláádyá</i> |
| | CN15-deitar-CAUS-VF | → | "fazer deitar" |

- (16b) /kú-lál-i-i-a/ → kúláliya
 CN15-deitar-CAUS-CAUS-VF → "fazer dormir profundamente"
- (17a) /kú-wén-i-a/ → kúwéenya
 CN15-viajar-CAUS-VF → "causar viajar"
- (17b) /kú-wén-i-i-a/ → kúwáneeya
 CN15-viajar-CAUS-CAUS-VF → "causar viajar para longe"
- (18a) /kú-lí-ishi-a/ → kúliisha
 CN15-comer-CAUS-VF → "fazer comer, alimentar"

Note em (56b) que a forma com redobro de causativo não ocasiona o endurecimento da consoante /l/.

A extensão causativa ainda pode aparecer como {-idy-} ou {-edy-} em verbos que já tiveram uma extensão causativa lexicalizada na sua raiz.

- (19a) /kú-p(y)-i-a/ → kúpyeedya
 CN15-queimar(CAUS)-CAUS-VF → "fazer queimar"
- (19b) /kú-p(y)-i-i-a/ → kúpyeeya
 CN15-queimar(CAUS)-CAUS-CAUS-VF → "fazer queimar totalmente"
- (19c) /kú-púndi(sh)-i-a/ → kúpúndishiidya
 CN15-ensinar(CAUS)-CAUS-VF → "causar ensinar"

4.2.4.2 EXTENSÕES PASSIVAS (-IGU-, -U-)

A forma passiva {-u-}, mais próxima do protobantu, é uma forma lexicalizada no Shimakonde [conferir (20a-b)]. No entanto, a forma {-igu-} é bastante produtiva na língua [conferir (21a-b)] (LEACH, 2010, p. 119-120):

- (20a) /ku-ámbal(w)-a/ → kwáámbaalwa
 CN15-girar(PAS)-VF → "estar bêbado"

- (20b) /*kú-shím(w)-a/* → *kúshimwa*
 CN15-fechar(PASS)-VF → "estar zangado"
- (21a) /*kú-pút-igu-a/* → *kúpútigwa*
 CN15-acertar-PAS-VF → "ser acertado"
- (21b) /*kú-shém-igu-a/* → *kúshámegwa*
 CN15-chamar-PAS-VF → "ser chamado"

4.2.4.3 EXTENSÃO ESTATIVA (-IK-)

Extensões estativas dão um sentido de estado final ao evento. Os exemplos a seguir são de Leach (2010, p. 121):

- (22a) /*kú-pánd-ik-a/* → *kúpándiika*
 CN15-plantar-EST-VF → "estar plantado"
- (22b) /*kú-téma-ik-a/* → *kútámeke*
 CN15-quebrar-EST-VF → "estar quebrado"

4.2.4.4 EXTENSÃO APLICATIVA (-IL-)

A extensão applicativa {-il-} pode dar um sentido benefactivo (23a), instrumental (23b), comitativo (24a) ou sentido direcional (25a) dependendo do contexto (LEACH, 2010, p. 121-122):

- (23) /*kú-déng-il-a/* → *kúdángééla*
- (23a) *kú-vá-dáng-éél-a* *íṅ-áande*
 CN15-CN2-construir-APL-VF CN9-casa
 "construir casa para eles"
- (23b) *kú-dáng-él-a* *má-kángóolo*
 CN15-construir-APL-VF CN6-polo
 "construir por meio de polos"
- (24) /*kú-ly-él-a/* → *kúlyééla*

(24a) *kú-ly-éél-a* *ú-gwááli*
 CN15-comer-APL-VF CN3-angu
 "comer (carne) com angu"

(25) /*ku-lim-il-a*/ → *kúlimíila*

(25a) *kú-lím-il-a* *dín-jéele*
 CN15-cultivar-APL-VF CN10-milho
 "eliminar os milhos"

4.2.4.5 EXTENSÃO SEPARATIVA (-UL-)

A extensão separativa é comumente chamada de extensão reversiva. Em muitos casos, é usada para exprimir um sentido contrário ao evento denotado pelo verbo (LEACH, 2010, p. 122):

(26a) *kú-shím-úúl-a*
 CN15-fechar-SEP-VF → "abrir"

(26b) *kú-úng-úúl-a*
 CN15-trancar-SEP-VF → "destrancar"

(26c) *kú-lúm-úúl-a*
 CN15-morder-SEP-VF → "cortar"

4.2.4.6 EXTENSÃO ESTATIVA-SEPARATIVA (-UK-)

As extensões estativas-separativas dão um sentido estativo às construções separativas por meio da substituição da extensão separativa *-ul-* pela estativa-separativa *{-uk-}*. Essa extensão também é usada em raízes verbais terminadas em /ol/ e /ul/ (LEACH, 2010, p. 123):

(27a) *kú-shím-úúk-a*
 CN15-fechar-ESTS-VF → "estar aberto"

- (27b) *kú-úng-úúk-a*
 CN15-trancar-ESTS-VF → "estar destrancado"

4.2.4.7 EXTENSÃO RECÍPROCA (-AN-)

A extensão recíproca acarreta ideia de reciprocidade entre argumentos.

Os exemplos a seguir são de Leach (2010, p. 123-124):

- (28a) */kú-ón-án-a/* → *kwáánaána*
 CN15-ver-REC-VF → "ver um ao outro"
- (28b) */kú-kód(y)-an-a/* → *kúkódyaana / kúkódyaanya*
 CN15-encontrar-REC-VF → "encontrar um ao outro"
- (28c) */ku-íg(w)-an-a/* → *kuiígwaana / kuiígwanya*
 CN15-ouvir-REC-VF → "concordar um com o outro"

Note em (28b) e (28c) que, em raízes verbais terminadas em glide, a extensão recíproca pode ser opcionalmente realizada com um glide /y/ posterior.

4.2.4.8 EXTENSÃO PLURACIONAL (-ANG-)

A extensão pluracional é usada para designar grande quantidade de sujeitos e/ou objetos ou ações repetitivas ou intensificadas (conferir 69a-c). Além de formas produtivas com a extensão pluracional, também existem formas lexicalizadas [conferir (69d)] (LEACH, 2010, p. 126-127):

- (29a) *ni-ndi-túkút-aáng-a*
 1S-MTA-correr-PLUR-VF → "eu corri repetidamente"
- (29b) *tu-takatuk-aáng-e*
 1P-levantar-PLU-VF → "nós devemos todos levantar"

- (29c) *kw-ááńál-ááng-a*
 CN15-limpar-PLUR-VF → "limpar completamente"
- (29d) *kú-dídím-ááng-a*
 CN15-ser frio-PLU-VF → "estar fraco"

4.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, foram arroladas as classes nominais em que são distribuídos os substantivos da língua Shimakonde. Apresentei os principais paradigmas de concordância engatilhados pelos prefixos das classes nominais. Discorri sobre a estrutura do verbo apresentando seus morfemas característicos. Apontei os distintos afixos de tempo e aspecto e extensões verbais existentes na língua. Por fim, mostrei a distinção entre tempos verbais conjuntivos, disjuntivos e neutros.

O próximo capítulo destina-se à apresentação de trabalhos sobre passivas não canônicas em outras línguas que servirão de referência tipológica e teórica para análise das passivas não canônicas no Shimakonde.

CAPÍTULO 5

PASSIVAS NÃO CANÔNICAS EM OUTRAS LÍNGUAS

O presente capítulo visa a retomar trabalhos sobre as construções passivas em outras línguas, no intuito de arrolar os tipos de construções passivas não prototípicas que ocorrem nas línguas naturais.

O capítulo está dividido em duas seções. Na seção 5.1, apresento os dados sobre a língua Kimbundu conforme Givón (1979); na seção 5.2, abordo as construções passivas da língua Lunda analisadas em Givón e Kawasha (2006); na seção 5.3, analiso a língua Bemba abordada em Kula e Marten (2010); na seção 5.4, são arroladas as passivas da língua Kaqchikel de acordo com Broadwell e Duncan (2002); e na seção 5.5, é apresentado um resumo do capítulo.

5.1 KIMBUNDU

De acordo com Givón (1979, p. 188), a língua Kimbundu, dentre um grupo de línguas faladas na fronteira entre Zâmbia, Congo e Angola, como são exemplos o Lunda-Ndembu e o Lovale, perdeu as construções passivas realizadas por intermédio do afixo de passivização {-w-} do protobantu e restabeleceram esse tipo de estrutura sintática por meio de estratégia de deslocamento do argumento interno da posição de objeto para a posição de sujeito. Os exemplos do Kimbundu foram adaptados de Givón (1979, p. 188) conforme a seguir:

(1) Deslocamento de objeto:

(1a) *Aana* *a-mono* *Nzua*
crianças CN2-ver João
"As crianças viram João"

(1b) *Nzua,* *aana* *a-mu-mono*
João, crianças CN2-MO1-ver
"João, as crianças o viram."

(1c) *Nzua,* *ngi-mu-mono*
João, 1S-MO1-ver
"João, eu o vi."

(2) Passivização:

(2a) *Nzua* *a-mu-mono* *kwa* *même*
João CN2-MO1-ver por mim
"João foi visto por mim."

- (2b) *Même* *a-ngi-mono* *kwa* *Nzua*
 eu CN2-MO1S-ver por João
 "Eu fui visto por João."
- (2c) *Nzua* *a-mu-mono* *kwa* *aana*
 João CN2-MO1-ver por crianças
 "João foi visto pelas crianças."

Ainda segundo o autor, a marca de sujeito de terceira pessoa do plural se tornou a marca invariante de passiva no verbo. A concordância de objeto que se mantém na estrutura em deslocamento de tópico teria se tornado uma nova concordância de sujeito nessas construções. Essa passiva, portanto, é o resultado de gramaticalização de topicalização de objeto. Considere o seguinte exemplo agramatical em (3):

- (3) **Nzua* *a-ana* *a-mu-mono* *kwa* *même*.
 João crianças CN2-MO1-ver por mim
 "João, as crianças viram por mim."

Essa construção mostra que o morfema de concordância classe nominal 2 {-a} de fato não pode se referir a um DP específico, o que causaria a agramaticalidade na estrutura. Portanto, o prefixo em questão está estabelecendo uma função diversa, a qual não equivale à sua função tradicional de engatilhar a concordância com um DP. Os dados do Kimbundu foram discutidos apenas superficialmente no trabalho de Givón em capítulo sobre topicalização e passivização.

Na próxima subseção, analiso as construções passivas em Lunda.

5.2 LUNDA

A língua Lunda não apresenta a formação da voz passiva por meio do afixo {-w-}. Conforme Givón e Kawasha (2006), a formação da passiva em Lunda surgiu de contextos de deslocamento de objeto e com o verbo na terceira pessoa do plural impessoal conforme se vê pelos dados a seguir:

- (4a) *Joni w-a-mon-a Mari*
 John CN1-MTA-ver-VF Mary
 "John viu Mary"
- (4b) *Joni w-a-mu-mon-a*
 John CN1-MTA-MO1-ver-VF
 "John o/a viu."
- (4c) *Mari a-a-mu-mon-a*
 Mary CN2-MTA-MO1-ver-VF
 "Mary, eles a viram" / "Mary, ela foi vista" / "Mary foi vista."
- (4d) *a-a-mu-mon-a Mari kudi-Joni*
 CN2-MTA-MO1-ver-VF Mary DAT-John
 "Mary foi vista por John."
- (4e) *Mari a-a-mu-mon-a kudi-Joni*
 Mary CN2-MTA-MO1-ver-VF DAT-John
 "Mary foi vista por John."

Notem que os exemplos (4a) e (4b) equivalem a sentenças na voz ativa. Em (4a), o objeto vem realizado na sentença, enquanto em (4b) é recuperado anaforicamente pela concordância de objeto. Já o exemplo em (4c) apresenta leitura ambígua entre movimento de objeto ou voz passiva. Os dados em (4d) e (4e) apresentam apenas leitura passiva, independentemente se o DP tema vem

realizado após o verbo ou na periferia esquerda da sentença. O exemplo em (5), a seguir, mostra que a concordância de objeto não se refere ao argumento dentro da PP:

- (5) *Itala* *a-a-di-tuuña* *kudi-Mari*
 CN5-casa⁴¹ CN2-MTA-MO5-construir DAT-Mary
 "A casa foi construída por Mary."

Esse tipo de passiva na língua Lunda, todavia, parece permitir agentes adjungidos apenas em terceira pessoa:

- (6) **Mari* *a-a-mu-mona* *kud-aami*
 Mary CN2-MTA-MO1-ver DAT-mim
 "Mary foi vista por mim."

Givón e Kawasha (2006) apresentam três diagnósticos para testar as propriedades de sujeito do argumento tema nas construções passivas. Eles seguem o trabalho de Keenan (1976), que apresenta os seguintes diagnósticos:

i) Correferência sobre equivalência

Em certas orações encaixadas que apresentam a ideia de propósito, tanto o sujeito da passiva quanto o sujeito da ativa podem ser eliminados, se estiverem em coreferência com o sujeito da oração principal, como pode ser visto nos exemplos em (7):

⁴¹ No trabalho de Givón e Kawasha (2006), as classes nominais dos DPs nos exemplos não foram discriminadas. No trabalho em questão, a marcação de objeto foi glosada com o pronome *it* do inglês. Por manter a consistência com as demais glosas da presente dissertação, em que as classes nominais foram sempre especificadas, o trabalho de White (1944) sobre as classes nominais em Lunda e outras línguas aparentadas foi consultado.

- (7a) *Mari w-e-enk-a mwaana mukaanda*
 Mary CN1-MTA-dar-VF criança CN3-livro
 "Mary deu à criança um livro."
- (7b) *mwaana a-a-mw-eenk-a mukaanda kudi-Mari*
 criança CN2-MTA-MO1-dar-VF CN3-livro DAT-Mary
 "Para criança foi dado um livro por Mary."
- (7c) *Mari w-a-lond-eli kw-iink-a mwaana mukaanda*
 Mary CN1-MTA-vir para-ASP CN15-dar-VF CN1-criança CN3-livro
 "Mary veio para dar à criança um livro."
- (7d) *w-a-lond-eli ku-mw-iink-a mukaanda kudi-Mari*
 CN1-MTA-vir para-ASP CN15-OM1-dar-VF CN3-livro DAT-Mary
 "Ele/ela veio para ser dado(a) um livro por Mary."
- (7e) *Mari w-a-lond-eli kw-mw-iink-a mukaanda*
 Mary CN1-MTA-vir para-ASP CN15-MO1-dar-VF CN3-livro
 "Mary veio para dar a ele/ela um livro."
- (7f) *w-a-lond-eli ku-mw-iink-a-wu kudi-Mari*
 CN1-MTA-vir para-ASP CN15-MO1-dar-VF-MO3 DAT-Mary
 "Ele/Ela veio para lhe ser dado(a) isso por Mary."

Em (7a) e (7b), temos a voz ativa em oração simples e sua correspondente passiva, respectivamente. Os exemplos em (7c) e (7d) mostram orações encaixadas em voz ativa e passiva, respectivamente. Em ambos os casos, o sujeito da oração principal pode ser correferencial. As mesmas sentenças em (7c) e (7d) foram repetidas em (7e) e (7f), respectivamente, com um argumento substituído por pronome anafórico correspondente na estrutura verbal. O que chama atenção é que a construção em (7d) em voz passiva é

muito similar à construção (7e) em voz ativa, sendo o agente preposicionado a única diferença das estruturas.

(ii) Reflexivização

Em inglês e outras línguas, as passivas promocionais não aceitam reflexivização. Entretanto, passivas não promocionais ou impessoais formam sentenças gramaticais quando reflexivizadas. Considere os exemplos a seguir:

- (8a) *She was given a present by herself (Passiva promocional)
"A ela foi dado um presente por ela mesma."
- (8b) One finds oneself often in such a bind (Passiva impessoal)
"Alguém se encontra frequentemente em tal vínculo."

De acordo com Givón (2001, p. 129), a principal característica das passivas promocionais [como em (8a)] é que o tópico não agentivo da passiva é totalmente promovido a sujeito. No entanto, em passivas não promocionais [como em 8b)], o tópico não agentivo da passiva não é promovido a sujeito; ao contrário, mantém suas características gramaticais da oração ativa.

Os exemplos em (9) mostram que as passivas em Lunda não aceitam reflexivização, característica típica das passivas promocionais:

- 9a) *mwaana w-a-di-mon-a*
CN1-criança CN1-MTA-REFL-ver-VF
"A criança viu a si mesma."
- 9b) *mwaana a-a-mu-mon-a kudi-Mari*
CN1-criança CN2-MTA-MO1-ver-VF DAT-Mary
"A criança foi vista por Mary."

- 9c) **mwaana a-a-di-mon-a (kudi-yeena)*
 CN1-criança CN2-MTA-REFL-ver-VF (DAT-ela)
 "A criança foi vista por ela mesma."

(iii) Relativização

A língua Lunda apresenta padrões diferentes de relativização para orações relativas subjetivas e objetivas. Considere os exemplos em (10):

- (10a) *mwaana w-a-mon-a chisalu*
 CN1-criança CN1-MTA-ver-VF CN7-tapete
 "A criança viu o tapete."

- (10b) *mwaana ona w-a-mon-a chisalu*
 CN1-criança que CN1-MTA-ver-VF CN7-tapete
 "A criança que viu o tapete."

- (10c) *Chisalu chi-n-a-mon-a*
 CN7-tapete MO7-MS1SG-MTA-ver-VF
 "O tapete que eu vi."

- (10d) *Chisalu ch-a-mona-yi (mwaana)*
 CN7-tapete MO7-MTA-ver-MS1 (CN1-criança)
 "O tapete que ela (a criança) viu."

O exemplo em (10a) mostra uma oração simples, (10b) apresenta uma oração relativa subjetiva e os exemplos em (10c) e (10d) tratam de orações relativas objetivas com sujeito em primeira pessoa e com sujeito em terceira pessoa, respectivamente. Dentre as orações relativas objetivas, se o sujeito é de terceira pessoa, a estrutura é distinta daquelas com o sujeito em primeira ou segunda pessoa. Note que, nas orações relativas objetivas com sujeito em primeira ou segunda pessoa (10c), a posição do afixo de concordância de

sujeito é imediatamente anterior ao afixo de tempo e aspecto. Entretanto, para relativas objetivas diretas com sujeito em terceira pessoa (10d), a concordância de sujeito muda para uma posição de sufixo verbal. Além disso, o NP sujeito, quando realizado, aparece em posição pós-verbal.

Compare com as relativas de passivas em (11):

- (11a) *Chisalu* *a-a-chi-mon-a* *kudi-Mari*
 CN7-tapete CN2-MTA-MO7-ver-VF DAT-Mary
 "O tapete foi visto por Mary."
- (11b) *Chisalu* *ch-aa-mona-wu* *kudi-Mari*
 CN7-tapete OM7-MTA-ver-MS2 DAT-Mary
 "O tapete que foi visto por Mary."

Como exposto no exemplo (11b), nas orações passivas relativas, o afixo impessoal de plural {-wu} "eles" assume a posição de sufixo verbal, posição característica do agente/sujeito da oração ativa relativa objetiva. O morfema de concordância de sujeito da passiva não pode mais figurar na posição imediatamente anterior à raiz verbal e imediatamente posterior ao morfema de tempo aspecto. Pelo contrário, figura na posição característica que o prefixo de concordância objeto da oração relativa objetiva / sujeito da oração principal ocuparia em voz ativa. Nesse teste, portanto, o argumento tema da passiva em Lunda se comporta como objeto.

Dessa forma, em dois testes apresentados pelos pesquisadores, o argumento não agentivo das passivas na língua Lunda se comportou como

sujeito e em um deles como objeto. A passiva na língua apresenta um comportamento híbrido entre passiva não promocional e passiva promocional.

Os autores alegam que

(...) A passiva em Lunda surgiu gradualmente como uma substituta para a passiva Bantu promocional mais antiga, marcada pelo sufixo *-iwa / -ewa*, com a qual sem dúvida teve estreita interação. Pode-se dizer que a construção mais antiga ‘instruiu’ a nova por analogia sintática. Consequentemente, a substituta tem tentado fazer o seu melhor para imitar sua progenitora análoga. São as pesadas relíquias da morfologia que ainda não lhe permitiram seguir o caminho completo (GIVÓN; KAWASHA, 2006, p. 38, tradução nossa).⁴²

Nesta subseção, apontamos que a forma passiva na língua Lunda apresenta morfologia de voz ativa. Além disso, o morfema que ocupa a posição de concordância de sujeito na estrutura verbal pertence à classe nominal 2 e não exerce concordância com nenhum argumento na sentença. Por fim, o argumento que não aparece adjungido à estrutura engatilha morfologia de concordância de objeto, todavia apresenta comportamento de sujeito gramatical em alguns testes realizados. Por conta desses fatos, os pesquisadores sugerem que a forma passiva em Lunda é resultado de processo gramaticalização que substituiu a forma de passiva promocional mais antiga na língua.

Na próxima subseção, a língua Bemba será alvo de análise.

⁴² Do original: (...) The Lunda passive arose gradually as a replacement for, and no doubt in close interaction with, the older Bantu promotional passive, the one marked by the suffix *-iwa/-ewa*. One may say that the older construction ‘trained’ the new one by syntactic analogy. Consequently, the nascent de-transitive has been doing its level best to emulate its analogical progenitor. It is the cumbersome relics of morphology that have not yet allowed it go to all the way (GIVÓN; KAWASHA, 2006, p. 38).

5.3. BEMBA

Os dados das passivas em Bemba foram apresentados e discutidos no trabalho de Kula e Marten (2010). A língua Bemba possui duas construções passivas: uma mais antiga com a extensão verbal {-w-} e uma mais recente envolvendo a marcação de sujeito da classe nominal 2 {ba-}. Similarmente ao Lunda e ao Kimbundu, o morfema da classe 2 também oferece uma leitura ambígua entre um marcador referencial de um DP da classe 2 ou de uma marca passiva não especificada, que permite a interpretação de um agente não expresso. Essa construção é desambiguada pela realização de um DP sujeito da classe 2 ou pelo fato de o agente semântico estar em uma frase oblíqua adjunta. Ainda de acordo com os autores, na língua Bemba, as passivas em {ba-} estão sendo associadas cada vez mais a contextos típicos de passivas, enquanto a passiva em {-w-} está sendo relegada a contextos gramaticais mais marginais, como em situações em que o agente não pode ser expresso.

Os pesquisadores se apoiam em vários pesquisadores que apontam a falta da passiva por meio da realização do morfema em {-w-} em muitas línguas Bantu (STAPPERS, 1967; SCHADEBERG, 2003; HASPELMATH, 1990). Tal situação vem sendo interpretada como uma perda histórica da passiva canônica com o concomitante aparecimento da passiva não canônica

baseada apenas no prefixo de classe nominal 2 {va ~ ba}. Em Bemba, o comportamento sintático das estruturas passivas em {ba-}, ora como objeto, ora como sujeito, apontaria para um estágio intermediário de processo de gramaticalização.

As passivas por meio do morfema {ba-} geralmente expressam seus argumentos agentivos por intermédio da preposição *ku-/kuli*. A preposição *na* é geralmente usada com instrumentos. O prefixo {ba-} em Bemba, realizado na estrutura verbal, não concorda com o argumento tema nem com o argumento agentivo. Não há uma morfologia passiva visível, e o objeto, quando é movido para uma posição na periferia esquerda da sentença, engatilha a marca de objeto na estrutura verbal. Todos os exemplos da língua Bemba foram retirados de Kula e Marten (2010) conforme os dados a seguir:

- (12a) *abá-àna* *bá-alí-poos-a* *ify-ákulya*
 CN2-crianças CN2-MTA-descartar-VF CN7-comida
 "As crianças jogaram fora a comida."
- (12b) *bá-alí-poos-a* *ify-ákulya* (*ku* *bá-ána*)
 CN2-MTA-descartar-VF CN7-comida por CN2-crianças
 "A comida foi jogada fora pelas crianças."
- (12c) *ify-ákulya* *bá-alí-poos-a* *ku* *bá-ána*
 CN7-comida CN2-MTA-descartar-VF por CN2-crianças
 "A comida foi jogada fora pelas crianças."
- (12d) **ify-ákulya* *fí-alí-poos-a* *ku* *bá-ána*
 CN7-comida CN7-MTA-descartar-VF por CN2-crianças
 "A comida ela foi jogada fora pelas crianças."

- (12e) *(ifyákulya) bá-ali-fi-poos-a ku bá-ána*
 CN7-comida CN2-MTA-MO7-descartar-VF por 2-crianças
 "A comida ela foi jogada fora pelas crianças."
- (12f) *bá-ali-poos-a ify-ákulya*
 CN2-MTA-descartar-VF CN7-comida
 "Eles jogaram a comida fora." Ou "A comida foi jogada fora."

Note que o tema pode ser realizado tanto na periferia esquerda da sentença (12c) e (12e) quanto imediatamente após o verbo (12b) e (12f). O tema inanimado quando já vem referencialmente marcado pela concordância de objeto pode opcionalmente ser omitido da sentença como em (12e). A construção se torna agramatical se o prefixo {ba-} for substituído por um prefixo de concordância da classe nominal a que pertence o sujeito como em (12d). Note que o morfema {ba-} na estrutura verbal também não exerce concordância com o DP dentro da PP, como pode ser notado pelos exemplos em (13):

- (13a) *bá-ali-ly-a ify-ákulya (ku mu-mbúlu)*
 CN2-MTA-comer-VF CN7-comida por CN3-cão selvagem
 "A comida foi comida pelo cão selvagem."
- (13b) *bá-ali-tób-a ibééndé ku cii-mu-ti*
 CN2-MTA-quebrar-VF CN9.tigela por CN7-3-árvore
 "A tigela foi quebrada pela árvore."

Diferentemente de temas não animados em construções passivas em {-ba}, temas animados precisam coocorrer com a concordância de objeto quando estão deslocados para a periferia esquerda da sentença.

- (14a) *umw-ààna bá-alí-mu-ít-a ku mu-mbúlu*
 CN1-criança CN2-MTA-MO1-chamar-VF por CN3-cão selvagem
 "A criança foi chamada pelo cão selvagem."
- (14b) **umw-ààna bá-alí-ít-a ku mu-mbúlu*
 CN1-criança CN2-MTA-chamar-VF por CN3-cão selvagem
 "A criança foi chamada pelo cão selvagem."
- (14c) *bá-alí-it-a umw-ààna ku mu-mbúlu*
 CN2-MTA-chamar-VF CN1-criança por CN3-cão selvagem
 "A criança foi chamada pelo cão selvagem."

A principal evidência da ambiguidade sintática entre sujeito e objeto em passivas com o morfema {ba-} ocorre em orações relativas. O Bemba apresenta duas estratégias diferentes de orações relativas, a saber: uma envolvendo um pronome relativo e outra envolvendo mudança tonal da concordância de sujeito do predicado relativo, estratégia que é restrita a relativas subjetivas:

- (15a) *in-kókó ya-pépéek-é umu-mbúulu*
 CN9-galinha CN9.REL-perseguir-PERF CN3-cão selvagem

na-i-fika
 PRES-CN9-chegar
 "A galinha que perseguiu o cachorro chegou."
- (15b) **in-kókó u-pépéek-é umu-mbúulu*
 CN9-galinha CN3.REL-perseguir-PERF CN3-cão selvagem

na-i-fika
 PRES-CN9-chegar
 "A galinha que o cachorro perseguiu chegou."

(15c) *in-kókó* *iyó* *ú-pépéek-é* *umu-mbíulu*
 CN9-galinha CN9.REL CN3-perseguir-PERF CN3-cão selvagem

na-í-fíka

PRES-CN9-chegar

"A galinha que o cachorro perseguiu chegou."

Em (15a), o verbo da oração relativa estabelece concordância de sujeito com o DP da classe 9. O sujeito da oração principal também é sujeito na oração encaixada. A estratégia usada nesses contextos é a assimilação de tom baixo ao prefixo de concordância de sujeito da classe nominal 9 {ya-}, diferentemente do tom alto que esse prefixo receberia, se não estivesse em uma oração relativa. Em (15b), note que o sujeito da oração principal é o objeto da oração relativa. Nesse contexto, a concordância de sujeito com o verbo da relativa por meio do prefixo de classe nominal 3 {u-}, o qual vem expresso em tom baixo, torna a sentença agramatical, pois essa estratégia só é possível quando o sujeito da oração relativa também é sujeito da oração principal. A estratégia disponível para as orações relativas em que o seu objeto é sujeito da oração principal é o da realização de um pronome relativo como no exemplo em (15c).

Nas passivas por meio do prefixo {ba-}, o prefixo de sujeito no verbo não se refere a nenhum dos DPs presentes na construção. Portanto, essas estratégias permitem entender o comportamento sintático do argumento tema. Mais precisamente, se o objeto tema for de fato o objeto gramatical dessas construções, é esperado que a estratégia de mudança de tom não esteja

disponível, situação que nitidamente não ocorre. Os exemplos em (16), a seguir, mostram orações relativas de passivas por meio do prefixo {ba-}:

- (16a) *in-kókó* *ba-pépéek-é* *ku* *mu-mbúulu*
 CN9-galinha CN2.REL-perseguir-PERF por CN3-cão

na-i-fíka

PRES-CN9-chegar

"A galinha que foi perseguida pelo cachorro chegou."

- (16b) *in-kókó* *íyó* *bá-pépéek-é* *ku* *mu-mbúulu*
 CN9-galinha CN9.REL CN2-perseguir-PERF por CN3-cão

na-i-fíka

PRES-CN9-chegar

"A galinha que foi perseguida pelo cachorro chegou."

Observe que no exemplo em (16a) a estratégia de mudança para tom baixo, utilizada quando o sujeito da oração principal é o mesmo da oração encaixada, está disponível nas construções passivas em {ba-}. No exemplo em (16a), a realização do DP *in-kókó* como sujeito da relativa, o que é atestado pela estratégia de mudança tonal, só pode ocorrer em uma interpretação passiva da estrutura.

Em suma, na língua Lunda são reportados dois tipos de construções passivas. Uma delas é a forma canônica, isto é, a forma que se realiza por meio de morfologia passiva. O segundo tipo de construção passiva reportada na língua apresenta morfologia de voz ativa. Nessas construções, similarmente ao que ocorre na língua Kimbundu e na língua Lunda, o morfema de concordância

de sujeito pertence à classe nominal 2 e não estabelece concordância com nenhum argumento da sentença. Além disso, o argumento tema da sentença comporta-se como sujeito gramatical mesmo engatilhando morfologia de concordância de objeto.

Na próxima subseção, analiso as passivas não canônicas em Kaqchikel.

5.4 KAQCHIKEL

Kaqchikel é uma língua Maia falada na Guatemala. A existência de passivas construídas por meio de um pronome de terceira pessoa de plural em línguas fora do grupo Bantu demonstra que o fenômeno não é restrito ou específico a essas línguas. Os dados dessa língua foram retirados do trabalho de Broadwell e Duncan (2002). Como o Bemba, o Kaqchikel possui dois tipos de passivas: um tipo de passiva padrão que segue todos os pré-requisitos tipológicos prototípicos de passiva e outra forma de passiva com morfologia ativa que estabelece concordância ergativa com o pronome impessoal de terceira pessoa do plural. Os autores chamam essa forma alternativa de passiva em *ki*.

Kaqchikel é uma língua com alinhamento ergativo-absolutivo. A voz ativa é feita de maneiras diferentes para orações tipicamente transitivas e transitivas derivadas.

As sentenças tipicamente transitivas não têm marcação morfológica específica. Entretanto, as transitivas derivadas apresentam marcação morfológica sufixal do tipo /-Vj/⁴³. A passiva padrão na língua é não marcada ou marcada por mudança vocálica. Geralmente, uma raiz de verbo transitivo terá o padrão CVC com a vogal não acentuada. Na passiva padrão, a vogal pode mudar de não acentuada para acentuada. Na voz passiva de uma transitiva derivada, o sufixo muda de /-Vj/ para /-Vx/. Considere os exemplos de voz ativa em (17) e seus correspondentes em voz passiva em (18). Todos os exemplos da língua Kaqchikel foram extraídos do trabalho de Broadwell e Duncan (2002):

- (17a) *Ri achin* *x-u-ch'äy* *ri tz'i'*
o homem COM-3SE-acertar o cão
"O homem acertou o cão."
- (17b) *X-u-pax-ij* *ri achin* *ri b'ojoy*
COM-3SE-quebrar-TR o homem a tigela
"O homem quebrou a tigela"
- (18a) *Ri tz'i'* *x-ch'ay* *r-oma'* *ri achin*
o cão COM-acertar.PASS 3SE-por o homem
"O cão foi acertado pelo homem."
- (18b) *Ri b'ojoy* *x-pax-ix* *r-oma'* *ri achin*
a tigela COM-quebrar-PASS 3SE-por o homem
"A tigela foi quebrada pelo homem."

Note que, na voz ativa, o sujeito engatilha concordância ergativa no verbo; contudo, o sujeito absolutivo nas passivas não engatilha concordância no

⁴³ "V", nesse contexto, indica uma vogal qualquer.

verbo. O DP ergativo nas passivas aparece como possuidor de um pronome relacional. As passivas em *-ki* apresentam a mesma estrutura argumental das passivas padrão, mas diferem morfologicamente nos padrões de concordância.

Consideremos os exemplos em (19):

- (19a) *Ri tz'i'* *x-ki-chäp* *r-oma'* *ri achin*
 o cão COM-3PE-pegar 3SE-por o homem
 "O cão foi pego pelo homem."
- (19b) *Ri b'ojoy* *x-ki-pax-ij* *r-oma'* *rija'*
 a tigela COM-3PE-quebrar-TR 3SE-por ele
 "A tigela foi quebrada por ele."

O morfema */-ki/* utilizado em concordância ergativa de terceira pessoa do plural não estabelece concordância com nenhum DP na estrutura. O argumento absolutivo na estrutura não pode exercer concordância com um morfema ergativo. E o DP dentro da PP nos exemplos em (19) não é um DP plural. Note também que a morfologia é de voz ativa como pode ser notado pelo sufixo causativizador */-ij/* em (19b). O argumento dentro da PP pode ser representado por qualquer pessoa do discurso, conforme exemplos em (20):

- (20a) *Ri b'ojoy* *x-ki-pax-ij* *k-oma'* *rije'*
 a tigela COM-3PE-quebrar-TR 3PE-por eles
 "A tigela foi quebrada por eles."
- (20b) *Ri b'ojoy* *x-ki-pax-ij* *q-oma'* *roj*
 a tigela COM-3PE-quebrar-TR 1PE-por nós
 "A tigela foi quebrada por nós."

- (20c) *Ri tz'i'* *x-ki-tz'et* *aw-oma'* *rat*
 o cão COM-3PE-ver 2SE-por você
 "O cão foi visto por você."

No entanto, as passivas em Kaqchikel podem apresentar leitura ambígua. O morfema /ki/ pode se referir também a um DP plural ergativo em terceira pessoa e *-oma'* é um pronome relacional que pode significar tanto "por" quanto "por causa". Nos exemplos em (21) a seguir, a concordância absoluta também ocorre. Vale ressaltar que no sistema ergativo-absolutivo da língua a concordância absoluta é usada tanto para sujeitos de orações intransitivas quanto para objetos de orações transitivas.

- (21a) *Rin* *x-in-ki-b'a'* *r-oma'* *ri tz'i'*.
 eu COM-1SA-PASS-morder 3SE-por o cão
 "Eu fui mordido pelo cão."
- (21b) *Rin* *x-in-ki-b'a'* *r-oma'* *ri tz'i'*.
 eu COM-1SA-3PE-morder 3SE-por causa o cão
 "Eles me morderam por causa do cão."

Para demonstrar o estatuto de sujeito do argumento absoluto nas passivas em *ki*, dois testes foram propostos pelos autores.

O primeiro teste foi de uso de frases nominais orientadas para sujeito, como a frase *rik'i rurayb'äl*, "por seu desejo" ou "voluntariamente". Considere os exemplos em (22):

- (22a) *A Juan* *x-u-tz'ub'-aj* *xta* *Maria*
 CL Juan COM-3SE-beijar-TR CL Maria

r-ik'i *ru-rayb'äl.*
 3SE-por causa de 3SE-desejo
 "Juan beijou Maria voluntariamente." (Escolha de Juan.)

- (22b) *Xta Maria* *x-tz'ub'-äx* *r-oma'* *a* *Juan*
 CL Maria COM-beijar-PASS 3SE-por CL Juan

r-ik'i *ru-rayb'äl.*
 3SE-por causa de 3SE-desejo
 "Maria foi beijada por Juan voluntariamente." (Escolha de Maria.)

- (22d) *Xta Maria* *x-ki-tz'ub'-aj* *r-oma'* *a Juan*
 CL Maria COM-PASS.beijar-TR 3SE-por CL Juan

r-ik'i *ru-rayb'äl.*
 3SE-por causa de 3SE-desejo
 "Maria foi beijada por Juan voluntariamente." (Escolha de Maria.)

O segundo teste é relacionado com orações complementares. O complementizador *chi*, "que", é obrigatório apenas em casos em que o sujeito da oração principal é diferente do sujeito da oração encaixada. Caso o sujeito das duas orações seja o mesmo, o complementizador pode ser omitido:

- (23a) *A Juan* *n-r-ajo'* (*chi*)
 CL Juan INC-3SE-querer (COMP)

n-u-loq' *saqmolo.*
 INC-3SE-comprar ovos
 "Juan quer comprar ovos."

- (23b) *A Juan* *n-r-ajo'* *chi* *(rija')*
 CL Juan INC-3SE-querer COMP (ele)

n-u-loq' *saqmolo.*
 INC-3SE-comprar ovos
 "Juan_i quer que ele_j compre ovos."

- (23c) **A Juan* *n-r-ajo'* *rija'*
 CL Juan INC-3SE-querer ele

n-u-loq' *saqmolo.*
 INC-3SE-comprar ovos
 "Juan_i quer que ele_j compre ovos."

O complementizador pode ser omitido tanto nas passivas padrão quanto nas passivas em *ki*, atestando o estatuto de sujeito em ambas:

- (24a) *A Juan* *x-u-b'ij* *ch-w-e* *(chi)*
 CL Juan COM-3SE-contar PREP-3SE-para (COMP)

x-b'a-x *r-oma'* *ri tz'i'*
 COM-morder.PASS 3SE-por o cão
 "Juan_i me disse que ele_i foi mordido pelo cão." (Passiva padrão)

- (24b) *A Juan* *x-u-b'ij* *ch-w-e* *(chi)*
 CL Juan COM-3SE-contar PREP-3SE-to (COMP)

x-ki-b'a' *r-oma'* *ri tz'i'*
 COM-3PE-morder 3SE-por o cão
 "Juan_i me disse que ele_i foi mordido pelo cão." (Passiva em *ki*)

As construções passivas em *-ki* da língua Kaqchikel se assemelham com as passivas feitas com o morfema da classe 2 das línguas Bantu analisadas. O morfema {-ki-} canonicamente se refere um DP ergativo em terceira pessoa do plural e não exerce concordância com nenhum argumento na estrutura.

Também como ocorre nas outras línguas analisadas, o argumento tema se comporta como sujeito gramatical da sentença.

5.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, retomei trabalhos realizados em outras línguas sobre a tipologia de construções passivas não canônicas similares à que será apresentada no capítulo 6 sobre o Shimakonde. Para tal, apresentei nessas línguas a morfologia que é típica de voz ativa. No entanto, embora haja um morfema de terceira pessoa do plural, ele não exerce concordância com nenhum argumento da sentença. Além disso, o argumento não adjungido na estrutura, mesmo podendo engatilhar morfologia de concordância de objeto, tem comportamento sintático de sujeito gramatical.

No próximo capítulo, analisaremos as construções de passivas não canônicas da língua Shimakonde. Similarmente às construções apresentadas, também no Shimakonde as construções passivas não canônicas não apresentam morfologia visível de voz passiva. Além disso, o morfema da classe nominal 2 realizado na estrutura verbal não estabelece concordância com nenhum argumento na sentença e o morfema de objeto estabelece concordância com o DP alçado à posição pré-verbal.

CAPÍTULO 6

PASSIVAS NÃO CANÔNICAS NO SHIMAKONDE

Tendo em conta a tipologia de passivas não canônicas apresentadas na seção anterior, o presente capítulo visa a analisar as construções passivas não canônicas em Shimakonde. No Shimakonde, tal como ocorre na língua Bemba e na língua Kaqchikel, há duas construções de voz passiva. A primeira, considerada passiva canônica, realiza-se por intermédio do morfema de passivização {-igw-}. Já a segunda assemelha-se a construções de topicalização de objeto. Nessas estruturas, há indeterminação de sujeito por meio da forma verbal flexionada na terceira pessoa do plural, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (1) *Maria* *va-ndi-m-wabol-a*
 Maria CN2-MTA-MO1-aborrecer-VF
 “Aborreceram Maria. / Maria foi aborrecida/”

Além disso, note que o agente/desencadeador da ação pode ser inserido na estrutura por meio de um sintagma posposicional que figura em adjunção ao predicado conforme o exemplo em (2):

- (2) *Maria* *va-ndi-m-wabol-a* *namu João.*
 Maria CN2-MTA-MO1-aborrecer-VF por João
 "Maria foi aborrecida por João"

Tendo em conta os dados arrolados, a hipótese que assumo, doravante, neste capítulo, é a de que o morfema {va}, que figura nas construções passivas não canônicas, constitui, ao final das contas, a realização morfológica de voz passiva. Evidência de que esta análise está mesmo correta advém do fato de que esse prefixo não estabelece concordância com qualquer argumento do predicado, esteja ele na posição sintática externa ao VP ou em posição interna à projeção V'. Assumirei ainda que o DP que figura em posição inicial está em posição argumental, mais precisamente em posição de sujeito. As próximas seções buscam fornecer evidências empíricas de que essas hipóteses estão mesmo corretas.

Este capítulo está dividido em quatro seções, a saber: na seção 6.1, apresentam-se os dados relevantes sobre as vozes no Shimakonde, com foco principal nas passivas não canônicas; na seção 6.2, resumo as características das passivas não canônicas e apresento a proposta de que o prefixo de classe nominal 2 realiza-se como marca morfológica de voz passiva; na seção 6.3,

forneço vários diagnósticos sintáticos para demonstrar que o DP que ocupa a posição inicial, antes do verbo, na ordem linear, ocupa de fato uma posição argumental; e a seção 6.4 sumariza o capítulo.

6.1 REALIZAÇÃO DE VOZ EM SHIMAKONDE

Nesta seção, serão apresentados os paradigmas de realização de voz no Shimakonde. O objetivo principal do capítulo é analisar as construções de passivas não canônicas. Dessa forma, a voz ativa e a voz passiva canônica, que já foram discutidas no capítulo 4 desta dissertação, serão retomadas brevemente nas subseções seguintes, no intuito de proporcionar uma base de comparação com as construções passivas não canônicas. Na subseção 1, discute-se a voz ativa; na subseção 2, apresento as passivas canônicas da língua. Por fim, na subseção 3, investigam-se as passivas não canônicas.

6.1.1 VOZ ATIVA

Na voz ativa, em geral, nota-se que o DP em posição inicial engatilha o prefixo de concordância de classe na estrutura verbal, conforme se vê a seguir:

- (3) *João* *a-ndi-mw-abol-a* *Maria*
 João CN1-MTA-MO1-aborrecer-VF Maria
 "João aborreceu a Maria."

Note que, nesse exemplo, o DP *João* engatilha o afixo de concordância de sujeito da classe nominal 1 {a-} no verbo. Já o DP *Maria*, que é o objeto

direto da sentença, engatilha concordância de objeto no verbo por meio do prefixo {-mu-}⁴⁴, que figura na estrutura verbal logo após o morfema de tempo e aspecto. A seguir, investigo as construções de voz passiva canônica.

6.1.2 VOZ PASSIVA CANÔNICA

A voz passiva canônica no Shimakonde difere da voz ativa porque apresenta o sufixo de voz passiva {-igw-}. Note que, no exemplo a seguir, o DP Maria engatilha a concordância de sujeito na estrutura verbal pelo morfema de classe nominal 1 {a-}. Já a marca de concordância de objeto não pode figurar na estrutura morfológica do verbo. Além disso, a ocorrência do argumento externo por meio da preposição namu é opcional na estrutura.

- (4) *Maria* *a-ndy-abol-egw-a* (*namu João.*)
 Maria CN1-MTA-aborrecer-PASS-VF (por João.)
 "Maria foi aborrecida por João."

Passemos, na próxima subseção, a análise da voz passiva não canônica. Veremos que, nesse tipo de construção, não há prefixo de concordância entre o verbo e o sujeito.

6.1.3 VOZ PASSIVA NÃO CANÔNICA

A voz passiva não canônica, por sua vez, difere fundamentalmente da voz ativa e da voz passiva canônica porque apresenta morfologia semelhante à da voz ativa, já que não engatilha o morfema de passivização. Curiosamente,

⁴⁴ O Quadro 8, no capítulo 4, apresenta os paradigmas de concordância de sujeito e objeto desencadeados pelas diferentes classes nominais.

pode ainda acionar a concordância de objeto na estrutura verbal. Mais interessante ainda, nota-se que o afixo de concordância no verbo não se refere a nenhum DP interno ao predicado na oração. Comparem-se os exemplos a seguir:

- VOZ ATIVA
- (5a) *João* *a-ndi-m-wabol-a* *Maria*
 João CN1-MTA-MO1-aborrecer-VF Maria
 "João aborreceu a Maria."
- VOZ PASSIVA CANÔNICA
- (5b) *Maria* *a-ndy-abol-egw-a* (*namu João.*)
 Maria CN1-MTA-aborrecer-PASS-VF (por João)
 "Maria foi aborrecida por João."
- VOZ PASSIVA NÃO CANÔNICA
- (5c) *Maria* *va-ndi-mw-abol-a* (*namu João.*)
 Maria CN2-MTA-MO1-aborrecer-VF (por João)
 "Maria foi aborrecida por João."
- VOZ ATIVA
- (6a) *João* *a-ndi-n-not-a* *Maria*
 João CN1-MTA-MO1-desejar--VF Maria
 "João desejou Maria."
- VOZ PASSIVA CANÔNICA
- (6b) *Maria* *a-ndi-lot-egw-a* (*namu João.*)
 Maria CN1-MTA-desejar-PASS-VF (por Lucas)
 "Maria foi desejada por João."
- VOZ PASSIVA NÃO CANÔNICA
- (6c) *Maria* *va-ndi-n-not-a* (*namu João.*)
 Maria CN2-MTA-MO1-desejar- VF (por João)
 "Maria foi desejada por João."

- (9b) *Paula namu Maria va-ndi-va-wabol-a namu João.*
 Paula e Maria CN2-MTA-MO2-aborrecer-VF por João
 "Paula e Maria foram aborrecidas por João."

A agramaticalidade de (9a) deve-se ao fato de que a marcação de concordância de objeto na estrutura verbal tem que se referir ao DP que ocupa a posição inicial da sentença. A marca de objeto no verbo refere-se a nome de classe nominal 1, o que não poderia ter ocorrido já que o DP na posição inicial está no plural e engatilha o prefixo da classe 2. Em contrapartida, (9b) é gramatical, justamente porque a concordância de objeto dá-se por meio de prefixo da classe 2, situação que está condizente com os traços de número do sintagma *Paula namu Maria*. Por apresentar a concordância morfológica de objeto, uma hipótese plausível seria admitir que o DP na posição pré-verbal poderia ser um objeto movido para a posição de tópico de sentença no domínio do CP.

Pelos dados apresentados até aqui, somos levados a assumir que nas passivas não canônicas o morfema {va-} tem uma função distinta da que esse prefixo normalmente assume na voz ativa. Adicionalmente, note que a ocorrência do prefixo plural da classe 2 na estrutura verbal permite uma leitura passiva, todavia não ocorre situações em que os prefixos plurais de outras classes ocorram, conforme indica a agramaticalidade de (10b) a seguir:

- (10a) *Shilongo* *va-ndi-tumbul-a* *namu Ronaldo*
 CN7-vaso CN2-MTA-quebrar-VF por Ronaldo
 "O vaso foi quebrado por Ronaldo."
- (10b) **Shilongo* *vi-ndi-tumbul-a* *namu Ronaldo*
 CN7-vaso CN8-MTA-quebrar-VF por Ronaldo
 "O vaso foi quebrado por Ronaldo."

Observa-se, ainda, que as passivas não canônicas rejeitam argumentos externos não agentivos em posição de adjunto conforme exemplos a seguir:

- (11a) *Imbula* *i-ndi-nyati-y-ang-a* *ligali.*
 CN9-chuva CN9-MTA-sujar-CAUS-PLUR-VF CN5-carro
 "A chuva sujou o carro." lit.: "A chuva fez o carro ficar sujo."
- (11b) **Ligali* *va-ndi-nyati-y-ang-a* *na imbula.*
 CN5-carro CN2- MTA-sujar-CAUS-PLUR-VF por CN9-chuva
 Int.: "O carro foi sujado pela chuva"
- (11c) *Ligali* *va-ndi-nyati-y-ang-a* *namu Ronaldo.*
 CN5-carro CN2- MTA-sujar-CAUS-PLUR-VF por Ronaldo.
 "O carro foi sujado por Ronaldo"
 lit.: "O carro foi feito ficar sujo por Ronaldo."
- (11d) *Ligali* *va-ndi-nyati-y-ang-a* *mwa wa imbula.*
 CN5-carro CN2- MTA-sujar-CAUS-PLUR-VF por causa CN9-chuva
 "O carro foi feito sujo (por alguém) por causa da chuva."

Tendo em conta os dados examinados até aqui, percebe-se que a tipologia das construções passivas não canônicas no Shimakonde é bastante similar à tipologia das construções das línguas Kimbundu, Lunda, Bemba e Kaqchikel apresentadas no capítulo anterior, pois é possível concluir que: (i) o morfema {*va-*} não se refere a nenhum DP da estrutura e (ii) a marcação morfológica tipicamente utilizada como concordância de objeto se refere ao DP

em posição pré-verbal. Por essa razão, nossa análise precisa encontrar uma resposta satisfatória às seguintes questões:

- (i) Qual é o estatuto do morfema {va-}? Seria esse prefixo um expletivo que satisfaz a EPP?
- (ii) Qual é afinal a função sintática do DP alçado para a posição pré-verbal? Seria esse argumento um objeto em posição de tópico ou estaria esse argumento em posição de sujeito?

No intuito de responder preliminarmente às questões levantadas, proponho que o DP em posição pré-verbal ocupa uma posição argumental interno ao predicado e, portanto, não está em posição de tópico, mas sim em posição argumental. Já em relação ao prefixo {va-}, minha hipótese é que esse prefixo equivale a um morfema de voz, semelhantemente ao morfema {-igw-} que figura na voz passiva canônica.

As seções adiante têm como objetivo responder às questões propostas anteriormente.

6.2 ESTATUTO GRAMATICAL DO MORFEMA {VA-}

A análise das passivas não canônicas no Shimakonde, a exemplo das línguas apresentadas no capítulo 5, aponta para os seguintes fatos:

- (i) O argumento em posição pré-verbal engatilha concordância na estrutura verbal pelo morfema de concordância de objeto (assumo que esse morfema realiza-se como {Ø} quando a relação de concordância for estabelecida com um argumento não animado de classes nominais diferentes das classes 1 e 2).

- (ii) O argumento em posição pré-verbal tem interpretação semântica de afetado, similarmente ao que ocorre nas passivas canônicas.
- (iii) O argumento externo pode ser adjungido à sentença, introduzido pela preposição *namu*, também utilizada na passiva canônica.
- (iv) O morfema {va-}, em posição inicial da estrutura verbal, não estabelece concordância com nenhum DP na sentença.
- (v) Na posição inicial da estrutura verbal, não podem ocorrer prefixos de outras classes nominais diferentes do morfema de classe 2 {va-}, situação que acarretaria a agramaticalidade da construção ou a interpretação ativa da sentença.

Em consonância com o exposto, proponho que o morfema da classe nominal 2 {-va}, concomitante ao que ocorre nas demais línguas Bantu apresentadas na seção 5 e ao morfema {-ki} da língua Kaqchikel, gramaticalizou-se como uma marca morfológica de voz passiva semelhantemente ao morfema {-igw-} de voz passiva canônica. Essa hipótese ganha reforço adicional pelo fato de que, na voz passiva canônica, o morfema {-igw-} também não estabelece concordância com nenhum argumento na sentença. Todavia, o local na estrutura verbal em que os morfemas se realizam na voz passiva canônica e na voz passiva não canônica acarretam diferentes paradigmas de concordância de sujeito. Analisemos novamente as passivas canônicas e não canônicas. Considere os exemplos em (5) repetidos em (12):

- VOZ ATIVA
- (12a) *João* *a-ndi-mw-abol-a* *Maria*
 João CN1-MTA-MO1-aborrecer-VF Maria
 "João aborreceu a Maria."
- VOZ PASSIVA CANÔNICA
- (12b) *Maria* *a-ndy-abol-egw-a* (*namu João.*)
 Maria CN1-MTA-aborrecer-PASS-VF (por João.)
 "Maria foi aborrecida por João."
- VOZ PASSIVA NÃO CANÔNICA
- (12c) *Maria* *va-ndi-mw-abol-a* (*namu João.*)
 Maria PASS-MTA-MS1-aborrecer-VF (por João.)
 "Maria foi aborrecida por João."

Na passiva canônica, como mostra o dado em (12b), a concordância de sujeito ocorre como na voz ativa, isto é, realiza pelo morfema em posição inicial da estrutura verbal. Observa-se que a morfologia de passivização é realizada pelo morfema {-igw-} que ocorre como extensão verbal (conferir seção 4.2.3). A realização da morfologia de voz passiva nessa posição da estrutura verbal não oferece restrições para que a concordância de sujeito ocorra na sua posição prototípica. Em (12c), no entanto, a morfologia de voz passiva não canônica se realiza em posição inicial da estrutura verbal. Isso se deve, provavelmente, ao parentesco dessas construções passivas com as sentenças de indeterminação de sujeito em terceira pessoa do plural das quais podem ter se originado. O morfema que indica terceira pessoa do plural de classe nominal 2 em voz ativa, segundo proposta que apresento, tem função de morfema de

passivização nas construções passivas não canônicas. Portanto, devido a esse fato, a concordância de sujeito não pode ser estabelecida nessa posição da estrutura verbal. Nas construções passivas não canônicas, a realização da concordância de sujeito realiza-se, portanto, na posição em que prototipicamente se estabelece a concordância de objeto na voz ativa. Essa nova configuração de concordância de sujeito não oferece problemas para a interpretabilidade das orações, uma vez que os predicados em voz passiva não canônicas são monoargumentais, podendo ter seus argumentos externos adicionados à sentença por meio de adjunção.

Todavia, para se averiguar se esta análise que apresento se mostra de fato correta, é necessário atestar o seguinte:

- (i) O argumento em posição pré-verbal está mesmo em posição argumental, isto é, comporta-se como sujeito gramatical da construção, e não como objeto topicalizado, como sugere sua morfologia.

Tendo em conta essas observações iniciais, o propósito nas próximas seções é apresentar os diagnósticos sintáticos que possam confirmar essas hipóteses.

6.3 ESTÁ O DP INICIAL EM POSIÇÃO A OU POSIÇÃO A-BARRA?

Como vimos na última seção, assumimos que o morfema {va-} ocupa a mesma posição que, em geral, prefixos de concordância com o sujeito

gramatical figuram. Nesta subseção, o objetivo é demonstrar que o DP inicial é movido de sua posição interna ao VP para a posição de sujeito gramatical, i.e., Spec-TP. Vários diagnósticos podem ser utilizados para atestar se o argumento em posição de sujeito das passivas não canônicas está mesmo em posição A ou em posição A-barra. Por essa razão, nesta seção lançamos mão de vários dispositivos gramaticais, que são adotados no âmbito da literatura gerativista, no intuito de averiguarmos se os DPs em posição inicial figuram como objetos topicalizados ou se estão em posição de sujeito gramatical.

Começemos então com o diagnóstico da reflexivização. Para tal, a próxima seção tem por objetivo averiguar se a passiva não canônica tem características de passivas promocionais ou de passivas impessoais.

6.2.1 TESTE DE REFLEXIVIZAÇÃO

Se a proposta, segundo a qual o DP inicial se move de posição interna a VP para a posição de sujeito, estiver mesmo correta, então se espera que as construções passivas não canônicas não se comportem como as passivas não promocionais ou passivas impessoais em línguas como o inglês, conforme exemplos expostos na seção 5.2 e repetidos a seguir:

- (13a) *She was given a present by herself (Passiva promocional)
 "A ela foi dado um presente por ela mesma."
- (13b) One finds oneself often in such a bind (Passiva impessoal)
 "Alguém se encontra frequentemente em tal vínculo."

O que se observa é que passivas não promocionais aceitam reflexivização, enquanto passivas promocionais, quando reflexivizadas, formam orações agramaticais. Portanto, a gramaticalidade ou agramaticalidade da reflexivização em passivas não canônicas, como as do Shimakonde, pode revelar a natureza dessa construção. Se a reflexivização formar uma sentença gramatical, então a construção se comporta como uma passiva não promocional como em (13b). Caso contrário, se a reflexivização formar uma sentença agramatical, então a construção se comporta como uma passiva promocional como em (13a). Os exemplos em (14) mostram como se comportam as construções ativas, passivas canônicas e passivas não canônicas do Shimakonde quando estas vêm reflexivizadas.

(14a) *Maliya* *a-ndi-li-lol-a* *jo* *mwene*
 Maria CN1-MTA-MOR1-ver-VF ela mesma

mu *shi-lolo*
 CN18 CN7-espelho
 "Maria viu ela mesma no espelho." "Maria se viu no espelho."

(14b) *?Maliya* *a-ndi-lol-egw-a* *na* *jo* *mwene*
 Maria CN1-MTA-ver-PASS-VF por ela mesma

mu *shi-lolo*
 CN18 CN7-espelho
 "Maria foi vista por ela mesma no espelho."

- (14c) **Maliya va-ndi-lol-a na jo mwene*
 Maria CN2-MTA-ver-VF por ela mesma

mu shi-lolo

CN18 CN7-espelho

"Maria foi vista por ela mesma no espelho."

O exemplo em (14a) mostra que a construção reflexiva é possível na voz ativa como esperado. O exemplo em (14b), que mostra uma passiva canônica, não foi rejeitado em primeira mão pelo informante. Todavia, o falante afirma ser esta uma construção muito estranha e pouco natural na língua. A passiva não canônica (14c), no entanto, é agramatical. Dessa forma, o teste de reflexivização mostra que a passiva não canônica apresenta características de passivas promocionais. Assim, pelo teste de reflexivização, apresentamos um primeiro indício de que o DP em posição pré-verbal nas passivas não canônicas está realmente em posição A; ou seja, em posição de sujeito gramatical da sentença.

6.2.2 TESTE DE VIOLAÇÃO À CONDIÇÃO C

A Condição C, tal como formulado por Chomsky (1981), prediz que uma expressão referencial (como um nome próprio, por exemplo) não pode estar ligada por um pronominal que o c-comande, conforme o dado a seguir:

- (15) **He_i asked Mary to wash John_i.*
 "Ele_i pediu Mary para lavar John_i."

No exemplo em (15), a leitura coreferencial é agramatical. Para que a estrutura se torne gramatical, é preciso que o pronome 'he' tenha como referente um item que não seja John, que é justamente a interpretação que fazemos da sentença. Nesses contextos, efeitos de reconstrução de Condição C são encontrados e nos servem para detectar se houve movimento do DP para a posição- \bar{A} ou não. Isto é, em movimentos \bar{A} , mesmo que a expressão referencial anteceda o pronome, os efeitos de reconstrução de Condição C serão percebidos e não será possível uma leitura coreferencial. Em suma, um movimento \bar{A} não pode reparar a violação de condição C (LEGATE, 2014)

Considere os exemplos a seguir:

(16) Posição A:

(16a) John_i asked Mary to wash him_{i/k}.
"John_i pediu Mary para lavá-lo_i."

(16b) Mary was asked by John_i to wash him_{i/k}.
"Mary foi pedida por John_i para lavá-lo_{i/k}."

(17) Movimento \bar{A} :

(17a) John_i, he_{k/*i} asked Mary to wash.
"John_i, ele_{k/*i} pediu Mary para lavar."

(17b) Who_i he_{k/*i} asked Mary to wash?
"Quem_i ele_{k/*i} pediu Mary para lavar?"

Note que em todos esses exemplos a expressão referencial aparece antes do pronome na estrutura. No entanto, apenas quando a expressão referencial se

encontra em posição não argumental, como em (17), acontece violação da condição C. Nos exemplos em (16a) e (16b), em voz ativa e voz passiva, respectivamente, a leitura correferencial entre o pronome e a expressão referencial é possível, pois todos os DPs estão em posição argumental. Entretanto, na topicalização de objeto em (17a) e na questão em (17b), a expressão referencial que antecede o pronome não está em posição argumental.

Efeitos de reconstrução da Condição C são atestados em Shimakonde. Um pronome em posição de objeto pode ser coindexado com uma expressão referencial incorporada com o sujeito gramatical como nos exemplos (18a) e (19a). Mas um pronome na posição de sujeito não pode ser coindexado com uma expressão referencial dentro do objeto gramatical como nos exemplos (18b) e (19b). Em (18a) e (19a), o pronome não c-comanda a expressão referencial, ao contrário, o pronome é c-comando por ela. Em (18b) e (19b), o pronome c-comanda a expressão referencial, violando a condição C, o que torna a leitura coreferencial agramatical:

(18) (voz ativa)

(18a) *Ng'avanga wa ndyoko_i a-ndi-m-mum-a nae_{i/k}*
 CN1.cão POSS CN1-criança CN1-MTA-MO1-morder-VF ele
 "O cão da criança mordeu ele/ela."
 (O pronome -nae- "ele/ela" pode se referir a *ndyoko* "criança".)

- (18b) *Nae*^{*_{i/k}} *a-ndi-m-won-a* *ng'avanga*
 ele CN1-MTA-MO1-ver-VF CN1.cão
- wa n-dyoko_i*
 POSS CN1-criança
 "Ele/ela viu o cão da criança."
 (O pronome *-nae-* "ele/ela" não pode se referir a *ndyoko* "criança".)

(19) (Passiva canônica)

- (19a) *Ng'avanga wa ndyoko_i a-ndy-on-egw-a*
 CN1.cão POSS CN1-criança CN1-MTA-ver-PASS-VF
- namu nae_{i/k}.*
 por ela/ele
 "O cão das criança foi visto por ela/ele."
 (O pronome *-nae-* "ele/ela" pode se referir a *ndyoko* "criança".)

- (19b) *Nae*^{*_{i/k}} *a-ndy-on-egw-a* *namu ng'avanga*
 ela/ele CN1-MTA-ver-PASS-VF por CN1.cão
- wa ndyoko_i*
 POSS CN1-criança
 "Ele foi visto pelo cão da criança."
 (O pronome *-nae-* "ele/ela" não pode se referir a *ndyoko* "criança".)

No exemplo em (20), veremos que um movimento \bar{A} , como a topicalização de objeto no Shimakonde, como esperado, não repara efeitos da violação da condição C. Observe que a expressão referencial antecede ao pronome, mas não o c-comanda. Isso ocorre porque a expressão referencial foi deslocada para a posição inicial por meio de movimento \bar{A} . Assim sendo, a leitura correferencial, isto é, a leitura anafórica que correlaciona uma expressão referencial a um pronome, não é possível.

(20) (Topicalização de objeto)

(20a) *Ng'avanga wa ndyoko_i*
 CN1.cão POSS CN1-criança

*nae*_{i/k} a-ndi-m-won-a*
 ele/ela CN1-MTA-MO1-ver-VF

"O cão da criança, ele/ela viu."

(O pronome *-nae-* "ele/ela" não pode se referir a *ndyoko* "criança".)

Essas considerações sobre a natureza da condição C nos remetem novamente para as passivas não canônicas em Shimakonde. Em geral, pode haver uma situação, em Shimakonde, em que uma expressão referencial em posição pré-verbal de uma passiva não canônica tenha como seu referente um pronome que esteja em posição mais baixa na estrutura. Se a expressão referencial tiver sido alçada para aquela posição por meio de movimento A-barra de uma posição em que a expressão referencial não c-comande o pronome, haveria violação à condição C, o que claramente não ocorre, como mostram os dados a seguir:

(21a) *Ng'avanga wa va-dyoko_i va-ndi-m-won-a*
 CN1.cão POSS CN2-criança CN2-MTA-MO1-ver-VF

na vanao_{i/k}

por elas/eles

"O cão das crianças foi visto por elas/eles"

(O pronome *-vanao-* "eles/elas" pode se referir a *vadyoko* "crianças".)

- (21b) *Ing'ande* *ya* *nang'olo_i* *va-ndi-dang-a*
 CN9.casa POSS chefe CN2-MTA-construir.VF
- namu* *nae_{i/k}*
 por ele/ela.
 "A casa do chefe foi construída por ele/ela."
 (O pronome *-nae-* "ele/ela" pode se referir a *nang'olo* "chefe".)

O teste de aparente violação à Condição C apresentado traz, portanto, evidências adicionais a favor da minha hipótese, segundo a qual o DP em posição pré-verbal se comporta como os demais DPs iniciais que figuram em posição de sujeito nas vozes ativas e passivas canônicas. Nessas estruturas, o DP inicial está em posição-A. Em suma, o teste da Condição C apresenta fortes indícios de que o DP em posição inicial nas passivas não canônicas está em posição argumental.

6.2.3 HABILIDADE DE SER CONTROLADO POR PRO.

Assume-se, em geral, que *PRO* é um DP pronominal sem conteúdo fonológico. Esse pronome funciona como sujeito gramatical em orações não finitas. *PRO* se difere de *pro*, que é um DP pronominal sem conteúdo fonológico utilizado em orações finitas, podendo ser sujeito em línguas pro-drop como o português, francês e italiano, dentre outras. Em uma oração encaixada, *PRO* pode estar ligado ao sujeito ou ao objeto da oração principal (CHOMSKY, 1981; MARTIN, 2001; LEGATE, 2014).

- (22a) Kerry_i attempted PRO_i to study physics.
"Kerry tentou estudar física."
- (22b) Kerry persuaded Sarah_j PRO_j to study physics.
"Kerry persuadiu Sarah estudar física."

Pronomes, incluindo pro em elipses, exibem ambiguidade entre *strict reading* e *sloppy reading*, relativas à sua capacidade de referência ou ligação, respectivamente. PRO, por outro lado, em situação de controle, não permite *strict reading*, pois não pode estar em situação de correferência Compare os exemplos em (23):

- (23a) Mary promised that she would behave, and the teacher did too.
"Mary prometeu que ela se comportaria, e o professor também"
Strict reading: O professor prometeu que Mary se comportaria.
Sloppy reading: O professor prometeu que ele se comportaria.
- (23b) Mary promised to PRO behave, and the teacher did too.
"Mary prometeu comportar, e o professor também prometeu."
* *Strict reading*: O professor prometeu que Mary se comportaria.
Sloppy reading: O professor prometeu que ele se comportaria.

Os exemplos em (24) mostram que no Shimakonde orações relativas com um pronome realizado como (23a) *strict reading* é possível. Um pronome pode ser correferenciado neste tipo de construção:

- (24) *Nshikola* *a-ndi-kulupidy-a* [*doni nae*
CN1-aluno CN1-MTA-prometer-VF que ele/ela
- a-ka-ndi-kol-a* *ma-dengo]* *na mw-alimu* *yadao.*
CN1-COND-MTA-fazer-VF CN6-trabalho e CN1-professor também
"O aluno prometeu que ele trabalharia e o professor também."

Strict reading: O professor prometeu que o aluno trabalharia.

Sloppy reading: O professor prometeu que o professor trabalharia.

Os dados a seguir do Shimakonde, em voz ativa (25a) e em voz passiva canônica (25b), mostram, como esperado, que em contexto semelhante ao mostrado, em que substituímos o pronome por PRO, a leitura estrita (=strict reading) não é possível:

- (25a) *Nshikola* *a-ndi-kulupidy-a* [*PRO* *ku-kola*
 CN1-aluno CN1-MTA-prometer-VF CN15-fazer

madengo] *na* *mwalimu* *yadao.*
 CN6-trabalho e CN1-professor também
 "O aluno prometeu trabalhar e o professor também."

**Strict reading*: O professor prometeu que o aluno trabalharia.

Sloppy reading: O professor prometeu que o professor trabalharia.

- (25b) *Maliya* *a-ndi-lot-el-a* [*PRO* *ku-pim-igw-a*
 Maria CN1-MTA-querer-APP-VF CN15-tratar-PASS-VF

namu *Talatolu,* *na* *Ncuwawu* *yadao.*
 por CN1-médico e João também.
 "Maria desejou ser examinada pelo médico e João também."

**Strict reading*: João desejou que Maria fosse tratada pelo médico.

Sloppy reading: João desejou que João fosse tratado pelo médico.

Os dados em (25) mostram que *strict reading* não é possível. De fato, esses dados não causam controvérsias, pois as orações infinitivas são sempre marcadas com o prefixo da classe nominal 15. Diferentemente do português que apresenta infinitivos pessoais, a ocorrência de um prefixo de concordância

concomitantemente ao prefixo de infinitivo no Shimakonde não é possível. Tendo em conta que o prefixo {va-} ocupa o mesmo *slot* dos prefixos de concordância, ele não pode coocorrer com o morfema de infinitivo. Dessa forma, orações encaixadas com a passiva em {-va} podem gerar dúvidas se realmente ocorre *PRO* ou *pro*. No entanto, como vemos no exemplo em (26), a agramaticalidade da *strict reading* mostra claramente que se trata de *PRO* e, portanto, de contexto de controle.

- (26) *Maliya* *a-ndi-lot-el-a* [*PRO* *va-m-pim-e*
 Maria CN1-MTA-querer-APP-VF CN2-MO1-tratar-VF
- namu* *talatolu*], *na* *ncuwawu* *yadao*
 por cn1-médico e João também.
 "Maria desejou ser tratada pelo médico e João também."

**Strict reading*: João desejou que Maria fosse tratada pelo médico.

Sloppy reading: João desejou que João fosse tratado pelo médico.

O dado em (25) aponta claramente para dois fatos. O primeiro é que traz sustentação para a hipótese de que o morfema {va-} não está exercendo a função de concordância, mas sim que possui a função de marcador de voz passiva não canônica. O segundo fato tem a ver com a impossibilidade de haver a leitura estrita (*strict Reading*). Assim sendo, o fato de haver *PRO* na construção e não *pro* e o fato de *PRO* só ocupar posição de sujeito em orações encaixadas infinitivas servem de evidência adicional a favor de minha hipótese,

segundo a qual o DP inicial nas construções passiva não canônicas está realmente em posição de sujeito.

Pelos diagnósticos apresentados até aqui, fica demonstrado que as construções passivas não canônicas não envolvem topicalizações de objeto, uma vez que apresentam características típicas das passivas promocionais.

Em suma, tendo em conta as evidências empíricas apresentadas até aqui, estamos em condições de responder às questões levantadas no início deste capítulo. Concluo, então, que o prefixo {va-} realmente equivale a morfema de voz passiva e que o DP inicial está sempre em posição argumental nas construções passivas não canônicas.

6.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, descrevi as construções passivas não canônicas no Shimakonde. Esse tipo de construção apresenta o morfema da classe nominal 2{va-} utilizado para concordância do sujeito de terceira pessoa do plural não se referindo a nenhum DP na sentença, tal como as línguas apontadas no capítulo anterior. Destarte, propus que {va-} é uma realização morfológica de voz passiva. Para validar essa hipótese, apresentei vários diagnósticos para atestar a condição gramatical do argumento em posição pré-verbal. Os testes mostraram que esse argumento, mesmo estabelecendo concordância com o morfema que tipicamente expressa concordância de objeto em voz ativa, se

comporta sintaticamente com sujeito. Dessa forma, ficou atestado que o morfema {va-}, além de não estabelecer concordância com nenhum DP na estrutura, ele também não pode exercer função expletiva, pois o argumento em posição pré-verbal já satisfaz EPP, o que corrobora a análise desse morfema como instância morfológica de voz passiva.

No próximo capítulo, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo ampliar a descrição linguística da língua Shimakonde, uma língua do grupo linguístico Bantu, falada ao norte de Moçambique e Tanzânia, com ênfase nos processos de realização de voz na língua. Para tanto, no primeiro capítulo, elaborei uma breve introdução sobre o trabalho executado nesta pesquisa, bem como a metodologia utilizada e a sua justificativa.

Já no capítulo 2, apresentei um panorama sobre o grupo linguístico em que o Shimakonde se insere, isto é, o grupo linguístico Bantu, colocando em pauta teorias vigentes sobre a expansão dos povos progenitores das línguas desse grupo, as atividades exercidas por eles, como a agricultura e metalúrgica, bem como a origem geográfica do protobantu por meio de evidências históricas, arqueológicas e linguísticas. Mostrei que Moçambique é um país multiétnico e

plurilíngue. E, por fim, apresentei elementos sobre a etnia e a cultura Makonde, cuja língua foi alvo de descrição nesta dissertação.

No capítulo 3, discuti os principais processos fonológicos da língua Shimakonde. Na seção sobre os processos vocálicos, descrevi o processo pós-lexical de alongamento de penúltima sílaba e o processo lexical de alongamento compensatório, os encontros vocálicos e os processos decorrentes desses encontros, tanto silábicos quando lexicais. Na seção sobre os encontros consonantais, dei destaque para os processos decorrentes do encontro entre nasal derivada de redução de prefixo e as consoantes da língua.

No capítulo 4, foram arroladas as classes nominais em que são distribuídos os substantivos da língua Shimakonde e seus principais paradigmas de concordância. Discorri sobre a estrutura do verbo apresentando seus morfemas característicos, afixos de tempo e aspecto tanto disjuntivos quando conjuntivos e extensões verbais existentes na língua.

No capítulo 5, retomei os trabalhos realizados em outras línguas sobre a tipologia de construções passivas não canônicas similares à que ocorre na língua Shimakonde. O objetivo para tal foi investigar estudos de caso sobre esse tipo de estrutura já reportado na literatura, tendo em vista nortear a análise desenvolvida no capítulo seguinte. Em comum, essas línguas apresentam morfologia típica de voz ativa. Um morfema de concordância de sujeito em

terceira pessoa do plural é realizado na estrutura, porém ele não exerce concordância com nenhum argumento da sentença. Além disso, o argumento em posição pré-verbal tem comportamento sintático de sujeito gramatical.

Por fim, no capítulo 6, descrevi as características de realização de voz no Shimakonde com ênfase na voz passiva não canônica. Essa construção apresenta o morfema de classe nominal 2 {va-} que não exerce concordância com nenhum argumento da estrutura. Propus que esse morfema é uma realização morfológica de voz passiva e apresentei diagnósticos sintáticos para demonstrar que o DP em posição inicial tem estatuto gramatical de sujeito.

O Shimakonde, assim como várias outras línguas Bantu moçambicanas, ainda possui relativamente poucos trabalhos de descrição linguística. A dissertação, dessa forma, visou a preencher um pouco dessa lacuna. As línguas Bantu em geral apresentam grande variedade de paradigmas morfossintáticos e fonológicos que podem enriquecer categoricamente os estudos em teoria linguística.

As passivas não canônicas no Shimakonde mostraram que morfologia e sintaxe nem sempre são biunívocas e que uma língua pode passar por mudanças e reconfigurações, fazendo com que componentes morfológicos possam se readaptar a novas configurações sintáticas dentro do sistema linguístico.

O estudo dessas novas possibilidades sintáticas expressas pelas muitas reconfigurações pode revelar os meandros e a natureza das relações sintáticas por uma nova perspectiva. Neste estudo de caso particular, podemos especular uma grande ligação de similaridade entre construções passivas e construções de indeterminação de sujeito em terceira pessoa do plural. Pode ser o caso de que o sistema linguístico do Shimakonde tenha reconfigurado essas últimas para se manifestar como uma nova construção passiva em suas múltiplas funções comunicativas. Talvez a distinção entre voz ativa e passiva seja mais tênue que se supõe e que pequenas mudanças de parâmetros na derivação sintática possam ser responsáveis pela variedade de manifestação de Voz nas línguas.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, R. G. **The Study of West African Languages**. Ibadan, Ibadan Univ. Press. 1964.

BAHUCHET S. History of the inhabitants of the central African rain forest perspectives from comparative linguistics. In: HLADIK, C.M.; HLADIK, A.; LINARES O.F.; PAGEZY, H.; SEMPLE A.; HADLEY M. (Ed.) **Tropical Forests, People and Food: Biocultural Interactions and Applications to Development**. Paris: UNESCO, 1993. p. 37-54.

BAHUCHET, S. Languages of African rainforest "pygmy" hunter-gatherers: language shifts without cultural admixture. Paper presented at: **Historical linguistics and hunter-gatherers populations in global perspective** - Max-Planck Inst., Leipzig, Leipzig, Germany. Aug 2006.

BLEEK, W. H. I. **A comparative grammar of South African languages. Part 1: phonology**, Cape Town and London: J.C. Juta and Trübner & Co. 1862.

BLEEK, W. H. I. **A comparative grammar of South African languages. Part 2: the concord**, Cape Town and London: J.C. Juta and Trübner & Co. 1869.

BONGA, L. **Marcação diferencial de objeto em Shimakonde**. 2014. (Artigo não publicado).

BROADWELL, G. A.. DUNCAN L. A new passive in Kaqchikel. **Linguistic Discovery**, v. 1, n. 2, 2002. Disponível em: <http://journals.dartmouth.edu/cgi-bin/WebObjects/Journals.woa/1/xmlpage/1/article/161>. Acesso em: 8 abr. 2015.

CETS No.: 148. Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/education/minlang/textcharter/Charter/Charter_pt.pdf Acesso em: 30 out. 2014.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris. 1981.

DALSGAARD, J. **Tindzimi ta Mozambique** – Language and language policy in Mozambique. Århus: Århus University, 2005.

DIAMOND, J.; BELLWOOD P. Farmers and their languages: The first expansions. *Science* **300**, p. 596-603, 2003.

DOWNING, L. J. Opacity is a matter of representation: Shimakonde vowel harmony and vowel reduction. In: WEIRICH, M.; JANNEDY, S. (Ed.). **Papers from the Linguistics Laboratory**. (ZAS Papers in Linguistics 52), 2010. p. 159-191.

EHRET, C. **Cattle-keeping and milking in Eastern and Southern African history**: the linguistic evidence. *IA H*, VIII: 1- 17 (21, 27). 1967.

.EHRET, C. **Bantu origins and history**: critique and interpretation. *TIH*, 11: 1- 19 (21). 1972.

ETTLINGER, M. **Input-Driven Opacity**. University of California, Berkeley. PhD dissertation, 2008.

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**, NY: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 2, p. 417.

GIVÓN, T.; KAWASHA, B. Indiscrete grammatical relations: The Lunda passive. In: TSUNODA, T.; KAGEYAMA, T. (Ed.). **Voice and grammatical relations. In honor of Masayoshi Shibatani**. (Typological Studies in Language 65). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins. 2006. P. xviii + 342. ISBN 9027229767.

GREENBERG, J. H. **The languages of Africa**. Indiana Univ. (Intr. Geral). 1966.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO J. (Ed.). **História Geral da África I – Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 1981/ 2010. p. 317-336.

GUTHRIE, M. **Comparative Bantu: An Introduction to the Comparative Linguistics and Prehistory of the Bantu Languages**. Farnborough, Gregg International, 1967-1971. 4 v. (21, 25).

HASPELMATH, M. The grammaticalization of passive morphology. **Studies in Language**, n. 14, p. 25-72, 1990.

KEENAN, E. L. Toward a universal definition of “subject”. In: C. N. Li (Ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press. 1976. p. 303-333.

KRAAL, P. J. **A grammar of Makonde (Chinnima, Tanzania)**. PhD dissertation, Leiden: Leiden University, 2005. p. 459.

KRÖGER, O. **Algumas Notas Gramaticais sobre a Língua Emakhuwa**. Nampula: Sociedade Internacional de Linguística, 2005.

KULA, N. C.; MARTEN, L. Argument structure and agency in Bemba passives. In: LEGÈRE, K.; THORNELL, C. (Ed.). **Bantu Languages: Analyses, Description and Theory (East African Languages and Dialects, 20)**. Cologne: Rüdiger Köppe, 2010. p. 115-130.

LANGA, D. Algumas reflexões em volta das classes locativas em Changana. In: Direcção Científica (Ed.). **III Seminário de Investigação na UEM: Livro de Comunicações**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002. p. 153-163.

LEACH, M. B. **Things Hold Together: Foundations for a systemic treatment of verbal and nominal tone in Plateau Shimakonde**. 2010. 435 p. Doctoral dissertation. Leiden: Universiteit Leiden, 2010.

LEGATE, J. A. Voice and v: Lessons from Acehnese. **Linguistic Inquiry Monograph 69**, MIT Press, Cambridge, MA, 2014.

LIPHOLA, M. M. **Tom, Entonação e Acento de Intensidade na Língua Sí-Mákonde: Bases para um Estudo Morfotonológico**. 1991. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

LIPHOLA, M. **Aspects of phonology and morphology of Shimakonde**. 2001, Dissertation-Ohio State University, Ohio, 2001.

LOPES, A. J. **Política Linguística: Princípios e Problemas**. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1997.

LWANGA-LUNYIIGO, S.; VANSINA, J. Os povos falantes de Bantu e sua expansão In: EL FASI, M.; HRBEK, L. (Ed.). **História Geral da África III –**

África do século VII ao XI. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 1988/2010. p. 169-196.

MANUS, S. **Morphologie et tonologie du símákòòndè**. Institut National des Langues et Civilisations Orientales Département Afrique, PhD dissertation. Paris, 2003.

MANUS, S. **The prosody of Símákonde relative clauses**. ZAS papers in Linguistics 53, 2010. p. 159-186.

MARTIN, R. **Null Case and the Distribution of PRO**. Linguistic Inquiry 32.1, 2001. p. 141-166.

MEEUSSEN, A. Bantu grammatical reconstructions. **Africana Linguistica**, Tervuren, v. 61, n. 3, p. 79-121, 1967.

MITETELA, R. C. R. J. **As variações alomórficas do prefixo da classe 7 em shimakonde**. 2004. Dissertação (Mestrado)-Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2004.

MPIUKA, D. LIPHOLA, M.. **Pequeno Dicionário Makonde-Português Português-Makonde**. Maputo: Associação Progresso, 2013.

NGUNGA, A. **Apontamentos de Linguística Bantu**. Maputo: Faculdade de Letras-UEM, 2000.

NGUNGA, A. **The Role of African Languages in the Development of the Continent**. Comunicação apresentada no Special WOCAL 6 – World Congress of African Linguistics. São Paulo, 11-15 agosto 2008.

NURSE, D.; PHILIPPSON, G. **The Bantu languages**. London: Routledge, 2003.

ODDEN, D. Rufiji-Ruvuma (N10, P10-20). In: NURSE, D., PHILIPPSON, G. (Ed.). **The Bantu languages**. London: Routledge, 2003. p. 529-545.

PAINTER, C. The Guang and West African historical reconstruction. **GNQ**, n. 9, p. 58-66 (21), 1966.

PATIN, C.; & RIALLAND, A. **On the nature of rules sensitive to syntax: the case of Makonde tonology**. *Prosody and Syntax – Cross-Linguistics Perspectives*, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 285-302.

POSNANSKY, M. Introdução ao fim da Pré-História na África subsaariana. In: MOKHTAR, G. (Ed.). **História Geral da África II – África Antiga**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 1981/ 2010. p. 585-606.

REGO, S. V. **Descrição Sistémico-Funcional da Gramática do Modo Oracional das Orações em Nyungwe**. 2012. Tese (Doutorado)-Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

ROSEIRO, A. H. R. **Símbolos e práticas culturais dos Makonde**. 2013. Tese (Doutorado)-Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

SCHADEBERG, T. C. Derivation. In: NURSE, D.; PHILIPPSON, G. (Ed.). **The Bantu Languages**. London: Routledge, 2003. p. 71-89.

SITOE, B; NGUNGA A. (Ed.). **Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas**. Maputo: NELIMO – Centro de Estudos das Línguas Moçambicanas, Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

STAPPERS, L. Het passief suffix -u- in de Bantoe-talen. **Africana Linguistica** 3, p. 139-145, 1967.

WHITE, G. M. N. The noun prefixes of the West-Central zone of Bantu languages. **African Studies**, 34. 1944.